

Tércio de Lima Amaral



**Uma
ilha
sem
mulheres**

**As relações de gênero nos suplementos literários
da imprensa recifense em fins da década de 1920**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA CULTURA REGIONAL**

Uma ilha sem mulheres:

As relações de gênero nos suplementos literários da
imprensa recifense em fins da década de 1920

Tércio de Lima Amaral

le Lima Amaral

RECIFE

2016

Tércio de Lima Amaral

Uma ilha sem mulheres:

As relações de gênero nos suplementos literários da
imprensa recifense em fins da década de 1920

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de mestre, sob a orientação da professora Dr^a. Alcileide Cabral do Nascimento.

de Lima Amaral

RECIFE

2016

Ficha catalográfica

A485u Amaral, Tércio de Lima
 Uma ilha sem mulheres: as relações de gênero nos
 suplementos literários da imprensa recifense em fins da década de
 1920 / Tércio de Lima Amaral. – Recife, 2016.
 155 f. : il.

 Orientadora: Alcileide Cabral do Nascimento.
 Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional)
 - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
 História, Recife, 2016.
 Referências.

 1. Suplementos literários 2. Jornalismo cultural 3. Relações de
 gênero 4. Imprensa recifense I. Nascimento, Alcileide Cabral do,
 orientadora II. Título

CDD 981.3



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
SOCIAL DA CULTURA REGIONAL**

Uma ilha sem mulheres: as relações de gênero nos suplementos literários da
imprensa recifense em fins da década de 1920

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

Tércio de Lima Amaral

APROVADA EM 24 / 02 /2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dra. Alcileide Cabral do Nascimento
Orientadora – Programa Pós-Graduação em História – UFRPE

Prof^o Dra. Paula Reis Melo
Graduação em Jornalismo – UFPE

Prof^o Dr^o Flávio Weinstein Teixeira
Programa Pós-Graduação em História – UFPE

À minha avó, Maria de Lourdes, pelas histórias contadas,
quase sempre, pela metade. Assim como devem ser

“Que a voz do poeta nunca se levante
para ter ressonância nas alturas.
Que, o canto, das contidas amarguras,
somente seja a gota transbordante”

Mauro Mota

Agradecimentos

Essa é uma das partes mais difíceis de um trabalho de mestrado, agradecer aqueles que, de fato, contribuíram para eu chegar aqui. Poderia citar inúmeros colegas, professores, pesquisadores, entre outros, que tive contato através de e-mails, de conversas, e até mesmo em sala de aula. Mas como este espaço geralmente é o mais curto de qualquer dissertação, não seria eu o responsável por quebrar um protocolo acadêmico. Se para Cícero Dias, quando ele viu o mundo, o dito cujo começava no Recife, o meu, com licença poética, começou em Beberibe, na Zona Norte da capital. É de lá que eu agradeço às maiores agências financiadoras que eu pude ter: minha mãe, Maria Justina, e minha avó, Maria de Lourdes. São elas que aguentam e aguentaram a carga pesada de uma pessoa que sempre mesclou o bom humor e a ânsia por comprar (livros).

Se os agradecimentos envolvem questões geográficas, poderia me ater ainda às origens de tudo: Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, e na seca João Câmara, no Rio Grande Norte. Esta última cidade do meu pai, Zenildo Varela, e das fabulosas histórias de minha bisavó, que, em parte, mereciam um estudo polêmico de relações de gênero. Entre padarias, dedo em riste com delegados da cidade, se construíram fatos marcantes e traumatizantes de uma infância. Meu irmão, José Mateus, também entrou no fogo cruzado, mas não em João Câmara, permanecendo em Beberibe. Em boa parte de nossa convivência no mesmo quarto, ele suportava um fato insuportável para mim: dormir com a luz acesa. Eu estava lendo e contava com a sorte de seu sono generoso.

De Beberibe, esta história continua em Nazaré da Mata, onde concluí meu curso de licenciatura em história na Universidade de Pernambuco. De lá, participei de grupos de pesquisa, contei com ajuda de professores como Kalina Vanderley Silva, que apesar da pouca convivência após a conclusão da graduação, continua sendo uma referência profissional para mim. Ainda do interior, seria desonesto não citar meu grande afeto à professora Maria do Carmo Barbosa de Melo, quase uma “membra da família”. O tipo de professora que me quis bem, me inspirou com sua paixão pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e me repreendeu, acredite, em momentos mais que necessários. Ainda lembro do “sou sua amiga, mas

você precisa entregar seus trabalhos”. Agradeço ainda ao professor e amigo Alberon Lemos Gomes, à professora Marlene Araripe e ao mestre Anderson Vicente. Da UPE, guardo as lembranças de amigos e colegas, entre os mais especiais Alexsandro Ribeiro, Izabela Alves Gomes, Pedro Máximo, Paula (Paulíssima) Lima, Rosângela Dilila, Susana França, Tatiany Santos, Vanessa Silva e Walmilson Barros. Izabela, ainda, foi minha companheira e amiga na graduação de jornalismo, na mesma turma.

De minha graduação na UPE, parti, no meio do caminho para o curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Lá, tive sorte e contei com a ironia do destino. Faminto por pesquisar algo fora da área de história e dentro das ciências da comunicação, participei de uma pesquisa que resultou neste trabalho. O tema era história da imprensa. Não escapei. À convite da professora Aline Grego Lins, a pró-reitora mais querida da cidade, comecei um trabalho a respeito dos suplementos literários na imprensa recifense. Foi nesse momento que meu texto ganhou um “ar de informalidade”. Tive o luxo e o privilégio de contar com as leituras e correções de Aline, jornalista capaz de chefiar qualquer grande redação no Estado. Acredito até que foi uma espécie de professora particular de redação. O ex-governador de Pernambuco Eraldo Gueiros dizia que gratidão é um passivo que não prescreve. Minha gratidão à Aline está nesse conceito. Mas, como todo ex-orientando de PIBIC, eu sou daqueles que ainda levo cotidianamente meus dramas e felicidades à “primeira orientadora”. A orientação continua e não prescreveu.

Ainda da Católica, eu não poderia deixar de agradecer os professores Alexandre Figueirôa (Fig), Carla Patrícia, Marcelo Abreu, Paula Reis, Stella Maris e Vladimir Salvador. Exemplos e inspiração. Agradeço também aos meus colegas de curso, que em algum momento ou outro, me viram distantes da mesa de bar, seja pelo PIBIC, pelo estágio no *Diário de Pernambuco*, e agora, nesta conclusão de mestrado. Uma saudação à toda “ala”: Anny Stone, Clara Lima, Cris Sobral, Leonardo Trevas, Paulo Victor, membros fundadores, e aos ampliados, Elaine Batista, Marina Andrade, Pâmela Cavalcanti e Vanessa Silva. Também não poderia deixar de agradecer pelas trocas de ideias com os amigos Augusto Freitas, Flavita Conceição, Jaqueline Andrade, Nathalia Zerpa e Rebeca Kramer. Peças raras que entraram em minha vida e sabem que a pesquisa me fascina.

Da Unicap, até o reitor, padre Pedro Rubens, tem sua cota de participação. Foi ele quem me emprestou um celular quando eu deixei toda minha vida na

redação quando fazia um teste para um estágio no *Diario de Pernambuco*, onde estou até hoje. O fato aconteceu no Palácio do Campo das Princesas, é de conhecimento público, mas vale o registro. Dos grandes nomes, não poderia deixar de mencionar e agradecer ao jornalista Gladstone Vieira Belo, superintendente, vice-presidente e conselheiro do *Diario de Pernambuco* por muito tempo. “Doutor Gladstone”, como é tratado com respeito pelos funcionários da empresa, foi o responsável por me apresentar (e presentear), entre outros, com o livro de Arnaldo Jambo sobre a história do jornal mais antigo em circulação da América Latina. Gladstone é condômino dos *Diários Associados* e um dos nomes que merecem ter sua história contada em um bom capítulo da trajetória da imprensa recifense.

Dos colegas de trabalho, agradeço o apoio e a presença de minha referência maior, Marisa Gibson, *A Imbatível*, e dos chefes Andrea Pinheiro, Kauê Diniz e Suetoni Souto Maior. Suetoni sempre me perguntava quando eu começaria meu mestrado. Eu sempre achei que isso era uma torcida e não uma piada, como de praxe. De Kauê e Andrea, agradeço pela compreensão, em muitas vezes, por ter na equipe um repórter que, ao mesmo tempo, era estudante de um curso de mestrado. Não é fácil, principalmente quando a gente fala de uma editoria de política e que enfrenta, a cada dois anos, uma eleição. Andrea Pinheiro ainda se superou. Com muita paciência, me ajudou na revisão dos capítulos desse estudo. Também agradeço aos colegas do Centro de Documentação (Cedoc) do *Diario de Pernambuco* nas figuras do coordenador, Fernando Correia, e seus assistentes Alessandro Araújo e Azenate Gonçalves.

Por fim, agradeço ao apoio de todos os colegas de curso do mestrado em história da UFRPE, aos professores Giselda Brito, Marcília Gama, Tiago Melo Gomes e Wellington Barbosa. Ainda na UFRPE, eu não poderia deixar de mencionar a professora Alcileide Cabral do Nascimento. De minha orientadora, eu levo a lição da simplicidade, conhecimento e a vontade de transmitir ensinamentos. Nenhum desses capítulos teriam sido produzidos sem a sua orientação e abertura para o diálogo. Posso dizer, com muito orgulho, que eu contei com uma orientadora presente do começo ao fim do trabalho. Foram várias as leituras, os encontros e a troca de ideias. E, em uma descoberta dada pelo destino, descobri, apesar de não termos contatos anteriores, que minha orientadora também morou em Beberibe. Os agradecimentos, assim, terminam por onde começaram. Pelo meu bairro. Um obrigado a todos, citados e não citados.

Resumo

Essa pesquisa analisa as representações das relações de gênero à luz da imprensa durante a formação do jornalismo de entretenimento na cidade do Recife em fins da Primeira República (1889-1930). Para isso, utilizamos como fontes os jornais Diário de Pernambuco, entre junho de 1924 e junho de 1925, e Diário da Manhã, entre abril de 1927 e abril de 1928. Os dois jornais foram pioneiros na publicação de cadernos e páginas especiais voltados à literatura e, mantiveram, na imprensa recifense, suplementos com duração superior a um ano na década de 1920. Esse estudo tem como objetivo mostrar como o quadro de mudanças sociais, culturais e econômicas estava inserido nos suplementos no momento em que as elites letradas defendiam novas práticas de modernidade nos grandes centros urbanos. Discussões em torno de temas como voto feminino, divórcio e feminismo estavam nessas páginas especiais. Esses suplementos identificaram essas novas demandas, e, em diversos momentos, se posicionaram contra elas, principalmente quando o assunto envolvia a relação entre homens e mulheres. Espaço para a divulgação de contos, poesias, artigos e ilustrações, os suplementos revelaram nomes importantes das letras nacionais que tiveram no jornalismo a primeira experiência profissional, como Gilberto Freyre, Lula Cardoso Ayres e Josué de Castro, entre outros. Essa é uma experiência distinta e pioneira na história do jornalismo brasileiro e pernambucano, que tem seu auge e se encerra nas décadas de 1940 e 1950.

Palavras-chave: Suplementos literários; Jornalismo cultural; Relações de gênero; Imprensa recifense.

Abstract

This research analyzes the representations of gender relations pursuant to press during entertainment journalism development in the city of Recife in the end of First Republic (1889-1930). In this regard, they are used as sources the Newspapers Diário de Pernambuco, between June 1924 and June 1925, and Diário da Manhã, between April 1927 and April 1928. Both Newspapers were pioneers in the publication of special sections and pages turned to literature and, they kept, in the recifense press, supplements with duration bigger than a year in the 1920 decade. This study aims to show up how the social, cultural and economic changes frame was insert in the supplements at the moment in which lettered elite defended new modernity practices in the urban centers. Discussions around themes as the feminine vote, divorce and feminism were in these special pages. These supplements identified these new demands, and, in several moments, positioned themselves against them, especially when the subject involved the relation between men and women. Space to tale, poetries, articles and illustrations dissemination, the supplements revealed national important names of literature and arts who had in journalism their first professional experience, as Gilberto Freyre, Lula Cardoso Ayres and Josué de Castro, among other people. This is a distinct and pioneer experience in Brazilian and Pernambucano journalism history, achieving its height and ending in the 1940 and 1950 decades.

Keywords: *Literary supplements; Cultural Journalism; Gender relations; Press.*

Sumário

Introdução	15
"Uma ilha sem mulheres": início, apostas e desafios do jornalismo de entretenimento no Recife	33
1.1 Mudanças só na fachada: a "onda conservadora" no <i>Diario de Pernambuco</i>	40
1.2 No <i>Diario da Manhã</i> , os homens opinam, mas as mulheres "querem morrer"	56
"A morte de um velho jornalista": quando as técnicas modernas de edição moldam as relações de gênero	67
2.1 No <i>Diario de Pernambuco</i> , "ser feliz é o mais difícil"	72
2.2 No gabinete de reportagem, eles resistem: "a silhueta não deixa de ter a sua graça"	86
2.3 As jornalistas do <i>Diario da Manhã</i> querem a "higienização dos costumes"	92
O gênero sob o olhar da "câmera inocente": imagens, movimento e reações	104
3.1 Vingança, moralidade e movimento nas representações do <i>Diario da Manhã</i>	109
3.2 Reproduções "masculinas" para homens e mulheres no <i>Diario da Manhã</i>	121
3.3 No <i>Diario de Pernambuco</i> , a "perfeição" é impossível	128

3.4 No <i>Magasine</i> , homens podem "agredir" as mulheres	139
Considerações finais	144
Referencial	151

“A razão é que quem escreve sobre o passado não esteve no passado. Não podemos nunca ter certeza de ter recapturado o passado tal como realmente foi. Mas o mínimo que podemos fazer é ficar dentro das provas”

(TUCHMAN, Barbara Wertheim. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio: Biblioteca do Exército Ed., 1995, p. 11)



Introdução

As mudanças na imprensa brasileira, sobretudo em grandes centros, como a cidade do Recife, foram sentidas, particularmente, na década de 1920. Na esteira das novas práticas de sociabilidade, essas publicações impressas também sofreram alterações expressivas na técnica e na produção. Era o momento de se desvincular da política, do partidarismo, apontados como verdadeiros vilões, causando, inclusive, o fechamento algumas publicações, quando não a morte de jornalistas e chefes de redações no século 19¹. Em tempos de “virada de século”, os jornais se tornaram um produto diferenciado, nomeados por autores como Nelson Werneck Sodré² como verdadeiras “indústrias de produção”. O objetivo, naquele momento, era a perenidade. Ampliação de novos mercados. Aberturas e criações de jornais paralelos, o ensaio dos hoje denominados grupos de comunicação. A imprensa de entretenimento, hoje conhecida como jornalismo cultural, foi um dos alvos marcantes para essa consolidação da “nova imprensa” brasileira.

O Estado de Pernambuco não estava fora desse contexto. Aqui, o jornalismo cultural ficou marcado pela criação de suplementos literários no início do século 20. Escolhemos a década de 1920 e dois jornais recifenses, o *Diario de Pernambuco* e o *Diario da Manhã*, para analisar as transformações da imprensa escrita e as formas de representação nas relações de gênero nessas páginas especiais de literatura, cujos temas iam desde moda, costumes, críticas literárias e até artigos de caráter historiográfico. Mas, afinal, o que eram os suplementos literários? Eram páginas de literatura encadernadas nos jornais impressos. Algumas publicações chegaram a possuir cadernos inteiros, com diversas páginas, dedicadas à literatura. Algumas, possuíam suplementos literários que eram publicados, numa mesma página, com artigos de moda e variedades.

No início do século 20, por exemplo, o *Diario de Pernambuco* manteve a publicação do *Album de Domingo*, suplemento de caráter literário e científico editado em um pequeno boxe na parte inferior da primeira página do jornal. O *Album* tem

1 A historiadora Isabel Lustosa narra o cotidiano da imprensa brasileira (fluminense) entre os anos de 1821 e 1823, quando jornalistas e jornais travavam uma verdadeira “guerra” na então corte brasileira. Parte dessa realidade política dos jornais foi mantida durante todo o século 19. Muitos desses jornais tinham vida curta por conta de seus objetivos: defender opiniões políticas e candidatos que saíam vitoriosos ou não em determinadas disputas. Não afirmamos aqui que, com o advento da década de 1920, a imprensa brasileira encerrou sua ligação com a política. Muito pelo contrário, essa ligação continuou existindo, mas paulatinamente com menos força, permitindo aos poucos a profissionalização desses jornais impressos. IN LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

2 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 371.

suas origens em finais do século 19, mas ganhou uma nova roupagem e continuou com a *virada do século*. “As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação do jornal (...) Aparecem seções de crítica em rodapé, o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários³”, comenta Nelson Werneck Sodré no clássico *História da imprensa no Brasil*.

Nesta pesquisa, utilizamos como critério dois suplementos literários que circularam, pelo menos, por um ano, na década de 1920, na imprensa recifense. O primeiro suplemento analisado é o *Magazine*, do *Diário de Pernambuco*, na época de propriedade do empresário Carlos Lyra Filho. Desse jornal, nosso recorte abrange o período de 1º de junho de 1924 e 31 de junho de 1925. Neste momento, colaboraram no suplemento nomes como Mario Melo, Mario Sette, Odilon Nestor, Octavio Quintella, Oscar Lopes, Faria Neves Sobrinho, entre outros, além de mulheres como Julia Lopes de Almeida e Virgínia Victorine. O acesso à documentação do *Diário de Pernambuco* foi por meio de páginas digitalizadas fornecidas pela D.A. Press, empresa do grupo *Diários Associados*, proprietária do jornal, que disponibilizou o material, como uma cortesia, ao nosso estudo.

Também analisamos as páginas de literatura do jornal *Diário da Manhã* publicadas entre 16 de abril de 1927 e 16 de abril de 1928. O suplemento literário contava com a colaboração de nomes como os escritores Armando Gayoso, Olegário Mariano, Costa Aguiar e Lima Barreto. A pesquisa teve acesso ao acervo do *Diário da Manhã* por meio da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), que realizou a digitalização de todos os exemplares do jornal que estavam sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje). Obtivemos acesso a esta documentação ainda no início do ano de 2014, antes mesmo da disponibilização dos jornais digitalizados no site da Cepe. Este jornal era de propriedade da firma Cavalcanti & Silva, ligada ao governador de Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti, que geriu o Estado entre os anos de 1930 a 1937, e teve na publicação um espaço para transmitir suas ideias políticas.

Dentro deste recorte, identificamos e analisamos 47 edições do suplemento *Literatura* do *Diário da Manhã*, que publicava, com regularidade, a chamada *Segunda Secção* aos domingos. Essa seção nada mais era que um segundo caderno do jornal, que trazia, além de uma página inteira dedicada à literatura, uma

3 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 297.

página especial sobre os lançamentos e críticas de cinema e outra sobre moda feminina. A *Segunda Secção* também publicava uma página especial, nos fins de semana, a respeito do automobilismo. Já no *Diario de Pernambuco* foram identificadas e analisadas 39 edições do suplemento *Magasine*. Ao contrário do *Diario da Manhã*, o *Diario de Pernambuco* trazia, numa única página, temas ligados à literatura, à moda e ao cinema. O *Magasine* era também veiculado aos domingos. Os dois suplementos só eram interrompidos em momentos como carnaval, sendo substituídos por suplementos da festa de Momo, ou em ocasiões especiais, como os aniversários dos dois jornais ou em comemorações como Natal e Ano Novo. Ou seja, as empresas tinham nesses cadernos e páginas especiais um público considerado “fiel”, que aguardava essas edições com regularidade.

No caso desses dois jornais, fizemos, ainda, em termos metodológicos, um estudo dos anúncios publicados para identificar quem era, ou qual era o interesse de seu público-leitor. No *Diario da Manhã* foram analisados 688 anúncios, excluindo os classificados, em 177 páginas, no período de 16 de abril de 1927 a 25 de setembro de 1928. A sondagem foi realizada em toda *Segunda Secção*, apenas no primeiro caderno do jornal. Já no *Diario de Pernambuco* foram analisados 1585 anúncios, também excluindo os classificados, entre 1º de junho de 1924 e 30 de novembro de 1924. Diferentemente do *Diario da Manhã*, examinamos todos os anúncios veiculados nas edições de domingo do *Diario de Pernambuco*, que tinha apenas um caderno nos finais de semana. Essa estratégia de analisar os anúncios foi de seis meses em cada publicação.

A partir dessa fonte documental, nosso objetivo é apresentar as diversas formas de representações sociais de homens e mulheres nestes suplementos literários, em fins da década de 1920. Para isso, levamos em consideração fatores como a opção editorial desses jornais impressos, o histórico profissional dos produtores de conteúdo e o contexto da formação do jornalismo cultural pernambucano e brasileiro. Nosso interesse, ainda, é demonstrar quais foram os jornalistas que trilharam na imprensa seus primeiros passos na vida profissional. Ao identificarmos e analisarmos esses suplementos do começo do século 20, temos como o alvo o objetivo de demonstrar como a imprensa recifense estava inserida na consolidação do novo formato das empresas de comunicação no país. Em outras palavras, nossa intenção é produzir um trabalho voltado tanto para história da

comunicação, do jornalismo cultural e das relações de gênero na sociedade recifense.

Nestes suplementos da década de 1920, os jornalistas contavam histórias, aconselhavam leitores, e ainda confundiam seu ofício com os dos literatos, tudo isso dentro de um jornalismo cultural em formação. Lembrando que, neste período, não havia cursos de graduação em jornalismo nas universidades brasileiras. A título de informação, o primeiro curso de jornalismo fundado no que hoje se compreende como regiões Norte e Nordeste, no Brasil, foi na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), no Recife, em 1961. A década de 1920, assim, estava repleta de jornalistas formados, principalmente, nos cursos de Direito. Esses “repórteres” sem formação específica produziam em cadernos de “leitura diferenciada”, isso porque os suplementos faziam um contraponto a temas que não eram abordados no jornalismo factual, durante a semana em cadernos de política ou de cotidiano.

O jornalista e crítico literário Felipe Pena defende que essas páginas especiais de literatura estão submetidas a regras básicas do discurso jornalístico, como clareza, concisão e objetividade, além de ter na venda seu objetivo primordial. “Suplementar significa ampliar, adicionar, complementar. Portanto, não se refere a nada que seja essencial. Os suplementos têm a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna⁴”. O estudioso também destaca a seguinte questão: os suplementos literários também eram veiculados na intenção de alavancar a venda desses jornais. Para isso, o/a leitor/a era conquistado/a com a produção artigos de moda, poesias, contos, artigos sobre história, ilustrações, resenhas e reproduções de fotografias de filmes, sobretudo os produzidos pela indústria cinematográfica norte-americana. A veiculação desses cadernos acontecia nos finais de semana, geralmente, aos domingos.

Aliás, sobre os finais de semana, a jornalista Isabel Travancas, em seu estudo de doutorado (UERJ) sobre suplementos brasileiros e franceses na década de 1990, elucida um aspecto editorial importante. Enquanto os cadernos literários europeus são publicados nos dias úteis, todos os suplementos da imprensa brasileira são veiculados nos fins de semana. A pesquisadora relata que, “diferentemente dos jornais brasileiros, os franceses inserem esses cadernos na rotina de trabalho e de

4 PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 40.

estudo, enquanto os brasileiros privilegiam uma leitura mais descompromissada com o tempo e relacionam ao lazer e ao ócio⁵. Ou seja, os valores transmitidos pelos suplementos literários brasileiros, em destaque os recifenses na década de 1920, faziam parte de uma leitura diferenciada em finais de semana associadas ao lazer das famílias pernambucanas. O assunto é destacado por Felipe Pena

Até pela limitação temporal, não é possível fazer um estudo de recepção desses suplementos. Mas, de qualquer forma, é interessante notar a importância que esses jornais recifenses tiveram na representação das relações de gênero no período. Comum em suas páginas, são frequentes as menções e alertas às extravagâncias cometidas por mulheres em suas vestimentas, a importância do homem como provedor do lar e o combate a questões como o feminismo. Aliás, sobre o feminismo, os suplementos citavam o movimento, mas não esclareciam aos seus leitores o que se tratava. Geralmente, o feminismo era combatido sem maiores explicações. Numa época que o jornalismo era praticado, em grande parte, por homens formados em poucos cursos de nível superior no Brasil.

As mulheres, mesmo não colaborando com frequência para essas publicações como autoras de matérias, se tornaram alvo de boa parte desses artigos, reportagens, contos literários e críticas. Os homens, que dominavam a escrita, também faziam questão de produzir matérias enaltecendo o sexo masculino, revelando, assim, uma história das relações de gênero na capital pernambucana. Enquanto elas eram representadas como “sexo frágil”, orientadas a utilizarem roupas discretas, eles eram representados como desbravadores, “donos do conhecimento” e autores de uma história que estava em curso na época. Esses registros ficaram nas páginas da imprensa de Pernambuco em forma de texto e imagens.

Essa pesquisa teve seus passos iniciados em 2008, na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), numa orientação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto intitulado “Suplementos literários na imprensa recifense: 1900 a 1950” fez parte da pesquisa que envolveu quatro estudantes do curso de jornalismo orientados pela profa. Dra. Aline Maria

5 TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 38.

Grego Lins⁶. O estudo foi vinculado à Rede Alfredo de Carvalho em Pernambuco, que reúne pesquisadores/as em história da comunicação no país, e buscou estudar a história dos suplementos literários e infantis na imprensa recifense no século 20. No ano seguinte, por conta do valor da documentação, a pesquisa foi direcionada para a análise da representação da mulher nestes suplementos literários e infantis. Mais tarde, enquanto projeto de mestrado da UFRPE, pela força e ineditismo da documentação, a temática foi ampliada para as relações de gênero, sob a orientação da profa. Dra. Alcileide Cabral do Nascimento.

Na pesquisa do PIBIC/Unicap, identificamos sete suplementos literários com periodicidade igual ou superior a um ano de duração publicados na imprensa recifense na primeira metade do século 20, ou seja, entre os anos de 1900 até a década de 1950. Além dos Diário de Pernambuco e Diário da Manhã, alvos desta pesquisa, também mantiveram suplementos literários ativos o Jornal do Commercio, Folha do Povo, O Estado, Folha da Manhã e o jornal O Intransigente. Esses jornais, na maioria dos casos, mantiveram suplementos literários em atividade a partir da década de 1930. Assim como os dois suplementos analisados em nossa pesquisa, colaboraram nomes de destaque da literatura brasileira, como é o caso de Graciliano Ramos, no suplemento da Folha do Povo, que se destacou por defender o líder comunista Luis Carlos Prestes. Era comum nas páginas literárias desses suplementos a reflexão de temas políticos, a exemplo da página Literatura, do jornal O Estado, de propriedade de Fileno de Miranda, que defendia à volta do sistema monárquico de governo no Brasil. Porém, parte dessas publicações não estava inserida no conceito da “grande imprensa” e tivera vida efêmera.

Com esse quadro de produção dos suplementos literários em Pernambuco, destacamos que, tanto as ciências da comunicação como a história, utilizam essas publicações impressas como fontes de análise. Uma das primeiras pesquisas voltadas à representação feminina em produtos jornalísticos partiram, no campo da comunicação, de Ducília Schroeder Buitoni, com a tese da representação da mulher em revistas e suplementos femininos ao longo do século 20, defendida na Universidade de São Paulo (USP, 1980)⁷. A autora estuda as capas de revistas de grande circulação, além de reportagens, para analisar o que chama de “evolução” e

6 Parte deste trabalho também é fruto de relatórios e artigos produzidos em parceria com a profa. Dra. Aline Maria Grego Lins para a Unicap e em congressos de comunicação.

7 MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo** – identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006, p. 145.

de seus direitos da mulher na história do Brasil. Buitoni, no entanto, não faz uma reflexão sobre a interferência masculina nesse processo de produção jornalístico, nem como os homens estavam representados ao lado das mulheres. O trabalho é pioneiro por inserir um tópico de comunicação numa análise interdisciplinar com a história contemporânea.

Nas ciências da comunicação, a primeira menção ao termo “jornalismo de entretenimento”⁸ surge na década de 1950. Um dos primeiros centros de investigação a sistematizar o estudo dos *gêneros jornalísticos* foi a Universidade de Navarra, na Espanha, desde 1959. Lá, os textos foram divididos nas seguintes categorias: explicativos, opinativos e de entretenimento, esta última vinculada ao jornalismo cultural. Após essa categorização, o pesquisador catalão Hector Borrat sugeriu a divisão em textos narrativos, descritivos e argumentativos. No Brasil, os estudos dos *gêneros jornalísticos* tiveram o pioneirismo do jornalista e pesquisador Luiz Beltrão, seguido pelo professor José Marques de Melo. Este último propunha uma segmentação baseada em cinco critérios: 1) finalidade do texto; 2) estilo; 3) modos de escrita; 4) natureza do tema; e 5) articulações interculturais (cultura). “As sistematizações de Marques de Melo também levam em conta a geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento”⁹.

Já no campo historiográfico, os primeiros passos nestes estudos podem ser percebidos na obra Margareth Rago (Unicamp). A historiadora, no final da década de 1980, propôs analisar os códigos morais da sociedade paulista pela representação da mulher transgressora, ou prostituta, pelos jornais, romances inéditos, entre outras fontes, nos anos de 1890 a 1930¹⁰. No estudo que relata o cotidiano do centro de São Paulo em uma época repleta de “restaurantes chiques”, pensões de luxo, Margareth aborda a questão feminina e a exploração do sexo relacionando esse mundo com figuras masculinas, como artistas, músicos, empresários, gigolôs, boêmios e até meninos de recado. As fontes da pesquisadora da Unicamp, no entanto, diferem da nossa num sentido: sua pesquisa tem como fonte documental o jornalismo factual. Já, Buitoni, as revistas. É importante ressaltar, no entanto, que Margareth Rago tem como objetivo principal a história da

8 PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 19.

9 Idem.

10 RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

prostituição no início do século 20, e não fazer uma história da imprensa a partir das relações de gênero, como é o nosso caso.

Ainda chamamos atenção para os estudos recentes do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que utiliza a imprensa e as publicações jornalísticas como fonte histórica, a exemplo do trabalho da historiadora Alcileide Cabral do Nascimento¹¹, orientadora deste trabalho. A historiadora analisa o discurso de duas feministas pernambucanas, Edwiges de Sá e Martha de Hollanda, na década de 1930 do século 20, problematizando as diferenças do direito feminino na política da época. Este estudo, ainda em curso, levanta questões importantes para nossa pesquisa: por que as mulheres nos suplementos literários não poderiam escrever ou participarem de matérias que discutiam o direito ao voto da mulher de forma positiva? E a inserção da mulher no mercado de trabalho, por que não ser objeto de matérias? Esse tipo de abordagem se restringia à imprensa feminina/feminista?

Tais questionamentos podem ter uma explicação. Os grandes jornais estavam atrelados aos interesses de uma elite conservadora, não só de comportamento, mas de valores que estavam em “crise” em uma cultura machista. Por isso mesmo, quando os jornalistas – sobretudo os jornalistas homens – escreviam sobre as mulheres nesses suplementos, se referiam a comportamentos e gestos do passado, na tentativa de resgatar ou manter regras que estavam passando por transformações. As mulheres tinham espaço reduzido na “grande imprensa” para discussões de seu interesse. Os homens, não. Eles estavam no comando dessas publicações, e, claro, eram a maioria dentro delas. O que explica parte dessa escolha editorial. Assim como as pesquisas citadas anteriormente, o estudo de Nascimento, porém, amplia seu leque de fontes em revistas direcionadas e publicadas, especificamente, ao movimento e ao público feminino.

Também destacamos a colaboração de pesquisas de cunho historiográfico desenvolvidas sob a orientação do prof. da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Antônio Paulo Rezende, que nos fornece o conceito de modernização do Recife e destaca a importância do estudo da imprensa da capital pernambucana na década de 1920. O historiador defende que os jornais do período são testemunhas

11 NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **Por uma igualdade emancipadora da mulher**: Edwiges Sá e Martha de Hollanda, feministas em luta pela cidadania política em Pernambuco dos anos 30. XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

das alterações trazidas pelas reformas modernizadoras da cidade burguesa, “onde os preconceitos se mostram ou se disfarçam, onde a permanência das tradições ou alvoroço das novidades ganham os seus adeptos¹²”. Estas páginas de literatura compunham um espaço privilegiado no estudo das representações sociais. É neste período, por exemplo, que a população do Recife salta dos 113 mil habitantes, em 1900, para 239 mil, em 1920¹³.

As transformações são de ordem econômica, social e cultural. Lembrando que é neste período que surgem as alterações urbanísticas na Zona Portuária e a inserção dos debates higienistas de Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, na figura local do sanitarista Octávio de Freitas¹⁴. “Ser moderno é quase uma necessidade de sobrevivência, uma imposição, é ser avançado, embora, é claro, o seu conteúdo não expresse, na maioria das vezes, a aceitação do novo como ruptura/revolução, mas o novo como simulacro, fetichizado¹⁵”, reforça Antônio Paulo Rezende. No Recife, no entanto, ainda de acordo com o historiador, a força da tradição e das dificuldades impediram que a modernidade tivesse a excitação e a velocidade das capitais europeias. Mas, a convivência do moderno com o antigo está nas páginas desses suplementos, que, muitas vezes, combatiam essas mudanças em temas ligados às relações de gênero.

Sobre essas transformações na cidade, utilizamos, sobretudo, os estudos da historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo e da professora Sylvia Costa Couceiro, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), que defendeu, na UFPE, em 2003, sua tese de doutorado sobre os espaços de convivência no Recife na década de 1920. Esse estudo contribuiu, de forma significativa, sob a forma de um artigo, para nosso terceiro capítulo. As duas historiadoras tratam da questão dos hábitos das famílias recifenses que mudaram seu espaço de lazer do Rio Capibaribe para as praias, como as de Olinda e de Boa Viagem, no período de nossa análise.

Além das mudanças dos espaços de convivência, a imprensa também seguia realizando alterações em seu processo de produção. É neste campo que os/as pesquisadores/as da história da comunicação, como Marialva Carlos Barbosa e Juarez Bahia, além de Nelson Werneck Sodré, chamam a atenção em seus

12 REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 64.

13 Ibidem, p. 94.

14 LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O bairro do Recife**: entre o Corpo Santo e Marco Zero. Recife: Cepe/Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

15 REZENDE, Antônio Paulo. op. cit., p. 16.

“manuais” de história do jornalismo brasileiro. São esses autores/as que vão identificar as mudanças técnicas na imprensa, que saem de um padrão editorial e técnico distinto do que vinha sendo praticado meados e fins do século 19. Esse processo se acelera nas primeiras décadas do século 20, sobretudo na década de 1920, com o ensaio da consolidação do jornalismo cultural no país, cujo reflexo chegou em Pernambuco com os suplementos literários publicados nos finais de semana.

Esses suplementos, por exemplo, abordavam a mudança de hábitos dos recifenses em trocarem o rio, como espaço de lazer, pelo mar. Ou seja, neste sentido, havia uma história das representações sociais. O conceito de representação utilizado neste trabalho é o do linguista francês Patrick Charaudeau. Para ele, as representações são produtos do real, frutos de uma realidade vigente, logo sendo aceita por um público que estava inserido num determinado contexto. Tal conceito é formulado com base nos estudos do historiador Roger Chartier. É como se os jornais fossem um reflexo do pensamento hegemônico da sociedade vigente por trazerem temas que eram de “interesse” de seu público-leitor. O teórico ainda chama a atenção sobre o impacto causado pelas publicações impressas – alvo de nossa pesquisa – como formadoras de opinião. Para ele, o papel tem um poder de “assimilação” maior que outros veículos, como o rádio e televisão, descritos como efêmeros.

Neste contexto, esse trabalho se propõe a ajudar na construção de uma história social da cultura em Pernambuco, dialogando com os estudos da Nova História Cultural. Essa vertente ganhou força no Brasil a partir da década de 1980 e tem como um dos expoentes os historiadores Peter Burke e Roger Chartier. Nossa intenção, aqui, é analisar a cultura¹⁶ como fonte científica de interpretação do cotidiano, construindo nossa narrativa sobre as relações de gênero em fins da década de 1920, por meio da convivência entre homens e mulheres. Essa pesquisa, ainda, tem como objetivo realizar um estudo interdisciplinar entre a história e as ciências da comunicação num momento em que a historiografia brasileira dialoga com outras ciências, como a antropologia. A antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz defende que a delimitação de espaços de atuação entre as ciências humanas e sociais são cada vez mais difíceis. “Local da realização da diplomacia,

16 BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 43.

em seu sentido mais usual, no caso das fronteiras entre disciplinas, não se inventou ainda o melhor juiz nem há como inventar¹⁷”, reforça.

Dentro dessa vertente do pensamento historiográfico, ainda acolhemos o conceito da historiadora norte-americana e pós estruturalista Joan Scott. Dialogando com esses estudos, ela defende que o gênero é uma construção cultural, engessada e pensada de “forma dual”. São categorias construídas artificialmente desempenhadas por homens e mulheres dentro desses suplementos literários, sejam eles jornalistas e/ou personagens alvo dessas matérias, que nos debruçamos para analisar as relações de gênero. A historiadora destaca, por outro lado, que esses conceitos são construídos na base da percepção, assim como o processo de produção do jornalismo, sendo produzidos e reproduzidos para a compreensão de todo um universo. Joan Scott, no entanto, não propõe a manutenção dessas realidades construídas artificialmente. Para ela, homens e mulheres são perguntas e não simples respostas. Não são algo fixo e imutável. São personagens em construção associados ao sexo, que, por sua vez, desempenham socialmente papéis em realidades variadas.

O gênero, assim, é um saber sobre as desigualdades entre os sexos e estaria associado às relações de poder, hierarquizando as diferenças sociais de forma “engessada” e “dual”. A historiadora, que é influenciada pelo filósofo francês Michel Foucault, não discorda de que existem diferenças entre corpos sexuados, porém, para ela, essas diferenças constroem diferenças sociais nestas relações nas representações do “masculino” e do “feminino”. O gênero, assim, é uma realidade histórica e cultural construída artificialmente a partir das diferenças entre os sexos. Esse conceito foi elaborado ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, mas chegou e ganhou força no Brasil, em 1986, com a publicação do artigo *Gênero: uma categorial útil de análise histórica*. O gênero, no singular, “é uma forma primeira de significar as relações de poder¹⁸”.

Nosso trabalho dialoga e contribui, assim, para as pesquisas a respeito da história das relações de gênero, em Pernambuco, no sentido de ampliar a discussão em torno do papel e da participação da imprensa na cristalização de imagens do masculino e do feminino. Os textos, artigos, crônicas, contos e demais produções

17 SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Antropologia e história**: embates em região de fronteira. IN SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 11.

18 SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n.2, jul-dez, 1995, p. 86.

dos suplementos literários na imprensa recifense estavam associados ao lazer e a leitura de parte das famílias pernambucanas. Famílias e grupos sociais que tinham acesso à leitura e se informavam por meio do jornalismo impresso, então veículo de comunicação bastante influente no Brasil. Isso em um cenário no qual o jornalismo impresso ainda não encontrava concorrentes como a rádio e a televisão, considerados dois grandes meios de comunicação do século 20. A rádio, no período, já estava em funcionamento, mas não consolidada. A TV, no entanto, só seria instalada no país a partir da década de 1950, com a TV Tupi, dos *Diários Associados*.

Aliás, destacamos que, mesmo não havendo uma concorrência da mídia televisiva neste período, os jornais impressos também utilizavam suas imagens como transmissoras de conteúdo. Porém, sem a concepção de som e movimento proporcionada pelo aparelho de TV. Na análise que propomos fazer sobre o uso de imagens dos suplementos, dialogamos com o trabalho do historiador Durval Muniz de Albuquerque, que contextualiza a produção do artista plástico Lula Cardoso Ayres, um dos principais produtores de charges e ilustrações da época. O trabalho de Lula Cardoso Ayres no *Diário da Manhã* apresenta a ideia do poder que as imagens desempenhavam nesse período como verdadeiras “auxiliares” das palavras. O trabalho do artista pernambucano ganhou notoriedade, na década de 1930, após sua carreira de ilustrador em jornais brasileiros. A pintura de Lula Cardoso, segundo Durval Muniz, se fixa na abordagem entre o homem e a natureza, bem como no desvirtuamento que a civilização impõe nessa relação. “Um homem que, segundo ele, dominou os trópicos menos pela técnica e mais pelo amor, pela identificação, pela simbiose com este espaço e que agora via dele distanciado pelas relações artificiais que o mundo moderno implantava¹⁹”.

Esse tipo de análise vem sendo defendida por historiadores/as desde a década de 1960, com a chamada “virada pictórica”²⁰, termo usado pelo crítico norte-americano William Mitchell. Nesta época, as imagens começaram a ser utilizadas por historiadores/as do mundo anglofônico para construir uma história social do século 19. O semiólogo Roland Barthes reforça em *Elementos de semiologia* que as imagens fotográficas (e imagens no geral) também são *atos* de linguagem. É como

19 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 169.

20 BURKE, Peter. **Testemunha ocular: imagem e história**. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 15.

se retratos e ilustrações tivessem um fundo linguístico. No nosso caso, na análise das imagens dos suplementos literários, lidamos com uma realidade em que boa parte da população brasileira ainda não era alfabetizada, contribuindo para a inserção de um/a leitor/a que não estava inserido/a no mundo das letras. “Questiona-se hoje o que se chamou a civilização da imagem; somos ainda, e mais do que nunca, uma civilização da escrita, porque a escrita e a palavra são termos carregados de estrutura informacional²¹”, defende o francês.

Entre a cultura letrada e a sem letramento, as páginas dos suplementos ainda vislumbram um cenário de disparidade, sentida nos dias atuais em algumas profissões. Quando há desigualdade no ambiente de trabalho, como no caso das redações neste período, o reflexo pode ser sentido no produto final. Na “grande imprensa”²², eles ainda tinham o espaço quase exclusivo para expressar suas visões de mundo e ideias, quando não, ditar regras e mesmo opinar sobre a forma como as mulheres deveriam se comportarem, se vestirem e pensarem seus futuros na trilha do casamento. Longe do protagonismo como produtoras de conteúdo, as mulheres, por sua vez, quando tinham sua presença garantida, reproduziam, ironicamente, o mesmo pensamento masculino sobre elas e revelavam, através de poesias e artigos, sofrimento e defesa de ideias que as sufocavam. Não eram invisíveis, mas passavam à margem.

Nossa pesquisa, é bom assinalar, reforça a ideia de que os suplementos eram um espaço na imprensa em que as mudanças sociais e culturais, sofridas no início do século 20, muitas vezes, encontraram resistência. Por meio da literatura – em tese, uma forma poética e leve de dialogar com os/as leitores/as -, jornalistas e intelectuais davam suas opiniões a respeito da indissolução do casamento, do risco no encurtamento de roupas femininas e do perigo do feminismo. Aliás, temas ligados ao universo feminino, ao contrário de críticas literárias de obras escritas por homens, por exemplo, não eram debatidos com profundidade. Os suplementos usavam, quando podiam, da estratégia anti-feminista, como lembra a autora Susan Besse²³. O jornalismo cultural em formação tentava desqualificar o movimento de mulheres, que começava a ganhar força fora e dentro do país, associando a outras práticas, muitas vezes sem qualquer ligação, ou remetendo o tema ao humor.

21 BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1996, p. 37.

22 SODRÉ, Nelson. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 251.

23 BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999, p. 182.

Reconhecemos, no entanto, que existiam outros locais na mídia impressa, no nosso período analisado, onde as mulheres encontravam espaço para debater não só temas ligados ao seu interesse pessoal, como suas ideias políticas e culturais. Autoras como Luzilá Gonçalves, entre outras, mostram, em pesquisas já concluídas, que a tradição da mulher pernambucana na imprensa se inicia no século 19. Ainda no período do Brasil Imperial (1822-1889), as mulheres escreviam em jornais de Pernambuco²⁴. Muitas vezes, elas questionavam valores vigentes, sobretudo escrevendo artigos em prol do movimento abolicionista ou exigindo melhores condições no ensino. Porém, deixamos claro aqui que esse espaço não está inserido na chamada “grande imprensa”. Muitas vezes, mulheres tinham mais liberdade na escrita em jornais cuja duração era efêmera, com poucas edições, e ligados às suas respectivas famílias, como foi o caso de Alice Pimenta²⁵, considerada uma “comunista” na imprensa recifense na década de 1920.

Assim, sob a orientação desse conceito, defendido ainda na década de 1970, iniciamos nosso primeiro capítulo, cujo título é *“Uma ilha sem mulheres”: início, apostas e desafios do jornalismo de entretenimento no Recife*. Ele apresenta a história dos suplementos literários em Pernambuco e como a imprensa vendia sua autoimagem como “moderna”, investindo não só na formação de novos cadernos, mas também em estrutura física e gráfica. O conteúdo não acompanhou essas alterações, pelo menos no quesito relações de gênero, que editorialmente remetia o pensamento do século 19. Esse capítulo chama a atenção para o jornal *Diário de Pernambuco* e sua tentativa de travar debates sobre o “verdadeiro feminismo” e até mesmo no direcionamento dos modos como as mulheres deveriam andar em público. Essa discussão – no jornal que ainda circula no Estado e é considerada a publicação mais antiga em atividade no mundo – era gerida por homens, que estavam à frente não só da autoria dos textos, matérias e artigos. As mulheres, quando tinham seu espaço, investiam em poesias com a temática do sofrimento e até mesmo da falta de liberdade.

Este capítulo também revela os principais temas debatidos em torno da pauta dos suplementos literários. Assuntos voltados ao casamento, ao sofrimento (feminino) e a preparação das mulheres para a vida adulta estão entre os principais

24 FERREIRA, Luzilá Gonçalves; ALVES, Ilva; FONTES, Nancy Rita. **Suaves amazonas**: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

25 JAPIASSU, Ricardo. **Ideias europeias nos trópicos**: Alice Pimenta e o Comunismo. Faculdade Damas – Caderno de Relações Internacionais. V. 3, n. 5, 2012.

interesses dos jornalistas, sejam eles homens ou mulheres. Levantamos, nesta parte do trabalho, questões como origens de artigos, reportagens e crônicas, alguns deles não assinados. De qualquer forma, mesmo possuindo uma “grife” masculina ou feminina, ou seja, a assinatura de homens ou mulheres, boa parte destes conteúdos não sofriam mudanças para determinados temas. É como se os dois gêneros pensassem da mesma forma em relação a assuntos específicos em debate neste período. Essa é uma discussão que será levada, com profundidade, no segundo capítulo de nosso estudo, que tem a intenção de discutir o processo de produção desses suplementos literários.

Intitulado “*A morte de um velho jornalista*”: *quando as técnicas modernas de edição moldam as relações de gênero*, esta parte do estudo faz uma análise das condições de trabalho dos jornais no Recife a partir das memórias do escritor Gilberto Freyre, das edições especiais de aniversário dos jornais recifenses na década de 1920, além de trabalhos de história realizados por jornalistas, como o caso de Arnaldo Jambo, que na década de 1970 fez um estudo, sob encomenda do *Diário de Pernambuco*, na intenção de revelar a trajetória da publicação. O objetivo deste capítulo é desvendar o processo de produção jornalístico – a discussão em torno das pautas e do cotidiano dos jornalistas – e associá-lo ao estudo das relações de gênero. De como ser (jornalista) homem ou mulher influenciava na construção e edição dos textos produzidos pelo jornalismo de entretenimento.

Nosso estudo, pela carência de uma história da imprensa recifense, também explorou as publicações comemorativas de aniversário dos jornais *Diário da Manhã* e *Diário de Pernambuco*, em toda a década de 1920, em busca desse processo de produção jornalístico. Estudos preliminares, como os desenvolvidos pela historiadora Marialva Carlosa Barbosa, destacam que, nesta época, não havia reunião de pauta. O editor da publicação pedia aos repórteres a cobertura cotidiana. Os redatores de banca, como se dizia na época, eram articulistas que tinham liberdade para tratar das temáticas sob forma de artigos opinativos. A historiadora ainda relata as redações eram compostas, apenas, pelas figuras do editor, repórteres e redator de banca. Também havia a figura do secretário que fazia a ligação entre redação e gráfica. Personagens, sobretudo masculinos, que tinham o “poder” de direcionar a produção desses conteúdos sobre homens e mulheres.

É neste capítulo, sobretudo, que demonstramos como a grande imprensa recifense era influenciada por uma visão masculina na construção da representação

das relações de gênero. Esses jornais estavam nas mãos de homens ligados à política ou ao capital financeiro. Do *Diario de Pernambuco*, por um lado, há a experiência de gestão da família Lyra, dona de negócios de produção de cana-de-açúcar no interior do Estado de Alagoas. Aliás, a nova sede do jornal, construída pelos donos que compraram a publicação do Conselheiro Rosa e Silva, tinha um aspecto familiar: o diretor do jornal, Carlos Lyra Filho, morava no último andar do prédio, cuja concepção era de um “palacete” no Centro do Recife. Do *Diario da Manhã*, a gerência ficou nas mãos dos irmãos da família Cavalcanti, que tinham pretensões políticas no Estado. Deste jornal, são poucos os elementos do cotidiano da redação na década de 1920, mas é desta publicação que temos os testemunhos de como os jornalistas estavam discutindo as mudanças da profissão no período, incluindo questões técnicas e de caráter ético.

Sob o título *O gênero sob o olhar da "câmera inocente": imagens, movimento e reações*, encerramos esse estudo com o terceiro capítulo que traz uma análise das imagens sobre homens e mulheres nos suplementos literários em fins da década de 1920. Trabalhamos com fotografias e ilustrações de artistas como Lula Cardoso Ayres, que assinava diversos trabalhos, inclusive, direto do Rio de Janeiro, para o *Diario da Manhã*. Analisamos, por exemplo, como as mulheres de Lula Cardoso eram representadas, com corpos em movimento, dialogando, inclusive, com a defesa do sociólogo Gilberto Freyre. O mestre de Apipucos defendia que, na década de 1920, novos hábitos – como as inserções das mulheres em espaços públicos – deram mais movimento aos seus andares, refletindo, inclusive, nos modos e até nos cortes dos seus vestidos. O *Diario da Manhã* também dedicava espaço aos homens em seus suplementos, mas de uma forma diferente: eles estavam ligados às artes e à formação de conteúdo, representados como escritores.

O *Diario de Pernambuco*, porém, não arriscava tanto como seu concorrente. Deixava claro que as mulheres deveriam usar roupas com cores sóbrias. O jornal também mantinha uma tendência de moda parecida com o século anterior. Os vestidos eram sempre com babados e com cortes que não remetiam a decotes e saias curtas. O *Diario de Pernambuco*, ainda, mantinha a mesma tendência do *Diario da Manhã* quando o assunto era representação masculina. Homens eram representados como agressores de mulheres, sem ter esse comportamento contestado pelo jornal, e como autores de grandes contribuições para a sociedade. A imagem do homem, inclusive, merecia especial atenção. Eles estavam no “centro”

da página, e, ao contrário das mulheres, tinham fala. Ou seja, davam entrevistas e não eram apenas “imagens”.

Neste quadro de mudanças e definições do jornalismo, chamamos atenção para a leitura dos suplementos literários enquanto documento e objeto de análise histórica. Nosso trabalho vislumbra uma fonte ainda inédita para historiadores/as do Estado, com definições muito claras dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no início do século 20 na sociedade recifense. Nosso estudo é concluído em um momento de dificuldades no Brasil, no qual política é misturada à religião e grupos conservadores começam a pôr em risco direitos conquistados em nossa democracia recente. Aqui não há um relato exato do passado. Até porque, como define a historiadora norte-americana Barbara Tuchman: “A razão é que quem escreve sobre o passado não esteve no passado. Não podemos nunca ter certeza de ter recapturado o passado tal como realmente foi. Mas o mínimo que podemos fazer é ficar dentro das provas”²⁶. De qualquer forma, ao demonstrarmos nossas “provas”, essas pistas da década de 1920 podem nos ajudar a refletir o peso e as formas como as desigualdades são construídas, sobretudo as das relações de gênero.

26 TUCHMAN, Barbara Wertheim. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio: Biblioteca do Exército Ed., 1995, p. 11.

*"Tal Ilha, informou elle, está habitada, agora,
por sete homens brancos e quinze pretos, não havendo ali uma só mulher."*

(Uma ilha sem mulheres. **Diario de Pernambuco**,
Recife, 12 de out. de 1924. Magasine, p. 7)

1



**“Uma ilha sem mulheres”:
início, apostas e desafios do
jornalismo de entretenimento no Recife**

Um lugar no mundo sem a presença de qualquer mulher. Ele existiu no passado – pelo menos no sentido literário - e ficou na memória de leitores e leitoras pernambucanas em fins da década de 1920. A notícia percorreu o continente americano e chegou nas páginas do suplemento dominical *Magazine*, do *Diario de Pernambuco*, em 12 de outubro de 1924. O enredo foi contado por algum repórter do Estado do Texas, nos Estados Unidos. Não existem relatos sobre o autor, apenas da agência de notícias que trouxe uma notícia tão curiosa ao jornal recifense: a *United Fruit Company*. De fato, a história sobre um lugar, no meio do mar do Caribe, habitado apenas por homens, sem qualquer mulher, foi publicada pelo jornal de forma curiosa num espaço dedicado, sobretudo, ao gênero feminino nas páginas do impresso.

Da ilha, que era constantemente monitorada, ficou o registro da disputa pela República de Honduras, na América Central, e dos tesouros guardados supostamente pelo capitão William Kidd (1645-1701), um dos piratas mais conhecidos no século 18. Era assim, entre um mundo real e de fantasias, que jornalistas construíram os primeiros capítulos da história da imprensa de entretenimento (ou do jornalismo cultural) em Pernambuco, na década de 1920. Alvo de debates culturais em fins da Primeira República (1889-1930), esse jornalismo abriu espaço para cadernos e páginas especiais sobre literatura, cuja presença feminina era garantida. Elas, alvo fáceis desses conteúdos produzidos, quase sempre não escreviam com frequência, mas estavam presentes, mesmo de forma ambígua, em notícias como essa: onde a sua ausência numa ilha, paralelamente, era motivo de notícia e das mais excêntricas²⁷.

Neste momento, seguindo uma tendência nacional, sobretudo da imprensa fluminense e paulista, os jornais impressos recifenses trilharam o caminho da profissionalização, da adoção de novas técnicas no campo de vista redacional, além de gestar os primeiros passos do chamado jornalismo cultural²⁸. Estes cadernos e

27 No nosso trabalho, mantivemos a grafia original das fontes da época, inclusive, para textos que foram publicados integralmente em fonte em caixa alta.

28 Apesar de se consolidar, no Brasil, na década de 1920, já que a imprensa no país só foi instalada em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, a origem do jornalismo cultural remonta o século 18, na Europa. O jornalista Daniel Piza coloca como um dos marcos no cenário global o ano de 1711. Segundo ele, “foi nesse ano que dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*. Steele já criara, alguns anos antes, *The Tatler*, tendo depois Addison como colaborador, e mais tarde fariam outras publicações, como *The Guardian*. Os dois decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: 'Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e

páginas especiais, com viés literário, dominaram as páginas das principais publicações da época, de modo especial nas edições dos finais de semana, quando eram recorrentemente publicados. Os suplementos revelaram importantes nomes das letras no Brasil, a exemplo de Rubem Braga, Gilberto Freyre e Osman Lins, entre outros. Também despertaram um aspecto de interesse historiográfico: como estes escritores e jornalistas, assim como seu público leitor, pensavam as relações de gênero.

Na imprensa recifense, seções literárias começaram a circular ainda no século 19²⁹. Na verdade, diferentemente do início do século 20, estas páginas especiais não tinham a configuração que marcou a gestação dos cadernos culturais da imprensa contemporânea. Atualmente, os jornais impressos, em seus cadernos culturais, não fazem uma separação explícita do que é literatura, cinema ou moda. Esses conteúdos são publicados, dependendo da demanda do dia, em espaços comuns dentro das páginas dos veículos impressos. Diferentemente do final da década de 1920, quando os jornais dedicaram espaços e páginas fixas para cada um desses temas na publicação aos finais de semana.

A ampliação do debate literário nos jornais, sobretudo na década de 1920, alvo de nosso estudo, é também da influência da Semana de Arte Moderna no Brasil, realizada na cidade de São Paulo entre os dias 11 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal. A *Semana*, como ficou conhecida, foi uma das principais responsáveis por inserir o Modernismo na pauta cultural do país. O movimento modernista assimilou tendências culturais e artísticas das chamadas “vanguardas europeias”, a exemplo do Cubismo e do Futurismo, lançadas no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A primeira fase do movimento compreendeu período 1922 a 1930, época que contempla a análise desta pesquisa. Com a participação de escritores, artistas plásticos e intelectuais em revistas de

assembleias, casas de chá e cafés”. IN PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 11.

²⁹O jornalista Luiz do Nascimento relata que, em junho de 1836, por exemplo, o Diário de Pernambuco inicia no Recife a publicação do título “Literatura”, com a assinatura do redator do Capuceiro. A intenção da seção era oferecer “algumas reflexões sobre a elocução da língua portuguesa”, oferecendo “à mocidade brasileira algumas noções precisas para estudar os clássicos da nossa língua, aliás, tão rica, tão elegante e majestosa”. IN NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, V. I. Recife: Editora Universidade Federal de Pernambuco, 1968, p. 39. O relato reforça que estreita ligação entre o jornalismo e a literatura, aperfeiçoada, sobretudo, entre as décadas de 1920 a 1950.

curta duração e em jornais impressos, o Modernismo pretendia colocar em destaque temas como os valores nacionais e as transformações sociais sofridas pelo país.

Na região Norte, foi lançado o Manifesto Regionalista, em 1926, liderado pelo sociólogo e jornalista Gilberto Freyre. Na órbita do pernambucano, estão literatos como Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Antônio Cabral. A intenção do grupo, que ganhou força na década de 1930, era criticar o “paulistocentrismo” e valorizar a modernização das artes e da cultura sem perder o “caráter regional”. O crítico literário Alfredo Bosi minimiza a importância da união desses intelectuais e trata o assunto como “resistência emocional” de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo. O autor relata, por exemplo, que o contato do grupo de São Paulo existia e tinha interlocutores no Recife, como o jornalista do *Jornal do Commercio* Joaquim Inojosa, e Guilherme Almeida, que realizaram conferências na capital pernambucana em meados de 1925. Outro exemplo adotado pelo autor é a absorção das “liberdades modernistas” na poesia de Jorge de Lima, moderno a partir de 1925, e na prosa social de José Américo de Almeida, com *A Bagaceira*, de 1928.

De acordo com Bosi, “os regionalistas do Recife, que se congregavam por volta de 1925-26, em torno de Gilberto Freyre, então egresso dos Estados Unidos, ainda não tinham centrado as suas preocupações numa revolução literária³⁰”. Para o crítico, “a orientação e os gostos do sociólogo pernambucano os levavam, de preferência, ao estudo e ao culto das instituições brasileiras³¹”. A discussão é polêmica, até porque estudos recentes negam o fato de que o Manifesto Regionalista tenha sido lançado em 1926, data do Iº Congresso Regionalista do Nordeste. De acordo com o historiador Flávio Weinstein Teixeira, que reproduz uma tese de Neroaldo Azevedo, apenas em 1952 é que o manifesto teria sido publicado³². Vale ressaltar, ainda, que o escritor e ilustrador Manuel Bandeira, amigo pessoal e intelectual da órbita freyriana, participou e foi um dos defensores da Semana de 1922. Ou seja, não se pode negar que a produção literária, que foi refletida nos suplementos literários recifenses, tenha sofrido influência dos debates do Modernismo.

30 BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 344-345.

31 Idem, p. 344-345.

32 TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Recife**: notas em torno da gênese de um campo cultural. *Clio. Revista de Pesquisa Histórica*. Nº 32.2. p. 129.

De qualquer modo, com a ampliação da discussão em torno da literatura e das artes em geral, os suplementos ganharam força na imprensa brasileira. Em Pernambuco, vamos seguir a lógica de Marc Bloch³³ e deixar o “mito da origem”. Não nomeamos “o primeiro suplemento literário” ou primeiro caderno cultural no Estado na intenção de criar uma memória linear e progressiva. Até porque, pesquisas em andamento, apesar de não terem como objeto central a história do jornalismo impresso no Recife, revelam, a cada dia, novas experiências nesse sentido. Porém, podemos destacar como um dos exemplos desta fase inicial é o suplemento *O Espelho das Brasileiras*, lançado em 1º de fevereiro de 1831, que saiu às terças-feiras e sextas-feiras, durante trinta edições, no jornal *Diário de Pernambuco*.³⁴

A publicação, de caráter literário e educativo, era direcionada ao público feminino e, como se vê, não teve uma longa duração. O próprio nome “Espelho” reflete uma tendência do jornalismo brasileiro do século 19, inspirado na imprensa europeia, ainda não influenciado pela imprensa norte-americana, até hoje tida como padrão nas redações brasileiras. O espelho é um reflexo de outras publicações da imprensa francesa, que adotaram o mesmo nome, a exemplo do *Le Miroir des Dames* (1830). *Miroir*, numa tradução simples do francês, significa espelho.

Mas foi só no século 20 que os suplementos literários ganharam uma roupagem “moderna”, o que inclui a publicação destas páginas especiais de modo perene e que vão influenciar, na segunda metade do século, a formação dos cadernos culturais. Em Pernambuco, por exemplo, seis jornais impressos tiveram um suplemento literário com mais de um ano de duração entre os anos de 1900 a 1950. Podemos citar a experiência do jornal *Diário de Pernambuco* – considerado a publicação mais antiga em língua portuguesa ainda em atividade mundo³⁵ – com o

33 Rotular um “suplemento pioneiro” é uma tarefa difícil para a historiografia da imprensa em Pernambuco até porque muitos romances chegaram a ser publicados, primeiramente, em jornais impressos antes de ganharem a forma de livros. Isso no século 19. Podemos dizer que havia uma tradição literária na imprensa brasileira no século 19 e que foi mantida até meados da década de 1950. O historiador francês Marc Bloch, em *Apologia da história ou o ofício do historiador*, faz uma crítica ao que chama de “mitos de origem”, que nos serve como inspiração para essa discussão. O historiador alerta sobre as narrativas padronizadas da reorientação dos espaços europeus trazida pela migração dos povos germânicos após o fim do Império Romano. Da crítica, ficamos com o conceito de que tais mitos – assim como a busca por um suplemento literário que tenha sido o pioneiro na imprensa recifense – funcionam sobre princípios, mas não como essências.

34 BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009, p. 32.

35 O *Diário de Pernambuco* ocupa um lugar de destaque entre os jornais mais antigos do mundo, aparecidos entre os séculos 18 e 19. A informação é da pesquisa de Carlo Cosalegno, de 1962, e

suplemento *Album de Domingo*, que começa a circular em fins do século 19 com curiosidades científicas, mas que ganha outro perfil no despertar de 1900. O *Album* era publicado na primeira página do *Diario*, na parte inferior, como um pequeno boxe.

O suplemento mesclava dicas de moda, comportamento, além de literatura. Mulheres e homens eram representados por interesses antagônicos: as primeiras alvo de artigos sobre beleza, e os segundos, com notícias e artigos de caráter científico. O *Album* foi um ensaio de uma mudança editorial na valorização de conteúdos que não estavam atrelados, especificamente, ao jornalismo factual. Em *Jornalismo Cultural*, o jornalista Daniel Piza argumenta que, depois da geração *fin-de-siècle* de Machado de Assis e José Veríssimo, os jornais e as revistas começam a dar mais espaço ao “crítico profissional e informativo” que não só analisam livros importantes, mas também sobre a cena literária e cultural. “Dadas as dificuldades de viver de literatura no Brasil (o que persiste até hoje), muitos escritores passaram primeiro pelo jornalismo e pela crítica³⁶”, diz o jornalista, citando o exemplo de Lima Barreto, que escreveu o ferino *As recordações do escrivão Isaías Caminha* para satirizar os blefes e as ignorâncias vigentes numa redação.

Na nossa pesquisa utilizamos dois suplementos para analisar a representação das relações de gênero em fins da década de 1920 na imprensa recifense. Nosso critério foi analisar jornais que mantiveram, pelo menos por um ano, a publicação do suplemento literário. O primeiro é a página especial de literatura do jornal *Diario da Manhã*. Fundado em 16 de abril de 1927, o jornal era de propriedade da firma Lima Cavalcanti & Cia, ligada ao ex-governador de Pernambuco Carlos Lima Cavalcanti, que comandou o governo pernambucano entre os anos de 1930 a 1935³⁷. O curioso é que já a primeira edição trazia a página de literatura, publicada, num sábado. Na publicação, colaboraram nomes como o historiador Oliveira Lima e o sociólogo Gilberto Freyre.

republicada no livro “História e Jornal de Quinze Décadas”. Arnoldo Jambo reproduz uma lista com 24 jornais no mundo e o *Diario*, fundado em 1825, aparece na 20ª posição, sendo o primeiro em língua portuguesa a ser citado. Após o *Diario*, são mencionados no Brasil e produzidos em língua portuguesa o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, fundado em 1827. O *Jornal do Commercio*, assim como o jornal pernambucano, pertence ao grupo Diários Associados, e fica na 21ª posição. O jornal *O Estado de S. Paulo*, fundado em 1875, aparece na 23ª posição do ranking. IN JAMBO, Arnoldo. **Diario de Pernambuco: História e Jornal de Quinze Décadas**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975, p. 50.

36 PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 32.

37 NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (v. III). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1967. p. 175

O jornal funcionava na Rua do Imperador D. Pedro II, endereço de outros jornais da capital na época, no Centro do Recife, era impresso em máquina Duplex nº 4 e encerrou seu primeiro ciclo na década de 1950. Depois da edição especial do sábado, o jornal passou a publicar o suplemento literário no segundo caderno do jornal, aos domingos. O caderno especial era denominado “Segunda Secção”, que, além da página de literatura, dedicava uma página inteira ao cinema, à moda e, por vezes, ao automobilismo. O jornal saía, geralmente, com 16 páginas, sendo oito dedicadas ao suplemento, em formato *standard*. O suplemento literário contava com a colaboração de nomes como os escritores Armando Gayoso, Olegário Mariano, da Costa Aguiar e de Lima Barreto.

O artista plástico Lula Cardoso Ayres, hoje referência nacional em artes plásticas, também colaborava, muitas vezes, realizando desenho sobre mulheres e cuja reprodução, nem sempre, tinha ligação com o conteúdo jornalístico publicado na página. As imagens produzidas por Lula Cardoso eram apresentadas como inéditas e exclusivas para o público leitor do suplemento, demonstrando, assim, a importância da publicação no período. Esse assunto, no entanto, vamos explorá-lo com mais afinco no terceiro capítulo deste trabalho. Analisamos aqui as páginas de literatura do *Diário da Manhã* publicadas entre abril de 1927 e abril de 1928.

Por fim, fundado em 7 de novembro de 1825 pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão, o *Diário de Pernambuco*. O jornal, que acompanhou os principais fatos da história de Pernambuco desde o século 19, também desempenhou um papel de destaque na formação do jornalismo de entretenimento no Estado. O impresso começou com a publicação do suplemento *Magazine* ainda em 1º de junho de 1924. Neste período, colaboraram no suplemento nomes como Mario Melo, Mario Sette, Odilon Nestor, Octavio Quintella, Oscar Lopes, Faria Neves Sobrinho, entre outros, além de mulheres como Julia Lopes de Almeida e Virgínia Victorine, com poesias. Os dois jornais continuaram os suplementos após o nosso recorte.

Com um padrão editorial distinto do concorrente *Diário da Manhã*, o *Diário de Pernambuco* inseria todas as matérias, que debatiam desde temas de literatura até mesmo o desenho de vestidos, numa única página. Os artigos de moda, muitas vezes fruto de traduções da imprensa estrangeira – esta é a hipótese que levantamos em alguns casos – conviviam com poesias, artigos de história, dicas de decoração, entre outros. Mas o que chama a atenção mesmo é que, em quase todos esses temas, a mulher era um dos alvos principais dessas produções. Isso num

contexto em que elas ainda não ocupavam, de forma expressiva, a redação como jornalistas³⁸. Analisamos o suplemento *Magazine*, do *Diário de Pernambuco*, entre junho de 1924 e junho de 1925.



Imagem 1 - Com o novo dono, na edição de 7 de novembro de 1914, o *Diário de Pernambuco* comemora a reinauguração de sua sede no Centro do Recife. A empresa constrói um prédio, que na época era reconhecido como “palacete”, no lugar do velho edifício de características coloniais. Um grande relógio e uma nova torre serão símbolos da empresa, que fica no prédio até o ano de 2004. Reprodução: Centro de Documentação do *Diário de Pernambuco* (Cedoc), D.A. Press.

1.1 Mudanças só na fachada: a “onda conservadora” no *Diário de Pernambuco*

Foram necessários cinco meses para se adequar aos novos tempos. Se desprender da pecha de órgão de imprensa político. Abrir caminho para um “novo

38 A primeira jornalista contratada por um jornal recifense foi a pedagoga Isnar de Moura. A repórter e colunista iniciou sua carreira na redação do *Jornal do Commercio* na década de 1940, encerrando suas atividades em 1976, aposentada após 40 anos de trabalho na imprensa. Nascida na cidade de Timbaúba, no interior de Pernambuco, Isnar morreu no Recife em 23 de outubro de 2014, aos 105 anos. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/10/1539384-issnar-cabral-de-moura-1909-2014---primeira-jornalista-de-pernambuco.shtml> Acessado em 22/12/2015 às 02:09.

tempo” que se findou com a venda do jornal do Conselheiro Rosa e Silva, antigo proprietário, ao industrial e usineiro Carlos Benigno Pereira de Lyra³⁹, concretizada no dia 7 de julho de 1913. O *Diario de Pernambuco* deixou de circular entre 1º de agosto daquele ano até 1 de janeiro de 1914 prometendo se adequar à modernidade. A velha sede, no Centro do Recife, foi remodelada, ganhou mais um andar, passando de três para quatro pisos. Um relógio e uma torre passaram a ser símbolos do jornal que estampou na edição de 7 de novembro de 1924, no seu 99º aniversário, que reconhecia seu passado, mas estava preparando-se para o futuro. A nova sede permaneceu sem maiores alterações físicas até a mudança definitiva do jornal, em 20 de junho de 2004, para o bairro de Santo Amaro, também no Centro, onde continua até os dias atuais.

A modernização da sede de um dos jornais mais tradicionais do país caminhou, paralelamente, com as necessidades da família Lyra. O jornalista Arnaldo Jambo conta que, mesmo com o clima de esperança e renovação que circundava o local, a redação convivia com a informalidade e a “familiarização” na gestão. Inicialmente, ficou incumbido de assumir a direção da empresa Antônio Alves Pereira de Lyra, sendo o gerente e secretário outro membro do clã: Carlos Lyra Filho, filho do coronel Carlos Benigno Pereira de Lyra⁴⁰, que posteriormente assumiu a direção da empresa, chegando a morar no prédio que abrigava a redação. Carlos Lyra foi um dos responsáveis pela reorganização do *Diario* em termos de estrutura física e editorial. Foi de Dr. Carlito, como também era conhecido na época, a eletrificação total do prédio, sem a qual seria impossível adaptar suas oficinas às impressoras linotipos, que foi o *Diario* que as inaugurou primeiramente em Pernambuco. No mesmo prédio, passou a funcionar um escritório da Usina Serra Grande, de propriedade dos Lyra no município de São José da Lage, em Alagoas.

39 Existe uma diferença na forma como o sobrenome Lyra, família que foi proprietária do jornal *Diario de Pernambuco*, no começo do século 20, é construído. No expediente do *Diario* na década de 1920, o nome é escrito com “y”. Já em fontes e pesquisas, é adotado o “i”. No nosso trabalho, utilizamos a forma como o jornal escrevia, com “y”. Em fontes citadas, optamos por manter a forma original, com “i”.

40 O sociólogo e jornalista Gilberto Freyre, que colaborou e dirigiu o *Diario* na década de 1920, em visita à usina de Serra Grande, em Alagoas, descreve o Coronel como um “senhor de engenho” com traços de “industrial moderno”. O encontro aconteceu no ano de 1924. “Recebe-me magnificamente (Coronel Carlos Lira). É um senhor de engenho com muita coisa de industrial moderno. Sobra-lhe em firmeza de ânimo e vigor de vontade o que falta ao filho Carlito. Carlos Lira Filho é uma vontade sempre em crise. Dirige o *Diário* como se fosse um personagem de Eça, inventando para simbolizar a decadência da força de vontade entre portugueses e uns tantos brasileiros, descendentes de portugueses.” (p. 221)

Na gestão de Carlos Lyra Filho foi realizada a segunda reforma do edifício do *Diário*, cuja esquina com a Rua das Cruzes, no Centro do Recife, se vendiam os famosos peixes fritos. As primeiras formas do prédio eram igualmente “assobradadas”. De dois antigos sobrados dos fins do século 19, a gestão dos Rosa e Silva promovera uma fusão arquitetônica, transformando as antigas estruturas num prédio único “extinguindo-lhe as biqueiras, aformoseando-o interna e exteriormente, ornamentando-lhe a fachada com dois andares apenas, em 1903⁴¹”. A intenção da compra do jornal pelo Coronel, segundo Arnaldo Jambo, era aumentar seu prestígio social – a família apesar dos negócios de açúcar em Alagoas tinha como origem o município de Timbaúba, em Pernambuco – e fortalecer o nome e a posição dos seus herdeiros na região.

A publicação, que foi severamente punida pelo apoio que dera ao então grupo político do Conselheiro Rosa e Silva⁴², com a nova gestão, ainda se comprometeu de se desligar de “qualquer dos três grupos políticos que presentemente servem as ordens do honrado governador do estado”. Desta vez, um grupo político do Estado vizinho de Alagoas, aparentemente sem pretensões eleitorais em Pernambuco, assumia o comando da empresa. “Os vinte e um anos da direção dos dois Carlos Lira se marcariam de realizações até revolucionárias”, define Arnaldo Jambo. Segundo ele, as mudanças se dariam “não só no campo do novo, em matéria gráfica, de impressão, como nos caminhos propriamente jornalísticos, de divulgação de opiniões, de maior produção e difusão de notícias nas duas primeiras décadas do século⁴³”.

Mas a onda modernizadora do *Diário de Pernambuco* ficou apenas na “fachada” do velho prédio construído em 1903 pelo Conselheiro Rosa e Silva. O jornal, em suas páginas do suplemento *Magazine*, em seus artigos literários, adotava um discurso conservador. Muito semelhante com a forma que esses jornais pensavam as relações de gênero em fins do século 19. Se era acusado pelos jornais

41 JAMBO, Arnaldo. **Diário de Pernambuco**: História e Jornal de Quinze Décadas. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975, p. 235.

42 O *Diário de Pernambuco* se transformou num verdadeiro “quartel general” quando seu então proprietário, o político e Conselheiro Francisco Rosa e Silva venceu as eleições, sob suspeita de fraude, para o governo de Pernambuco em 1911 mas foi impedido com a intervenção federal que nomeou general Dantas Barreto para o cargo. Neste período, jornalistas dos veículos dormiam na redação com risco de morte, a exemplo de Silva Júnior e Assis Chateaubriand, este último que, já na década de 1930, comprou o jornal e integrou o *Diário* ao seu grupo de comunicação, os *Diários Associados*, que mantém a gestão da empresa até os dias atuais (NASCIMENTO: 1968, p. 130).

43 JAMBO, Arnaldo. op. cit., p. 238.

adversários na época de adotar um tom “discreto” no campo político, esse novo formato do impresso não deixava, todavia, de demonstrar que tinha uma posição bem clara sobre as relações de gênero e seus preceitos mais tradicionais. Numa mesma edição recheada com uma poesia de uma mulher intitulada *Alguns dos meus silêncios*, de Debora de Rego Monteiro, e um artigo sobre a *Fallencia da Cortezia*, sem autoria, o jornal trouxe uma matéria que trazia no título a seguinte pergunta: *Estará o casamento fóra da moda?*

O texto de 5 de outubro de 1924 começa argumentando que as mulheres estariam ciosas de mais independência. Os homens não teriam mais recursos suficientes para arcar, sozinhos, as despesas do matrimônio. Enfim, “ninguém acreditava mais no amor”. Essas ideias seriam divulgadas inicialmente pelo novelista francês Marcel Prévost no periódico *La Renaissance*, que apresentava um quadro completamente diferente do Brasil no quesito relacionamento conjugal⁴⁴. Pelo menos na França, em território europeu, as mulheres estavam sendo representadas como “rebeldes” em não concordar com relacionamentos “tirânicos”, procurando mais o prazer e conquistar outros espaços na sociedade fora do matrimônio tradicional. O casamento começava a ser considerado, por algumas, uma verdadeira catástrofe.

Mas o mesmo jornal que estava desfilando em suas páginas sua inserção na modernidade, com uma sede remodelada, a compra de novas máquinas, entre elas uma linotipo com capacidade para imprimir edições de seis a doze páginas, tomou posição na polêmica e deu sua opinião de acordo com velhos valores. De fato, as mulheres idealizadas pelos jornalistas do *Diário de Pernambuco* estavam mais próximas da poesia de Debora de Rego Monteiro: silênciosas. Para contra argumentar as ideias de Prévost, a publicação cita outro francês, o teatrólogo Robert de Flers, que tinha uma posição completamente diferente, além de uma mulher, a feminista francesa Maria Vérone, apresentada como sufragista – ou seja, que lutava pela legalização do voto feminino.

O teatrólogo defendia que o casamento era a única garantia do amor. A feminista, no entanto, argumentava que as leis não davam garantias suficientes para as mulheres terem um casamento seguro. O jornal se mostrou a favor das duas ideias, discordando explicitamente Marcel Prévost. Concluiu a matéria nos últimos parágrafos:

44 *Estará o casamento fóra da moda?* **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de out. de 1924. Magazine. p. 7.

O teatrologista Robert de Flers, autor afamado do "L'amour velle", não concorda com as conclusões de Prévost. "O povo não acredita no amor? Pergunta ele indignado. "Todos os amantes o acreditam e continuarão a fazê-lo até o fim das idades. Dahi estar eu seguro de que o casamento permanecerá, porque é a ainda melhor garantia do amor"

A senhora Maria Verone, conhecida advogada e ardente sufragista, declarou que a lei não oferece garantias adequadas à mulher casada. Isso é um dos grandes motivos do amor livre.

Essa "enquete" causou grande sensação e teve enorme sucesso, pela diversidade das opiniões apresentadas, entre as quais, as que acima ficam, passam por ter sido as mais interessantes⁴⁵.

Entre o período que abrange um ano de análise, tivemos acesso a quarenta páginas do suplemento *Magazine*, espalhadas em quarenta edições, e em apenas 10 delas as mulheres se apresentam como autoras de artigos literários ou poesias. São elas: Julia Lopes de Almeida, Nila Molivani, Elita, Debora de Rego Monteiro, Maria de Carvalho, Alice Lengeller, Murilla Torres e Iveta Ribeiro. Sobre essas mulheres, há poucos vestígios. No *Dicionário Mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade, organizado por Schma Shumaber e Érico Vital Brazil, há apenas o registro, dentre as citadas, de Julia Lopes de Almeida (1862-1934), sobre a qual vamos abordar no segundo capítulo. A escritora nasceu no Rio de Janeiro e foi uma das referências de sua época em termos de produção literária feminina, mas nenhum artigo publicado por Julia no *Diário* faz menção aos direitos das mulheres.

Aliás, poucas produções assinadas por mulheres remetem a debates como o direito do voto feminino e a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho. Parte desse conteúdo aborda questões como maternidade, relacionamentos e alguns "deslizes de comportamento", a exemplo de roupas, que poderiam ou não ser usadas pelo público feminino. Existem críticas a esses valores, mas não explícitas. Algumas delas, como a realizada por Debora de Rego Monteiro, chamam a atenção pelo título: *Alguns dos meus silêncios*. Melancolia e tristeza marcam seu estilo questionador.

Os versos da autora tiveram espaço em três edições do suplemento carregando o mesmo título⁴⁶. A escritora indaga sobre o valor do silêncio e explora os possíveis paradoxos da sociedade contemporânea em fins da década de 1920. Debora de Rego Monteiro demonstra erudição ao citar trechos em francês

45 Estará o casamento fora da moda? **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de out. de 1924. *Magazine*. p. 7.

46 *Alguns dos meus silêncios* foi publicado nas edições de 7 de setembro de 1924; 14 de setembro de 1924; e em 5 de out. de 1924

intercalando com o português na sua poesia. Na primeira produção publicada, ela defende que um imbecil se espanta das próprias imbecilidades como das imbecilidades alheias. O imbecil ainda se espantaria com os paradoxos frutos dessas imbecilidades. Porém, salienta a autora, essas imbecilidades representam a “opinião corrente”. Não se sabe quais seriam as “imbecilidades” - termo tão repetitivo e que repetimos aqui também - criticadas pela autora. Mas o imbecil estava descrito como um sujeito masculino.

A historiadora francesa Michelle Perrot chama a atenção sobre o “silêncio” das mulheres na obra *As mulheres ou os silêncios da história*, lançada no Brasil em 2005 pela Editora Edusc⁴⁷. Na avaliação da historiadora, as mulheres tornaram-se alvo de um relato histórico que as relegou ao silêncio. Elas, por um lado, sempre foram representadas a partir de narrativas construídas por homens. A historiadora diz que é comum a ausência de fontes históricas a respeito das próprias mulheres, construídas por elas próprias. Mulheres deixaram poucos vestígios sobre seus pensamentos, suas angústias, principalmente aquelas consideradas comuns, fora do eixo das “grandes personagens” (rainha ou heroínas) construídas ao longo da história, mitificadas, pelo olhar masculino. Na ausência de participação no espaço público, sobretudo até o fim do século 1920, elas aparecem como “invisíveis”, pois, pouco se fala delas em ambientes marcados pela presença masculina.

Já na segunda produção de *Alguns dos meus silêncios*, Debora de Rego Monteiro escreve, em alguns trechos, sua poesia em primeira pessoa. A autora inicia o texto citando sua percepção pessoal sobre o sol. Sua “linda claridade”, garante, se transforma em lágrimas depois de uma “chuvada” de água fresca. O mais belo dos sóis, rebate, é uma verdadeira “lua de sangue”, para depois arrematar: “Folheio muitos livros, cujo odor me sabe, antes, ao de bestas suadas⁴⁸”. A figura de linguagem é usada antes da autora entrar na crítica aos conceitos de beleza feminina e à educação das mulheres. Ela narra que a melhor reverência que se esforça a mulher em prestar ao sexo masculino é vestir-se com elegância. Ele, o homem, não teria nada a se queixar, já que poderia ser o “sol”, ou seja, o centro das atenções.

47 PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

48 MONTEIRO, Debora de Rego. Alguns dos meus silêncios. **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 de set. de 1924. Magasine, p. 7.

No entanto, para ela, a “felicidade toda poderosa” não era essa. O modelo para ser feliz era a busca de algo transcendental, comparando a algo que poderia livrar a alma como suspendem-se as luzes e que descem as coisas e as águas. A forma e o estilo apresentam comparações, assim como sua conclusão final: “A ironia é um espasmo mental que até a dor amortece. Por felicidade, aplasta a vergonha de se recortarem os homens infelizes⁴⁹”. Note-se, aqui, duas palavras que fazem todo o sentido para a percepção final do texto: “espasmo” e “aplasta”. Espasmo nada mais é que uma contração involuntária de um músculo, geralmente acompanhado de algumas dores localizadas. Logo, era preciso ser irônica, nem que fosse preciso forçar o cérebro. Já aplasta é a flexão do verbo aplastar, que significa cansar. A felicidade era “aplasta”, ou seja, seria um fruto do cansaço recortado “por homens infelizes”. O recado foi dado.

A última produção de *Alguns dos meus silencios*, publicada na edição de 5 de outubro do *Magasine*, do *Diario de Pernambuco*, que reproduzimos em parte, aqui, retrata um pouco do mundo privado da autora. Ela relata que não tem capacidades físicas adequadas para atividades do lar. Debora do Rego demonstra estranhamento. Conta uma história e diz que ao buscar uma galinha de pádua, não conseguiu, e trouxe uma choca. “Realidades brigam com ideias”, completa, ao citar sua cozinheira. Para ela, sua funcionária doméstica, do sexo feminino, se assemelha aos gatos: tem filosofia, por instinto, mas não tem a capacidade de fazer reflexões. Talvez, a crítica seria para as mulheres que liam o suplemento e não questionassem os valores que estavam ali, naquelas páginas. Demonstrando conhecimento em filosofia grega, ainda solta: “Também, nem minha cozinheira nem meu gato é entusiasmado e preocupado de apologética”.

Debora de Rego Monteiro queria mesmo uma “revolução”. Observe que, para ela, “revolução” seria sinônimo de transgressão. A “revolução” poderia “anular” o poder das autoridades:

São as revoluções que engrendam muitas vezes a nullidade das auctoridades. Servem, porém, a dissolvem-a, ás mais das vezes. Bem que não ás autoridades caiba a liberdade de querer uma revolução.

Pôde-se encontrar maridos extremamente attrahentes entre os que perderam recentemente suas mulheres.

Recorta a confusão de linguagem uma religião: - a religião dos molles sophismas. Sem duvida a única que á prosa enturva. Mas não ja sombra sen. transparencia. A' obscuridade è que se refracta toda luz⁵⁰.

49 MONTEIRO, Debora de Rego. *Alguns dos meus silencios*. **Diario de Pernambuco**. Recife, 14 de set. de 1924. *Magasine*, p. 7.

50 Idem.



Imagens 2a e 2b - O Magasine trazia uma página de variedade, na qual o jornalismo cultural era um dos principais temas. Mulheres de todas as idades eram destaque na página especial. A primeira reprodução é de 8 de agosto de 1924; já a segunda, é 28 de novembro de 1924. A qualidade da imagem é inferior as do Diário da Manhã porque o Diário de Pernambuco digitalizou seus documentos a partir dos microfimes da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Reprodução: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press.

O jornal debatia, através de jornalistas homens ou de artigos sem assinatura, de sua forma, o feminismo, a questão estética do corpo mulher e as novas tendências da moda, principalmente a advinda de Paris, cidade citada em vários artigos do período, mostrando que o padrão francês, além de influenciar o jornalismo em termos editoriais, também era importante para a alta costura do período. Um tempo marcado por avanços e novas demandas, algumas reprimidas.

Por exemplo, na edição de 3 de agosto de 1924, no artigo intitulado *O verdadeiro feminismo*, sem a identificação do autor, a publicação demonstra o que pensa sobre o assunto e ilustra bem o pensamento da redação no período. O artigo cita a questão da intenção de algumas mulheres, ainda na década de 1920, de ter acesso ao voto. Esse direito só foi conquistado na Era Vargas, uma década depois.

O argumento utilizado na publicação vem de uma autora estrangeira, a peruana Ema Garcia y Garcia, que, diretamente de Paris, argumenta que em seu país de origem as mulheres não estão preocupadas em votar, e sim, ter direito à independência financeira, o que seria traduzido em trabalho. A política, para ela, estaria em segundo plano. E o jornal endossa a tese na argumentação do texto.

Segundo o *Diário*,

Ha no Rio de Janeiro um pequeno grupo de damas inteligentes, mulheres de espírito e que, por terem espírito, também devem ter coração, que se batem pela conquista do voto para as mulheres. Acham ellas que a independencia da mulher só pôde ser obtida com a obtenção dos direitos politicos, ponto de vista visivelmente erroneo, e, sobretudo, contradictorio, em taes circumstancias, da propria liberdade.

Em um artigo recente em 'L'Amérique Latine', de Paris, a escriptora peruana Ema Garcia y Garcia esclarecia, inteligentemente esse problema. Segundo ella, a mulher, no Perú, não tem o direito de voto, nem o deseja. E, no emtanto, está quase emancipada. Está emancipada porque pôde manter-se sem auxilio do homem, quer como professora quer como dactylographa, quer como funcionaria do governo, quer como empregada do commercio, nas suas variadas modalidades. Não ha autonomia politica, quando não se tem independencia economica⁵¹.

Utilizamos o trecho da publicação para mostrar como o “padrão” editorial reforçava parte do pensamento dos jornalistas e da imprensa de um modo geral sobre o lugar da mulher na sociedade recifense da época. O linguista francês Patrick Charaudeau alerta sobre “os efeitos” do jornalismo impresso. Ao contrário de outros meios, como rádio e televisão, “a escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera⁵²”. Note-se que, neste período, não havia no Recife a consolidação do rádio como meio de comunicação⁵³, nem a televisão, que só chega ao Brasil na década de 1950, com a TV Tupi, dos *Diários Associados*. Jornais como

51 O verdadeiro feminismo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 de agosto de 1924. Magasine, p. 7.

52 CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: 2006, p. 113.

53 Em um período anterior, no Recife, começaram as atividades da Rádio Clube de Pernambuco, em 6 de abril de 1919, fundada por Antônio Joaquim Pereira, considerada a primeira rádio do país. Defendemos aqui que o rádio, em nossa análise do suplemento, ainda não era um meio de comunicação popular no Estado. A Rádio Clube, posteriormente, foi adquirida pelo grupo Diários Associados, em 1952. Manteve suas atividades até o ano de 2014, quando passou ser uma emissora afiliada da Rádio Globo, do Rio de Janeiro, das Organizações Globo. Atualmente, funciona com o nome Rádio Globo Recife, sendo fruto de uma parceria de dois grupos de comunicação. Ainda pertence aos Diários Associados.

esse eram guardados por famílias, além de se tornarem ferramentas de alfabetização de jovens e adultos na década de 1920⁵⁴.

Chamamos atenção, neste sentido, para o poder de representação desses jornais e dos seus suplementos literários em tempos de protagonismo e sem qualquer tipo de “concorrência”. Patrick Charaudeau traz para às ciências da comunicação, em diálogo com campos da sociologia, de Pierre Bourdieu, da psicologia social, de Moscovici, além da antropologia social, de Georges Balandier, o conceito de representação social como a relação percepção-construção que o ser humano mantém com o real. “Elas (as representações) se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência⁵⁵”. É como se o “verdadeiro feminismo”, defendido nas páginas do jornal recifense, fosse uma transposição de imagens e discursos em curso na sociedade recifense da época. E essa representação discursiva revela a “desejabilidade” que determinado grupo detinha – no caso os jornalistas que escreviam – sobre experiências do cotidiano das relações de gênero na capital pernambucana.

Seja por questões logísticas ou editoriais, os leitores do suplemento *Magasine*, do *Diário de Pernambuco*, não tinham, aparentemente, uma discussão aprofundada sobre o feminismo dentro do seu suplemento de variedade. Esse era um tema pouco debatido em suas páginas, porém, isso não quer dizer que algumas mulheres deixavam de contestar a realidade vigente.

Nas transformações do corpo feminino dos séculos 19 para o 20, o suplemento *Magasine* também dava sua opinião. Numa época em que a estética feminina estava atrelada a roupas mais justas, com cortes retos, a magreza era fundamental. Já no final da década de 1920, a publicação defendia a prática de esportes pelas mulheres – o que era considerado uma “quebra de tabu” em todos os campos, desde o científico ao esportivo. No artigo *O sport e a beleza das mulheres*,

54 O jornalista Fernando Morais narra na biografia do fundador do grupo Diários Associados, Assis Chateaubriand (1892-1968), que o jornalista paraibano, criado no bairro de Dois Irmãos, na cidade do Recife, em Pernambuco, utilizava, aos dez anos de idade, jornais em seu processo de alfabetização tardio. “Os rudimentos das primeiras letras lhe foram transmitidos por dois paraibanos – Manoel Távora Cavalcanti e Álvaro Rodrigues Campos – e pelo tio Antônio Feliciano Guedes Gondim, que visitavam com frequência a casa da família em Dois Irmãos. Exemplos velhos do Diário de Pernambuco e do Jornal do Recife, abandonados no porão da casa, foram sua primeira cartilha”. IN MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 41.

55 CHARAUDEAU, Patrick. op. cit., p. 47.

também sem assinatura, reforçada por desenhos de vestidos para mulheres de corpos magros, o jornal diz que defender a prática de esportes pelas mulheres é o “feminismo ideal”. A publicação é de 21 de dezembro de 1924. Vale salientar que o *Magasine*, além de ter publicado artigos e questões literárias, também se apresentava como um suplemento de “Modas”. Descreve o texto,

Graças a ella não ha receio em exaggerar-se que tudo leva a crer que o sport tambem lhe pertencerá. Aliás, uma conclusão é evidente: - não constitue um obstaculo à belleza. Antes pelo contrario: um exercicio bem orientado lhe dará o maximo de formosura, além de avivar-lhe os predicados da graça. Adeus ao ideal dos romanticos, carvão e ennegrecer as olheiras falsas e vinagre e a empallescer faces risonhas! O 'cruos country', por exemplo permite á mulher o realce de suas linhas e lhe faculta attitudes que correspondem aos mais severos e classicos canones. Não ha que estranhar, pois os gregos, mestre immortaes, reproduziam nos frisos e estatuas a elegancia e a força dos athletas, como admiraveis vencedores que haviam conquistado o ideal da belleza humana⁵⁶.

A historiadora Susan Besse, no entanto, alerta para um mecanismo – muito comum em jornais populares da década de 1920 – intitulado como “antifeminismo”. Nesse período, alguns intelectuais, ao popularizar a ideia do “feminismo”, banalizava sua seriedade e distorcia seu significado. A mensagem era de que ser “feminista” era ser uma mulher moderna e estar na moda. Não havia, no entanto, qualquer ligação deste tipo de conteúdo a questões como mudança de consciência e direitos civis. Por outro lado, mulheres que contestavam algumas práticas e eram ligadas ao movimento feminista, poderiam ser ridicularizadas ao serem representadas por papéis desempenhados pelo sexo masculino. “Durante todo o período do pós-Primeira Guerra Mundial ávidos antifeministas – em geral politicamente conservadores – combatiam a democracia liberal, bem como o feminismo e todas as demais ameaças às relações sociais hierárquicas tradicionais⁵⁷”.

O final da década de 1920 estava inserido no que a historiografia chama de primeira fase do feminismo, que começa ainda no final do século 19. Segundo as historiadoras Alcileide Cabral do Nascimento e Noêmia Maria Queiroz, esse momento trata das iniciativas e ações de mulheres que “questionaram e enfrentaram o regime de verdade sobre seu sexo e seu intelecto, no final do século XIX e nas décadas iniciais do XX, e foram capazes de conquistar o sufrágio, os direitos civis e

56 O sport e a bellezza das mulheres. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 de ago. de 1924. *Magasine*, p. 7.

57 BESSE, Susan. op. cit., p. 214.

sociais⁵⁸”. Só é a partir da década de 1960 que o movimento feminista e as mulheres “politizaram” o corpo, o prazer, a sexualidade, a reprodução (o casamento) e criticaram abertamente o patriarcado. A diferença nestes dois momentos explica, por exemplo, a tentativa da imprensa em combater com veemência, no período de nossa análise, temas como o direito da mulher em votar e os direitos civis e sociais, como o trabalho. Os suplementos, de seu modo, combatiam essas mudanças, mesmo aceitando algumas transformações na estética do corpo feminino.

E dentro dessas mudanças, só mesmo com algum exercício físico ou com uma boa alimentação, como destacou o artigo sobre a importância a prática dos esportes, as mulheres brasileiras, sobretudo pernambucanas, poderiam utilizar vestidos da alta costura, como os em *moire*, em *taupe*, ornados de bordados, ricos em cores azul e vermelho. Os trajes buscavam a “perfeita distinção” e tinham poucos enfeites, como as *draperies* ao lado, nos punhos e na gola da manga. Os tecidos cetins também ganhavam destaque e davam movimento aos trajes mais sofisticados da Primeira República (1889-1930). Chás e jantares de cerimônia, dentro das novas práticas de sociabilidade da época, eram os alvos principais de toda essa produção, combinadas por chapéus com tons sóbrios. As chapelarias, lojas especializadas na venda do adereço tão comum na época, também estavam presentes nos anúncios do caderno. Um conjunto e tanto para as leitoras e seus maridos que esperavam o jornal aos domingos.

Toda essa ousadia nas vestimentas, no entanto, deveria seguir determinado padrão estético, regrada pela moral da época. Luxo não poderia ser sinônimo de vulgaridade. Retirando as ocasiões citadas acima, que exigiam vestidos mais elaborados, o ideal no cotidiano era mesmo utilizar roupas brancas, sem cores fortes. “Isto porque a roupa branca é modesta - não se mostra - só é conhecida pela sua própria dona e assim, não pôde suscitar admiração ou inveja aos olhares alheios, entretanto, é ella o mais eloquente atestado do bom gosto e capricho de uma mulher”⁵⁹, diz um artigo sem autoria do período

Dicotomias existiam. Mulheres mais ousadas figuravam as páginas como “Estrelas do cinema” conviviam com sugestões para que as leitoras fossem discretas e comportadas dentro do espaço reservado à moda no *Magazine*. Eram dois

58 LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **O debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870-1920)**. Cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014.

59 Seção Elegância. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de jun. de 1924. Magazine, p. 7.

padrões a serem seguidos: o da alta costura e o do cotidiano, este último atribuído aos afazeres do lar ou ao trabalho feminino. Contando as novidades do estilista francês Rodier em 9 de novembro de 1924 e dividindo a página com artigos assinados com nomes como Costa Porto, Juliana Lopes de Almeida e Paulo Torres, a jornalista Alice Lengeller – possivelmente uma autora estrangeira – fala dos vestidos em tom tigre e camaleão. Golas e punhos usavam a mesma estampa, combinados com os chapéus. Eram trajes elegantes. A autora diz que “Si a mulher estiver *chic* no vestido camaleonico, vencerá o camaleão, como vencerá o tigre”⁶⁰. Para vencer essa batalha pela elegância, de um mundo (quase) animal, era preciso mais que um vestido.

O linguista Patrick Charaudeau, especialista em análise do discurso das mídias, conceitua o “contrato de comunicação em geral”. A tese nas ciências da comunicação também é conhecida como “contrato de leitura”. O que seria esse contrato? Discursos dicotômicos como esse dependem de uma “construção de interesse social”. É como se o jornalista que escrevesse determinado conteúdo tivesse condições específicas de aceitação do público-leitor ao qual se dirige. As duas representações de mulher: o da estrela de cinema e a “dona de casa ideal” construía sentido para os leitores do *Diário* em fins da década de 1920. “A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que se constitui o seu valor simbólico”⁶¹.

Esse contrato de comunicação também é discutido pelo linguista e sociólogo Eliseo Verón em *Fragmentos de um tecido*, destacando que o discurso de um suporte de imprensa (no caso, uma matéria) é um “espaço de imaginário” onde percursos múltiplos são propostos ao leitor. Esses caminhos seriam paisagens que, de alguma forma, “o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder, ou ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas”⁶². Nessa relação de leitura, estabelecida no contrato, a instância receptora encontra personagens e história que pode se identificar, ou não, mas dentro dos limites que fazem uma ligação entre a empresa de comunicação e seu público. Em outras palavras, é como se o leitor, ao comprar

60 LENGELLER, Alice. As extravagâncias da moda. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 de novembro de 1924. Magazine, p. 7.

61 CHARAUDEAU, Patrick. op. cit., p. 67.

62 VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004, p. 236.

determinado jornal já esperasse determinadas opiniões e posicionamentos políticos. “Ler é fazer: é preciso, pois, terminar com o procedimento tradicional que se limita a caracterizar o leitor 'objetivamente', isto é, *passivamente*”⁶³.

No nosso caso, como não podemos realizar estudos de recepção por questões temporais, ou seja, de como o leitor hipoteticamente leu essas informações na década de 1920, fizemos seu perfil através dos anúncios publicados nos dois jornais. Optamos, assim, em fazer um estudo sobre quem anunciava no *Diario de Pernambuco*, como fizemos no *Diario da Manhã*. Afinal, se uma determinada empresa anunciava nestas páginas, provavelmente, o leitor estaria interessado em adquirir seus produtos. No caso do *Diario de Pernambuco*, como não havia uma separação explícita de dois cadernos – como acontecia com o *Diario da Manhã*, que publicava seus suplementos num segundo caderno denominado *Segunda Secção* – fizemos a análise dos anúncios em todas as páginas da publicação, aos finais de semana, quando o suplemento *Magasine* era publicado. Essa análise também tem a intenção de buscar um “perfil” desse leitor dos dois jornais.

Diferentemente do *Diario de Pernambuco*, que não deu pistas sobre sua tiragem na documentação analisada na década de 1920, o *Diario da Manhã* revelou, em sua edição especial de um ano de aniversário, em 16 de abril de 1928, o número de exemplares que colocava nas ruas. O jornal tinha uma tiragem média de 10 mil exemplares por dia, conseguindo a marca de 20 mil em algumas ocasiões. Na edição comemorativa, o *Diario da Manhã* se intitulava como o líder em vendas no Estado de Pernambuco e na região Norte. A publicação, em um artigo sem assinatura, reclama do número de analfabetos no país, o que impediria a ampliação do seu público-leitor. O texto faz um panorama no Brasil e em países vizinhos, como a Argentina. A veículo ainda relata o número de papel que importou em um ano de atividade na tentativa de comprovar sua liderança. Foram 258 mil kg, tendo uma média mensal de 21 mil kg.

63 VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004, p. 236.

"Na própria Capital Federal os jornais mais lidos mantêm uma média de cinquenta mil exemplares numa cidade de mais de um milhão de habitantes⁶⁴", diz o texto. Na cidade de São Paulo, segundo o artigo, com a junção de todos os jornais, a tiragem não chegava a 10 mil exemplares. O cenário seria diferente na Argentina, cujo o jornal La Prensa teria uma tiragem média superior aos 200 mil exemplares. "Assiste-nos o direito de afirmar, sem receio de qualquer contestação, que o *Diario da Manhã* é o jornal de maior circulação em todo o Norte do Brasil⁶⁵". O texto também diz que o Estado de Pernambuco tinha os jornais mais bem equipados da região Norte e que a imprensa local não passa da tiragem de 3 mil a 6 mil exemplares diários. Essa, no entanto, é uma informação de interesse do jornal e que não consta de mecanismos de aferição de audiência, como acontece nos dias atuais.

No *Diario de Pernambuco*, foram analisados 1,585 anúncios, não incluímos os classificados – os anúncios menores geralmente dedicados à venda de bens e objetos pessoais dos leitores. Na análise que abrangeu o período que vai de 1º de junho de 1924 a 30 de novembro do mesmo ano, ou seja, em seis meses, notamos que o leitor do *Diario*, em tese, era alvo particular de empresas que vendiam produtos farmacêuticos, como xaropes, tônicos que combatiam a depressão e licores para o sistema digestivo. Este setor liderou nossa análise quantitativa com 37,03% dos anúncios veiculados pelo jornal pernambucano (*ver quadro completo*). A saúde das crianças, das mulheres e até o combate a doenças sexualmente transmissíveis eram os temas principais dos anunciantes. A imprensa em fins do século 1920, em seus suplementos literários, era um retrato da preocupação da

Anúncios publicados	
Produtos farmacêuticos	37,03%
Representante comercial/importadora	12,43%
Transportes de navegação	7,38%
Indústrias e máquinas	8,26%
Roupas	5,87%
Produtos de limpeza	5,80%
Seguradoras e bancos	5,30%
Apresentações culturais	5,17%
Hotéis	2,80%
Leilões	2,65%
Armazéns de construção e distribuição	2,08%
Calçados	1,45%
Acessórios para carros	1,26%
Serviços fotográficos	1,20%
Veículos	1,20%
Alimentos e bebidas	1,02%

Foram analisados 1585 anúncios (não incluem classificados) publicados em 296 páginas entre 1º de junho de 1924 a 30 de novembro de 1924. A análise foi realizada em todas as páginas das edições quando houve publicação do *Magazine*

64 As tiragens do *Diario da Manhã* são as maiores do Norte do Brasil. **Diario da Manhã**, Recife, 16 de abril de 1928, p. 2.

65 Idem. p. 2.

“modernidade” com a saúde pessoal. Se somarmos os produtos farmacêuticos (37,3%) com os anúncios dos produtos de limpeza (5,80%), teremos 43,1% dedicados a este tema.

Logo em seguida, aparecem as empresas e representantes que exploravam, sobretudo, artigos importados, a exemplo lâmpadas e eletrônicos. Esse setor ficou com 12,43% dos anúncios publicados no período da análise. Na terceira colocação, figuram os anúncios de empresas de transporte de navegação, com 7,38%. Note-se que nessa época essas embarcações transportavam pessoas e mercadorias entre o Recife, em Pernambuco, e diversas cidades do globo. Outro ponto que chamamos a atenção é para os anúncios de roupas, muitos deles, “modistas”, termo dado na época a costureiras, e para lojas que vendiam tecidos para serem cortados sob medida para crianças e adultos.

Independente das pistas sobre seus leitores, essa imprensa em fins da década de 1920, sobretudo os suplementos literários – edições publicadas nos finais de semana e que poderiam ser lidas com mais calma pelas famílias, ao contrário do jornalismo praticado durante a semana – “presenciou a vontade de muitos homens e mulheres a refazerem as relações sociais nas cidades. Mas, não apenas registrou esses projetos, como foi importante promotora na redefinição dos lugares de gêneros⁶⁶”. Ou seja, ao selecionar e publicar poesias como a de Debora de Rego Monteiro, esses jornais impressos foram vitais na cristalização de algumas imagens do feminino e do masculino, além, claro, de revelar os desejos de ambas as partes na manutenção, ou não, de determinadas práticas e relações sociais. Parte dessas imagens já foram exploradas ou estão sendo revistas pela historiografia, a exemplo das figuras da melindrosa e do almofadinha⁶⁷, presentes, sobretudo, em revistas semanais. Mas os reflexos desses valores também estavam presentes outra seara: os suplementos infantis, destinados às crianças, os leitores em formação.

66 BARROS, Natália Conceição Silva. Os arriscados voos da vida: práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 50.

67 MELO, Alexandre Vieira da Silva. **Do flirt, do footing, da Rua Nova**: Melindrosas e almofadinhas no Recife na década de 1920. Dissertação de mestrado em história. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), 2015.

1.2 No *Diário da Manhã*, os homens opinam, mas as mulheres “querem morrer”

“Quero que a morte venha imprescutida. Para levar-me em sonho, num transporte. E que á hora da extrema despedida⁶⁸”. É assim que começa a primeira publicação assinada por uma mulher no suplemento literatura do jornal *Diário da Manhã*, em 31 de julho de 1927. Note-se que o suplemento começa, assim como as atividades do jornal, em 16 de abril do mesmo ano. Ou seja, foram necessários quase quatro meses para que as mulheres, enfim, assinassem publicamente – com a identidade revelada – uma produção dentro de um espaço tão privilegiado no impresso pernambucano. O *Soneto para a morte*, de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, é um poema carregado, forte, angustiante. A desilusão de uma vida, pesa, e vira palavras.

Mas o “vazio” temporal e a baixa participação feminina como escritoras no suplemento de literatura do *Diário da Manhã* continua, mesmo sendo elas o principal alvo das produções realizadas por homens. Depois do soneto fúnebre, só haverá outra poesia assinada por uma mulher na edição de um ano seguinte, em 1º de janeiro de 1928, com duas poesias, uma intitulada *Madacarú*, de Palmyra Wanderley⁶⁹, tia do governador de Pernambuco, Cid Sampaio, que remete a temas ligados ao semiárido nordestino, e *Deante de um tumulto*, de Maria Eugenia Celso, resgatando o desejo da morte, narrando tristezas e angústias.

Tanto *O Soneto para a morte* como *Deante de um túmulo* expressam a tristeza da vida. Por que, afinal, as mulheres insistiam em escrever sobre temas tão melancólicos neste período e nos jornais? Por que seus textos eram tão escassos em relação aos dos homens? E nos artigos e críticas literárias, por que elas eram apenas alvo e não contadoras de versões? Do período entre os meses de abril de 1927 e abril de 1928, em 71 páginas e edições dos suplementos literários analisadas, apenas essas três produções citadas, além de outra poesia Anna Amélia

68 MENDONÇA, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de. *Soneto para a morte*. **Diário da Manhã**. Recife, 31 de julho de 1927. Literatura, p. 3.

69 Considerada uma das pioneiras do jornalismo feminino do Estado do Rio Grande do Norte, Palmira Wanderley fundou, juntamente com um grupo de poetisas e escritoras, a revista *Via Láctea*, primeira edição no estado só editada por mulheres entre os anos de 1914 a 1915. Colaborou com jornais como *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*, além de ter dois livros publicados (*Esmeraldas*, 1918, e *Roseira Brava*, 1929). Nasceu em Natal em 6 de agosto de 1894 e morreu na mesma cidade em 19 de novembro de 1984. Seu sobrinho, o político Cid Sampaio, governou Pernambuco entre 1959 a 1963. Fonte: http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Palmyra+Wanderley<r=p&id_perso=312 Acessado em 22/12/2015 às 02:17

de Queiroz Carneiro Mendonça⁷⁰, em 5 de fevereiro de 1928, foram assinadas por mulheres num intervalo de um ano.

A produção de Maria Eugenia Celso ilustra bem a situação em que as mulheres estariam dentro das produções jornalísticas literárias da imprensa. Um mundo cercado por sombras, uma vastidão sem limites. Palavras como “incertezas”, “silêncio”, “revolta”, “grito”, são utilizadas pela autora. A poesita descreve um verdadeiro calvário:

Oh! pequenina sombra, que procuro
Na vastidão desse longiquo além,
De encontro a noite do invisível muro
Bate-me em vão... estendo as mãos no escuro
Assim debalde te supplico: vem!

Atravez a incerteza do infinito,
No inquebrável silencio desta paz
Não tem éco a revolta do meu grito
E nem resposta a dôr com que repito
Onde estás?... Onde estás?

A que obscuro designio suco umbiste?...
Ao lancinante appelo de meu ser
Qual a força implacavel que resiste?
Das tristezas maiores a mais triste⁷¹

A “nova imprensa”, sobretudo o jornalismo cultural em formação no país na década de 1920, estava mesmo nas mãos dos homens. Se faltam mulheres como autoras de conteúdos em suas páginas, o *Literatura*, do *Diario da Manhã*, não deixava a desejar em trazer nomes do mundo masculino, que circulavam entre a academia, a política, a filosofia. Da Costa Aguiar, Lima Barreto, Agrippino da Silva, Jarbas Peixoto, Olegário Marianno, Humberto de Campos, Vargas Vila, Gilberto Amado, José Campello, Luiz da Câmara Cascudo, Monteiro Lobato⁷², estão entre os colaboradores da página literária. São eles que se destacam neste jornal erudito em transformação, com longos artigos e mais recursos gráficos. Esse jornalismo que muda em suas técnicas, mas não na abordagem de conteúdo.

Estas eram algumas das características da imprensa brasileira na década de 1920, sobretudo nos seus momentos finais. Surgem os primeiros grupos de

70 MENDONÇA, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de. Tardes de outono. **Diario da Manhã**. Recife, 5 de fev. de 1928. *Literatura*, p. 5.

71 CELSO, Maria Eugenia. Deante de um tumulo. **Diario da Manhã**. Recife, 1 de jan. de 1928, *Literatura*, p. 5.

72 BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 215-216.

comunicação, como os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, e os jornais impressos começam a usar velhas estratégias para consolidar novos mitos: o da imparcialidade, da “informação pura”, mas sem abrir mão de produções “frias”, longe do factual da semana, para influenciar seus leitores em edições onde a cultura e o comportamento eram os carros-chefes⁷³. E neste novo mercado, não eram só as empresas de comunicação que saíam ganhando. Era uma via de mão dupla.

De acordo com o crítico literário e jornalista Felipe Pena, em *Jornalismo literário*, a inserção desses intelectuais (homens), e, em alguns poucos casos, mulheres, nos suplementos literários se justificou em duas frentes. A primeira delas era que, na ausência de editoras de livros, e de um mercado consolidado deste segmento, esses nomes das letras utilizavam os suplementos como meio de divulgação de seus respectivos trabalhos. Tanto é que, nesta primeira metade do século 20, apesar dos primeiros sinais da profissionalização do jornalismo, os jornais impressos tinham uma forte influência literária até na construção de matérias mais factuais.

Os suplementos destes jornais eram importantes para escritores, professores e outros intelectuais, para se destacar na sociedade e até conquistar uma segunda profissão. Outro ponto na consolidação dos suplementos, segundo Felipe Pena, era o sucesso das narrativas românticas e os folhetins publicados na imprensa desde o século 19, atraindo um grande número de leitores. Editores e jornalistas, muitas vezes, eram autores desses textos literários. “Ter o nome veiculado nas páginas dos jornais legitima tanto os autores quanto os críticos, abrindo espaço não só nas principais editoras, mas até mesmo em outras carreiras, como a política e o próprio jornalismo⁷⁴”, diz o autor. Note-se, por exemplo, Olegário Mariano, colaborador do *Diário da Manhã*, deputado federal de Pernambuco era escritor nas horas vagas. Foi nesta época, ainda, que pernambucano Nelson Rodrigues trabalhou voluntariamente no jornal *O Globo*.

Numa época marcada pelos debates como o voto feminino, a igualdade de gênero, o feminismo, entre outros temas, as páginas desses jornais pareciam “imutáveis”, não debatiam com profundidade essas questões, ou quando abordavam, se mostravam claramente contra essas novas demandas sociais. Aliás,

73 BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 87.

74 PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 42.

são nos suplementos desses jornais que a representação da mulher dona de casa, solteira, e de crianças com roupas compostas, é registrada e, de um certo modo, até reforçada. A representação ganha forma através de novos instrumentos editoriais, como o uso da fotografia e da ilustração. Do ponto de vista jornalístico, as técnicas eram novidades. Mas do ponto de vista editorial, nada revolucionário.

Se no século anterior, as mulheres utilizaram nos jornais femininos do Recife uma “linguagem doce” para conquistar e despertar a sociedade sobre questões básicas, como o direito aos estudos ou de não serem agredidas em casa, os jornais da década de 1920, na grande imprensa, também recorriam a este recurso literário, mas com certa “violência discursiva”⁷⁵. Em “Um discurso possível: pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910)”, livro organizado pelas pesquisadoras Elizabeth Siqueira e Luzilá Gonçalves Ferreira, os jornais com participação feminina ou editados por mulheres em Pernambuco eram nomeados como “imprensa perfumada”. As autoras relatam, no entanto, que mesmo apostando numa linguagem leve e muitas vezes com figuras de linguagem que demonstravam submissão aos homens, estas mulheres quebraram tabus ao se inserir como agentes históricas, participando de uma conquista masculina: escrever em jornais.

Passado o século 19, e mesmo ausente do ponto de vista da produção, as mulheres não deixavam de ser tema da imprensa. Numa edição de dezesseis páginas, dividida em dois cadernos cada um com oito páginas, uma poesia de Vargas Vila publicada no suplemento Literatura do *Diário da Manhã* demonstra como a mulher era pensada por estes jornalistas e escritores homens. Em *Uma página*, o literato divaga num ambiente de crepúsculo, de solidão e de silêncio. Tudo, no entanto, cercado pelo cheiro de perfumes e rosas, dois elementos comuns na época para descrever o gênero feminino. A defesa da poesia é clara. A mulher bonita e ideal é a que sofre e chora. O curioso é que o prazer, para o autor, diminui a “beleza feminina”. Para ser uma mulher de verdade, é preciso sofrer. A produção dessa poesia é inspirada na deusa Niobe, personagem da Mitologia Grega, que é conhecida pela perda de filhos. Descreve Vargas Vila,

A AVENTURA NÃO DÁ BELLEZA AO ROSTO;

NÃO TENS VISTO COMO OS SERES FELIZES TÊM UM SEMBLANTE
TERRIVELMENTE IDIOTA?

75 SIQUEIRA, Elizabeth Santos (Org.). **Um discurso feminino possível**: pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

AO CONTRARIO, A DOR E´ UMA FORMA AUGUSTA DE BELLEZA.

NÃO TENS VISTO COMO UMA' DÔR ENORME SUBLIMISA UM ROSTO.

E´ SOB O VÉO DAS LÁGRIMAS QUE O ROSTO DE UMA MULHER TEM MAIOR ENCANTO...

NÃO HÁ UMA VOLUPTUOSIDADE IGUAL A' DE APURAR ENTÃO O SAL DE SUAS LAGRIMAS, SECANDO-AS COM OS NOSSOS LABIOS:

O ROSTO DA MULHER, NO INSTANTE DO PRAZER, E' REPUGNANTE E' SO A PAIXÃO, A MAIS BAIXA PAIXÃO QUE NOS IMPELLE A BEIJAL-O.

O ROSTO DA MULHER, NO INSTANTE DA DÔR E´ SEMPRE BELLO DE UMA BELLEZA NOBRE E DE SUBLIME COMPAIXÃO, A ALTA COMPAIXÃO COM QUE ENTÃO A BEIJAMOS...

QUEM NÃO VIU JA' UMA MULHER DESOLADA, CHORAR SOBRE O CADÁVER DE SEU FILHO... NÃO VIU AINDA A FORMA MAIS AUGUSTA DA DÔR E DA BELLEZA.

TODA A BELLEZA DA DÔR...

AQUELLA QUE O GENIO IMMORTALISOU SOBRE A PEDRA: NIOBE⁷⁶. (VILA, 1927, *Diario da Manhã*, Literatura e Arte).

O sofrimento de Niobe assinalado pelo poeta não seria diferente de outros personagens e produções publicadas no suplemento do diário. O *Diario da Manhã*, neste período, não disponibilizava cartas para os leitores, nem espaço similar para comentários de leitores e assinantes. Outra brecha importante também pode ser notada neste sentido: a falta de registro sobre as tiragens destes jornais na imprensa recifense, sobretudo nos anos de 1920. No suplemento literário, optamos por analisar quem poderia ser o leitor do jornal através dos anúncios publicados.

Seguimos a mesma lógica da análise do *Diario de Pernambuco*. Ou seja, procuramos conhecer o público do jornal através dos seus anunciantes. Afinal, só anuncia um produto num jornal aquela empresa que espera retorno comercial. No caso do *Diario da Manhã*, também focamos nossa amostra em seis meses, com um recorte que vai de 16 de abril de 1927 e 25 setembro de 1928. Porém, como o *Diario da Manhã* deixava explícito a separação em dois cadernos, ficamos com o segundo, denominado, na época, como *Segunda Secção*, no qual eram publicados os suplementos de literatura, moda e cinema.

76 VILA, Vargas. Uma página. **Diario da Manhã**. Recife, 26 de jun. de 1927. Literatura.

Foram analisados 688 anúncios em 177 páginas. Em fins da década de 1920, os principais anunciantes do *Diário da Manhã*, sobretudo os do jornalismo cultural em seu segundo caderno, estava nas áreas de indústria (13,23%), representantes de produtos importados (12,79%), além de artigos farmacêuticos (12,21%). Numa época marcada por mudanças também na economia, o final da década de 1920, trazia uma tendência incomum ao jornalismo praticado nos dias atuais: a presença maciça de publicidade sobre indústrias e novas máquinas. Claro, tudo isso dentro de um espaço dedicado ao jornalismo cultural.

Anúncios	
Indústrias	13,23%
Representante comercial/importadora	12,79%
Produtos farmacêuticos	12,21%
Veículos	8,28%
Alimentos e bebidas	7,41%
Roupas	5,67%
Acessórios para carros	5,23%
Calçados	4,80%
Produtos de som	4,07%
Produtos de limpeza	3,92%
Leilões	2,62%
Armazéns de construção e distribuição	2,47%
Hotéis	2,33%

Foram analisados 688 anúncios – não incluem classificados publicados em 177 páginas entre 16 de abril de 1927 a 25 de setembro de 1928. A análise foi realizada nas edições do segundo caderno do *Diário da Manhã*, a Segunda Seção

Arranjos que, só com o passar do tempo, se desfizeram neste mercado de comunicação.

Note-se, porém, que há algumas diferenças entre o perfil dos anunciantes do *Diário da Manhã* em relação ao *Diário de Pernambuco*. O segundo tinha como carro-chefe a publicação de anúncios voltados a saúde e a higiene pessoal. No *Diário da Manhã* também há esta preocupação, só que menos acentuada. Os produtos farmacêuticos (12,21%) somados aos produtos de limpeza (3,92%) chegam a um número considerável: 16,13%, mas sem a mesma força do setor industrial.

O jornalista Arnaldo Jambo, num estudo concluído em 1975, chama a atenção ao fato de que muitos desses estabelecimentos e empresas que anunciavam nos jornais na década de 1920 desapareceram ou foram substituídos por outras razões sociais. O estudioso destaca em seu estudo o que ele chama de “abundância” de firmas de origem e denominação estrangeiras. É neste período que, em meados de 1925, provavelmente, se instala a primeira agência de propaganda e publicidade conhecida no Estado: a também estrangeira “The Propagandist – concessionários exclusivos da Pernambuco Tramways & Power Co. E Great Wester of Brasil Railway publicando 'anúncios em todo a parte e em todos os sistemas⁷⁷”.

77 JAMBO, Arnaldo. *Diário de Pernambuco: História e Jornal de Quinze Décadas*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975, p. 260.

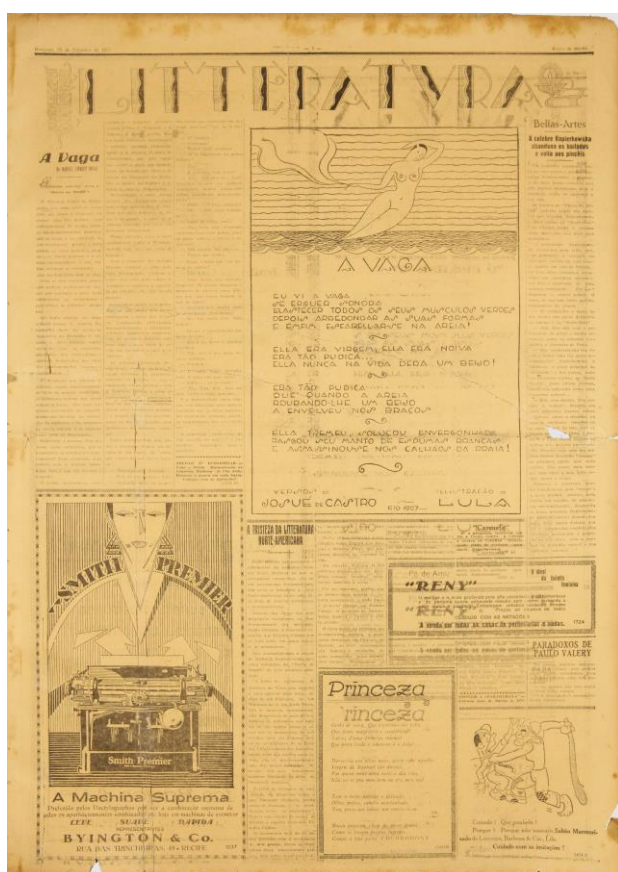


Imagem 5a, 5b e 5c – O suplemento de literatura do Diário da Manhã era publicado dentro de um segundo caderno denominado Segunda Secção. Temas longe do jornalismo factual, assim como a literatura, cinema e moda ganharam páginas fixas na edição de domingo do jornal recifense. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe).

Essas novas demandas, representadas pelos anúncios de produtos que poderiam estar na casa dos leitores, ou no caso das indústrias, alvo de interesse de futuros investidores, pode ser revelado pela dinâmica econômica e social desse período.

A historiografia brasileira revela que, na década de 1920, a população do Recife, por exemplo, teve um crescimento expressivo: dos 113 mil

habitantes, em 1900, passou a concentrar 239 mil, em 1920⁷⁸. E esse número também refletiu na capacidade de alcance dos jornais impressos. Houve um aumento dos brasileiros alfabetizados. Mais leitores para os jornais em seus suplementos.

Enquanto em 1890 somente 19,1% de todos os brasileiros e 10,4% de todas as brasileiras eram alfabetizados (o que representava somente 2.120.559 pessoas), em 1920, a alfabetização dos homens havia aumentado para 28,9% e das mulheres para 19,9%⁷⁹. Um novo mercado estava surgindo, e a região Norte, sobretudo Pernambuco, estava inserida nessa nova página da história da imprensa brasileira. Tanto é que o suplemento literário do *Diário da Manhã* também dialogava com literatos de outros Estados. Conhecido pelas crônicas na imprensa fluminense, Lima Barreto também contribuiu com a publicação pernambucana.

A sua participação no suplemento revela outro aspecto da imprensa recifense no período: o reforço da tese do “livre trânsito” de autores de outros Estados, principalmente da região Sul com os jornais locais. É bom sinalizar que esta troca não se dá apenas em uma via. Escritores locais, a exemplo de Gilberto Freyre, também colaboravam com jornais de fora de Pernambuco. O próprio *Diário* fazia questão de noticiar no suplemento as exposições e o sucesso de seu ilustrador, o pernambucano Lula Cardoso Ayres, em outras regiões.

No período analisado nesta pesquisa, o escritor Lima Barreto⁸⁰ contribuiu com um conto intitulado *Lívia*. Ele retrata o cotidiano de uma dona de casa, que levanta cedo, depois de uma longa noite de sono. Todo o conto é descrito numa melancolia digna de folhetim romântico. Numa história que se passa no Rio de Janeiro, Lívia mora com o cunhado e parece fadada a servi-lo até o último de seus dias na terra. A personagem sonha com um bom casamento. O único contato com o mundo exterior

78 REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 94.

79 BESSE, Susan K. op. cit., p. 26.

80 Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 1881 e morreu na mesma cidade em 1922. É considerado um dos grandes nomes do pré-modernismo no Brasil. Seus trabalhos narravam a temática das relações sociais e de trabalho no período da Primeira República (1889-1930). Segundo Alfredo Bosi, “o estilo de pensar e de escrever contra o qual se insurgia o autor do Triste Fim de Policarpo Quaresma era simbolizado por um Coelho Neto ou um Rui Barbosa: o da palavra a servir de anteparo entre o homem e as coisas e os fatos. Em Lima Barreto, ao contrário, as cenas de rua e os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas (como resultava da linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetivos e as figuras humanas”. IN BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 318.

se dá através da janela do apartamento que habita. O autor chega a defender que apenas uma união poderia “salvá-la”. Em outro ponto da narrativa que chama atenção a mulher é descrita como uma “corça domesticada”. O discurso, além de normativo, é dramático, demonstrando a infelicidade da personagem. Descreve Lima Barreto:

Era pouco – convinha – mas servia, pois assim ficaria livre da tirania do cunhado, das impertinências do pae; teria sua casa, seus móveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ella – quem sabe – que os bons sonhos tinha arrancá-los no bicho, aumentaria a renda do casal e, quando assim fosse, compraria um corte de fazenda bôm, um chapêo. Daquele jeito, que, pelo Carnaval, iria melhor ainda à rua do Ouvidor, assistir passarem as sociedades.

O café já se havia acabado: e ella ficaria ainda distraída e sentada, quando soou de lá da sala de visitas, a voz vigorosa do cunhado:

- Lívia, traz meu guarda-sol que ficou atraz da porta do quarto. Depresssa!... Ainda que faltem só oito minutos para o trem!

E como demorasse um pouco, o Marquês, redobrando de vigor no trimbre, gritou:

- Oh, c'os diabos! Você ainda não achou! Saia! Que gente molle!

Humildemente, Lívia lá foi aos pulos, como uma corça domesticada, entregar o objecto pedido para lhe ser arrancado bruscamente das mãos.

Envolvida naquele sonho que lhe soubera tão bem, ella, atravez das trinchas da veneziana viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre o dedalo de casas. Certificada disso, abriu a janela. O subúrbio todo despertava longuidamente⁸¹.

O ideal de casamento estava presente em boa parte das produções literárias. Em um conto possivelmente comprado de alguma agência internacional, neste mesmo período, o suplemento literário do *Diário da Manhã* reproduz como seria realizado o acerto de um casamento entre um homem e uma mulher na época. Trabalhamos com esta hipótese em razão da assinatura do autor do conto, isto é, pelo fato de não ser um nome ligado a literatura brasileira ou pernambucana. Em *Mil e uma manhãs: uma entrevista*, assinado por Adrien Vely, é possível notar o constrangimento que passa uma mulher ao ser apresentada ao futuro marido. Eles não se conhecem pessoalmente, apenas por fotografias, e são apresentados, de uma hora para outra, como uma entrevista de emprego.

O encontro de Suzann, mulher e órfã criada pelo tio, com o arquiteto João La Brigue ilustra bem a situação. A mulher quase nunca tem profissão nem sobrenome,

81 BARRETO, Lima. Lívia. *Diário da Manhã*, Recife, 15 de mai. de 1927, Literatura e Arte. p. 3.

como Suzann. E apesar da posição de “sexo frágil”, não é ela que fica nervosa no primeiro encontro, que foi cancelado graças ao nervosismo de La Brigue. O tio de Suzann, um general, marca um novo encontro e deixa os dois a sós, numa sala à parte. Ele ficou doente. A justificativa não serviu para ela que, mesmo gripada, teve que recebê-lo. Da entrevista, segundo o autor, “dependiam os projetos de casamento formados por amigos em comum”. Era necessário que a entrevista desse certo. E o humor entra em cena para dar um final feliz ao futuro casal, através da gripe transmitida pela mulher. Relata o autor,

Quando o general, meia hora depois, voltou ao salão, Suzanna e João já estavam nos dois lugares em que ele os havia deixado. Mas Suzanna tinha os olhos baixos e estava muito corada.

- Então, meus filhos, então, o que há?

João abriu a bocca para responder-lhe do melhor modo que pudesse mas, de repente, espirrou de maneira estrondosa.

O general olhou-o, com um sorriso denunciador de que compreendiera a situação, largou olhar para Suzanna, que permanecia commovida, e voltando-se para João, disse-lhe:

- Olá, meu rapaz, para um moço tímido, como é, attrahiu muito depressa o contágio do defluxo. Si não voltar amanhã com uma aliança, tenho de lhe cortar as orelhas!⁸²

Independente do “bom humor”, contos como esse estavam sendo produzidos dentro de condições específicas no processo de produção nas redações em fins da década de 1920. Esse é um período que, além de mudanças no próprio jornalismo, foi responsável por construir alguns mitos sobre a profissão, em vigor até hoje. Até porque, dentro da “modernidade”, os jornalistas começaram a produzir os conteúdos, e, ao mesmo tempo, ensaiar os primeiros debates em torno da profissão. A historiadora da comunicação Marialva Carlos Barbosa relata, que, a partir da leitura de registros de memórias de jornalistas, é possível notar que foi nesse momento que foram construídas noções na definição do que é ser repórter. “A mítica da vocação, do amor à profissão, dos sacrifícios impostos, da necessidade de informar com isenção e longe dos arroubos políticos momentâneos, ao mesmo tempo em que cabia como missão ter claro papel político⁸³”, diz a pesquisadora, ao

82 VELY, Adrien. Mil e uma manhãs: uma entrevista. **Diario da Manhã**, 16 de abr. de 1927, Literatura e Arte. p. 1.

83 BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 82.

completar: “tudo isso formula um lugar de fala no mundo do jornalismo que ultrapassa em muito os limites de uma década⁸⁴”. No próximo capítulo, vamos discutir esse processo de produção à luz das relações de gênero nos suplementos literários recifenses.

84 BARBOSA, Marialva. *Ibidem*, p. 82.

“Ao ter a notícia de vossa morte, lembrei-me dessa personagem de uma de vossas peças, que, querendo fazer o elogio do marido, a quem amava, chamara-o um homem de sol e o compara a um desses bons pães da França 'que se córta apoiando-os de encontro ao coração'” (Eduardo Herriot)
(Jornalistas mortos. **Diário da Manhã**, Recife, 11 de set. de 1927. Literatura e Arte, p. 3.)



2



**“A morte de um velho jornalista”:
quando as técnicas modernas de edição
moldam as relações de gênero**

Nos anos 1920, em pleno funeral, o ministro francês Eduardo Herriot recordou de uma característica “provocante” do profissional de imprensa Robert de Flers que então falecera. Ao discursar, lembrou uma de suas peças teatrais. Afinal, além de jornalista, o também francês M. Robert de Flers, então editor literário do *Le Figaro*, de Paris, na França, ainda em circulação, era presidente da Sociedade dos Autores e Compositores Dramáticos e da Academia Francesa. Num dos seus escritos, garantiu o ministro, uma mulher chama o seu homem de sol e o compara a um dos bons pães da França. O problema é que este tipo de pão deveria ser cortado apoiado de encontro ao coração, que, por sua vez, fica próximo aos seios femininos. Uma parte do corpo ainda considerada tabu para uma “mulher de família” na época. A declaração da esposa apaixonada foi considerada escandalosa. Mas todos os tipos de declaração, definia o próprio Robert de Flers, como ressaltou o ministro, teriam sido feitos com a intenção do *enunciador* provocar seus *receptores*.

Independentemente das instâncias de comunicação, o jornalismo em fins da década de 1920 queria enterrar sua relação com o passado, mesmo carregando consigo velhas práticas. O título da matéria sobre a morte de M. Robert de Flers, na cidade de Vittel, na França, dava um ar solene e, ao mesmo tempo, fúnebre a esse quadro: “Os jornalistas mortos”. Mas quais são os jornalistas que morreram? No texto, sem assinatura, era apenas um. A escolha de adotar, no plural, o falecimento de um profissional, talvez, representasse o fim de outros colegas, vivos ou mortos, no sentido de não estarem mais adequados às “novas regras” da imprensa. Num texto saudoso de 11 de setembro de 1927, o *Diário da Manhã* se despede do jornalista, diz que sua estrutura clássica e poética, porém arcaica, “em plena maturidade do talento”, se transformarão em recordações. Era preciso ser “moderno”, vibrar com novas técnicas e partir para novos caminhos editoriais. Este capítulo pretende identificar essas mudanças, incluindo as orientações de edição dos suplementos, na abordagem das relações de gênero. Essa ótica do processo de produção dos jornais recifenses, ou seja, dos elementos que o próprio jornalismo deixou como testemunho no período aqui analisado.

Assim como os demais capítulos de nosso estudo, analisamos os jornais *Diário de Pernambuco*, entre junho de 1924 e junho de 1925, e o *Diário da Manhã*, entre abril de 1927 e abril de 1928. Nesse recorte, observamos como os jornalistas adotavam determinados padrões de edição para tratar das relações de gênero, a exemplo da escolha de textos, além de títulos de matérias, de artigos e de contos e

poesias. Nosso objetivo, ainda, é observar a opção editorial sobre essa temática a partir da visão masculina, até porque eram homens que estavam à frente dessas publicações, ocupando cargos de colaboradores, redatores, secretários de redação e editores. Para isso, recorreremos como subsídio à produção da historiografia sobre a imprensa recifense, com as obras dos jornalistas Luiz Nascimento, Arnaldo Jambo e as memórias do sociólogo e jornalista Gilberto Freyre. Aliás, este último é responsável pelo primeiro manual de jornalismo da imprensa brasileira⁸⁵, elaborado quando Freyre foi convidado por Estácio Coimbra para dirigir o jornal recifense *A Província*, entre os anos de 1928 a 1930.

A intenção do manual de Gilberto Freyre, ainda nos anos 1920, ou seja, no nosso período de análise, era demover seus redatores do rebuscamento da escrita da época. Freyre queria mais naturalidade, simplicidade na escrita. Tal orientação é considerada pelos pesquisadores de comunicação uma “style-sheet aculturada”. No manual de redação do jornal *Diário de Pernambuco*⁸⁶, de circulação interna e editado em 1991, o jornalista Ricardo Leitão diz que seriam multados os redatores que chamassem pai de “genitor”, recém-nascido de “interessante petiz” e bispo de “prelado”. Esses eram alguns dos exemplos. O que chama atenção mesmo é que Freyre antecipa uma preocupação da imprensa que só vem surgir na década de 1950, ou seja, quase 40 anos depois. São dos anos 1950 os registros de elaboração de manuais do *Diário Carioca*, do diretor Pompeu de Souza, e da *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, ambos da cidade do Rio de Janeiro. Oficialmente, os primeiros manuais em forma de livros começaram entre os anos de 1985 e 1990, com o lançamento das regras de estilo, verdadeiros “best-sellers”, dos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e das revistas da *Editora Abril*.

Considerado o seu livro de memórias, em *Tempos mortos e outros tempos*, Gilberto Freyre relata que sua preocupação em lançar um “manual” era fazer de *A*

85 O professor e jornalista Alfredo Vizeu (UFPE) defende que, erroneamente, na história da imprensa brasileira, o primeiro registro de manual de redação ficou com o jornal *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, elaborado em 1950. O pesquisador, no entanto, faz questão de mencionar o pioneirismo de Gilberto Freyre e defende que o manual produzido pelo sociólogo foi o primeiro do gênero no país, ainda nos anos 1920. Nossa pesquisa tentou localizar o manual de Freyre, mas não obteve retorno da Fundação Gilberto Freyre, responsável pela guarda e preservação do patrimônio intelectual do autor de *Casa Grande & Senzala*. Já que o manual de Freyre foi afixado em uma página na redação de *A Província*, levantamos a hipótese de que o material tenha se perdido com o tempo. VIZEU, Alfredo. Gilberto Freyre e os manuais de redação. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Pós Com-Metodista, a. 29, n. 50, p. 163-177, 2. sem. 2008.

86 LEITÃO, Ricardo. **Manual de redação**. *Diário de Pernambuco*, o seu líder Diário. Recife: Edição dos Diários Associados no Nordeste, 1991, p. 5.

Província “um jornal diferente dos outros e fiel à sua condição de jornal de província. Autêntico. Honesto⁸⁷”. A revelação do escritor, no entanto, reforça nossa tese de que aspectos editoriais adotados pelos jornais que estudamos, no que se refere ao feminino, ao masculino, eram devidamente pensados como instrumentos de informação. Ou seja, os títulos, as legendas, a localização dos textos e a escolha dos temas debatidos nos suplementos literários ganhavam outra importância para os produtores de notícia em fins da década de 1920. Isso quando comparamos ao jornalismo do século 19. As técnicas de edição dos produtos jornalísticos, no nosso caso, as páginas do jornalismo de entretenimento, marcavam terreno, como instrumento pedagógico e também de opinião. O uso dessas ferramentas de edição, por meio de palavras e diagramação de páginas, revela os recursos opinativos dos jornalistas e redatores sobre a mulher, o homem e sobre as relações de gênero do período.

Utilizado em discussões contemporâneas da mídia, a obra *Teorias da Comunicação*, de Mauro Wolf, defende que as notícias estão à mercê dos critérios de importância e de interesse, isso em noções embutidas de como noticiar determinado fato em detrimento de outro, ou de dar mais destaque a um, reduzindo o papel de relevância de outro. O principal objetivo, neste processo de seleção, ou em outras palavras, de edição, é o público. “O autor considera que, mesmo tendo à disposição dados e pesquisas sobre o comportamento e hábitos do público, os jornalistas parecem não levar isso muito em conta⁸⁸”. Assim, é como se, na imprensa, os jornais não seguissem o que a sociedade, necessariamente, estivesse defendendo como padrão. De acordo com o teórico, os dados mais importantes de uma informação estão associados com a capacidade final do público compreender os termos usados. Essa seria, segundo Alfredo Vizeu, a “função pedagógica” do jornalismo. É como se o jornalista, ao construir suas pautas, faça questão de, além de citar determinadas nomenclaturas, reforce suas origens e finalidades. No

87No seu livro de memórias, Gilberto Freyre declara ainda: “Um dos meus empenhos é dar ao noticiário e às reportagens um novo sabor, um novo estilo: muita simplicidade de palavra, muita exatidão, algum pitoresco. Isto que é importante num jornal. E nada de bizantinismo. Nada de dizer 'progenitor' em vez de pai nem 'genitora' em vez de mãe. Já preguei no placard um papel que se proíbe que se empreguem no noticiário não só essas palavras pedantes em vez das genuínas, como 'estimável', 'abastado', 'onomástico', 'deflui', 'transflui', etc.”. FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). São Paulo: Global, p. 319.

88 VIZEU, Alfredo. **Gilberto Freyre e os manuais de redação**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós Com-Metodista, a. 29, n. 50, p. 163-177, 2. sem. 2008, p. 167.

jornalismo em fins da década de 1920, noções como mulher e homem, e seus respectivos papéis na seleção dos suplementos literários, fazem parte de uma realidade constituída por produtores de notícia, que pensavam como seus *receptores* poderiam assimilar as informações.

No campo da história da comunicação, são poucos os trabalhos que se detêm a essa temática na Primeira República (1889-1930). Não só da história do processo de produção desses jornais no início do século 1920, como também sobre esse tema à luz das relações de gênero. São escassos os relatos de jornalistas recifenses sobre esse período, além disso, esbarramos com uma dificuldade de preservação dos acervos mais burocráticos dessas empresas. Listas com quadro de funcionários, páginas diagramadas, atas sobre possíveis reuniões, localização de assinantes, por exemplo, não existem e não foram preservadas em arquivos públicos, pelo menos em Pernambuco. No Rio de Janeiro, a professora Marialva Carlos Barbosa se dedicou, em sua dissertação de mestrado, às diferentes visões de mundo dos tipógrafos na capital fluminense, entre os anos de 1880 a 1920⁸⁹. O trabalho, apesar de não ter como objetivo principal revelar o processo de produção desses jornais, trouxe algumas contribuições sobre o cotidiano das empresas jornalísticas.

Neste período, por exemplo, não havia reuniões de pauta – momento em que os editores dos jornais impressos atuais se reúnem, duas ou mais vezes durante o dia, para verificar a apuração dos repórteres e definir o que deverá ser publicado no jornal, com ou sem destaque. Nos anos 1920, o editor pedia, normalmente, aos repórteres a cobertura cotidiana. Os redatores de banca, que ficavam na redação na tradução de artigos e reportagens estrangeiras, tinham liberdade para tratar das temáticas sob a forma de artigos mais opinativos. Além dessas figuras, os jornais também tinham o secretário, que fazia a ligação entre a redação e o parque gráfico. A nomenclatura dos cargos muda de acordo com a região do país e a publicação⁹⁰.

89 BARBOSA, Marialva Carlos. **Operários do Pensamento**: Visões de Mundo dos Tipógrafos do Rio de Janeiro (1880-1920). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro: 1992.

90 Na década de 1920, os jornalistas poderiam passar de 4 a 12 horas na redação. Segundo o jornalista Glauco Carneiro, que realizou um trabalho sobre a história do grupo Diários Associados, "os jornais circulavam seis dias por semana (geralmente, não tinha edições nas segundas-feiras) e o horário de trabalho dos jornalistas era de 4 a 6 horas para os repórteres políticos e até 10 ou 12 horas para os que cobriam fatos policiais. O salário da maioria dos jornalistas era ínfimo, razão pela qual tinham de recorrer a empregos públicos, acessíveis em virtude das facilidades que os patrões propiciavam aos seus empregados, inclusive para diminuir a pressão por aumentos. A Associação Brasileira de Imprensa desenvolvia tão-somente atividades recreativas e culturais. IN CARNEIRO,

O fundador e primeiro diretor do Museu do Estado de Pernambuco, o jornalista Aníbal Fernandes, que mais tarde seria diretor de redação do *Diário de Pernambuco*, começou sua carreira no jornal como “redator principal” do jornal, em 1914, aos 20 anos de idade. Nessa fase inicial da carreira, Aníbal se destacou com seus artigos sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), mas também não deixava de produzir artigos e comentários sobre política e “coisas da cidade⁹¹”.

Infelizmente, a própria imprensa recifense não deixou registrado o testemunho do cotidiano desses profissionais. Nossa pesquisa, além dos relatos de Gilberto Freyre, recorreu às edições especiais de aniversário desses jornais, o *Diário de Pernambuco*, entre anos 1920 e 1929, e do *Diário da Manhã*, entre os anos de 1927 e 1928, para revelar um pouco desse processo de produção. Nas edições comemorativas, os jornais, de fato, demonstram seus principais diferenciais, o corpo de profissionais e mesmo técnico. Informações sobre rotativas, artigos de opinião e o registro de felicitações de autoridades, até dos concorrentes, estão entre os documentos dessa época. Nossa intenção nesse capítulo é demonstrar como a forte presença do masculino influenciaria na abordagem de pautas e temáticas sobre a mulher e as relações de gênero nos suplementos recifenses. O poder de edição estava, sobretudo, nas mãos dos homens e o resultado dessa divisão desigual do trabalho trouxe uma imprensa caricata, quando não preconceituosa, em temáticas envolvendo o feminino e o feminismo. Para a mulher, quase sempre nas pautas desses jornais, o casamento era sua esperança e caminho de (in)felicidade.

2.1 No *Diário de Pernambuco*, “ser feliz é o mais difícil”

De forma didática⁹², o *Diário de Pernambuco* reproduz um verdadeiro manual elaborado pela atriz norte-americana Aileen Pringle. Intitulado como “Os dez

Glauco. **Brasil, primeiro** – História dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 48.

91 JAMBO, Arnaldo. **Diário de Pernambuco**: História e Jornal de Quinze Décadas. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975, p. 339.

92 O sociólogo e linguísta Eliseo Verón defende que, ao adotar o “discurso pedagógico”, como no caso desta reportagem, as publicações pré-ordenam o universo do discurso na intenção do leitor, que vai guiá-lo, responder perguntas, informá-lo, em suma, conservando uma certa distância de quem produz. Os suplementos literários, quando não adotavam essa linguagem “pedagógica”, permaneciam numa posição distanciada do leitor. Esse tipo de opção no processo de produção, segundo Verón, faz parte do jogo no qual tanto o veículo de comunicação, no nosso caso o jornal, como o leitor, possuem cumplicidade dos mesmos valores culturais, ou seja, o que é publicado nada mais é que do reforço de valores em voga dentro da tese do contrato de leitura. Segundo ele, “a

mandamentos do amor”, o texto, publicado em 13 de julho de 1924, narra dez tópicos direcionados ao público feminino, dentro do suplemento *Magasine*, de como lidar com os homens, ou melhor, com o parceiro, ou marido. “Não sejas prodiga. Reserve sempre teus beijos para o homem com quem te casares. Aquella que a muitos beija não ama a nenhum⁹³”, revela o primeiro mandamento. Os conselhos seguem, impõem à mulher regras de como não olhar para outros homens, evitar perceber defeitos do marido, ser obediente e afetuosa, sem esquecer de suas responsabilidades do lar. O texto foi publicado em destaque, num espaço nobre, na parte superior da página do suplemento, demonstrando que a edição do jornal privilegiou a produção elaborada, curiosamente, por uma mulher. Não teria nada mais interessante de que uma própria mulher, supostamente bem-sucedida, aconselhar outras num mundo cercado sob regras de comportamentos.

Os mandamentos de Aileen Pringle, publicados pelo jornal, provavelmente são frutos de uma agência de notícias, que não foi revelada pela publicação. Levantamos essa hipótese por se tratar de uma autora estrangeira e sem relação com a imprensa local. O artigo se destaca pela linguagem normativa e pelo destaque dado na publicação aos conselhos “femininos”. O homem, nesta ótica, seria o centro das atenções. “Sê affectuosa - não temas demonstrar teu carinho quando falares ao homem que amas. Mais de um affecto, desses que enchem e confortam uma existencia, morrem ao nascer por causa de um mal-entendido recato⁹⁴”, complementa o quinto mandamento. O curioso é que nem a autora do manual de conduta, a atriz norte-americana, acredita que seguir tais regras seja sinônimo de felicidade. É como se as mulheres tivessem como obrigação dar afeto, mas não receber nada em troca. No décimo mandamento, a autora é curta e direta e pede a sua leitora: “Sê feliz (o que é mais difficil)⁹⁵”

posição de enunciação pedagógica define o enunciador e o destinatário como desiguais: o primeiro mostra, explica, aconselha; o segundo olha, compreende, tira proveito. A posição de enunciação 'distanciada' e não-pedagógica induz uma certa simetria entre o enunciador e o destinatário: o primeiro, mostrando uma maneira de ver as coisas, convida o destinatário a adotar o mesmo ponto de vista ou, pelo menos, a apreciar a maneira de mostrar tanto quanto o que é mostrado. É a razão pela qual essa enunciação 'distanciada' voltar a propor ao destinatário um jogo em que o enunciador e o destinatário se reencontram na cumplicidade criada pela partilha de certos valores culturais”. IN VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004, pp. 230-231. 93 PRINGLE, Aileen. Os dez mandamentos do amor. **Diário de Pernambuco**. Recife, 13 de jul. de 1924. *Magasine*, p. 7.

94 Idem.

95 Idem.



Imagem 6 - Os dez mandamentos do amor foi publicado com destaque, na edição de 13 de julho de 1924, no Magasine. O texto foi publicado na parte superior da página, mostrando que o conteúdo era "importante" para os leitores. Reprodução: Centro de Documentação do Diario de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press

A publicação deste tipo de artigo está atrelada a um mundo essencialmente masculino, formado quase exclusivamente por jornalistas homens. De famílias tradicionais, quando não

atrelados a instituições científicas. São eles que editam, escolhem e ilustraram as matérias, artigos, poesias e contos dos suplementos literários. Era dos homens a tarefa de escrever sobre as mulheres, quando não escolher quais as mulheres que poderiam escrever nesses jornais sobre elas mesmas. A participação feminina neste tipo de publicação e, no nosso caso, especificamente, em produções fora do alcance do jornalismo factual, se dá através de textos como de Aileen Pringle, ou de mulheres como Julia Lopes de Almeida e Virgínia Victorino. Dentro das relações de gênero na imprensa, na nossa documentação analisada, elas se limitavam a tratar sobre temáticas relativas ao casamento, ao sofrimento e ao que denominamos hoje de "anti-feminismo", ou seja, textos em que elas se posicionam contra temas como o direito do voto da mulher.

A organização do jornal enquanto indústria da "grande imprensa⁹⁶", o termo é sublinhado, sobretudo por teóricos marxistas, estava em mãos masculinas. A

96 Segundo Nelson Werneck Sodré: "Essa transição começa antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria. Está naturalmente

historiadora Tânia Regina de Luca, em *História da Imprensa no Brasil*, reforça que, a produção artesanal dos impressos, outrora como no século 19, avança para a industrial. Na época, foi o momento, dentro do processo de produção, “marcado pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e consequente diminuição da dependência de habilidades manuais⁹⁷”. Nas redações, onde eram decididas as publicações dos conteúdos, os temas se tornaram menos políticos e partidários para dar espaço as reportagens do cotidiano e as voltadas ao jornalismo cultural. Porém, a escolha de matérias, artigos, o processo de diagramação de páginas, além da tarefa de impressão dos jornais no parque gráfico e sua distribuição nas ruas era um exercício praticado diariamente pelos homens. Eram eles que estavam no comando dessas empresas.

O *Diário de Pernambuco*, no período em que analisamos nesta pesquisa, tinha suas particularidades. A publicação estava sob o comando da família Lyra, que tinha usinas de cana-de-açúcar no Estado vizinho de Alagoas, mas também contava com ramificações na política. O jornal foi adquirido pela família em janeiro de 1913 ao então conselheiro Rosa e Silva, antigo proprietário. Os trâmites da transação não são de total conhecimento público, mas, um editorial neste período demonstra a mudança de rumo na empresa⁹⁸. Ao comprar um jornal no Recife, a família Lyra implantou uma forma diferenciada na gestão (algumas dessas mudanças na estrutura na imprensa da década de 1920 já abordamos no primeiro capítulo). E uma das testemunhas nessa mudança é o sociólogo Gilberto Freyre, que assumiu, tempos depois, a chefia geral do jornal, em 1925. O comando da família termina no

ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos nesse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias”. IN SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 275.

97 LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. IN LUCA, Tania Maria Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145.

98 O jornalista Arnoldo Jambo, que realizou um estudo sobre a história do Diário de Pernambuco, do qual era articulista, destaca que a mudança do controle da empresa teve conotação política. Ao fazer oposição ao governo de Dantas Barreto, o Conselheiro Rosa e Silva teria perdido as condições de continuar no comando do Diário. O jornal foi empastelado por duas vezes, chegando a ser invadido, tendo como umas das suas consequências a perda de parte de suas “valiosas coleções” de 80 anos de circulação. “Os detalhes de como se realizou a transação de compra do DIÁRIO ao pessoal do Conselheiro Rosa e Silva não são de todo conhecidos. Mas admite-se que, já em janeiro daquele ano de 1913, toda a sua linha do jornal tinha alterado seus rumos” (p. 233). IN JAMBO, Arnoldo. **Diário de Pernambuco: História e Jornal de Quinze Décadas**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975.

início dos anos 1930, quando o jornal passa às mãos de um antigo repórter, o fundador e proprietário do grupo *Diários Associados*, Assis Chateaubriand Bandeira de Melo⁹⁹.

Gilberto Freyre colaborou, em sua primeira fase no *Diário*, entre os anos de 1918 a 1928¹⁰⁰. Neste período, sua participação no jornal se dá, ainda no exterior, enviando artigos durante sua formação acadêmica, no curso de ciências políticas, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e logo depois, em 1924, no seu retorno ao Estado de Pernambuco. Gilberto relata, em sua autobiografia, as dificuldades no jornal, as suas relações com os donos da empresa – permeada de críticas e ironias – e a tentativa de seus colegas de imprensa em “imitar o seu estilo”. Regras de pontuação, acentos e algumas passagens textuais, garantia ele, ficavam marcadas na imprensa recifense como sua “marca pessoal¹⁰¹”.

99 Assis Chateaubriand começou a trabalhar no Diário de Pernambuco, em 1909, aos 17 anos, ainda estudante da Faculdade de Direito do Recife, por intermédio de Ulisses Costa, antigo redator do jornal *A cidade*, do município de Nazaré da Mata, em Pernambuco. O salário inicial era de cem-mil-réis. O jornalista, no mesmo período, recebeu a proposta para trabalhar simultaneamente no *Jornal Pequeno*, também no Recife. O irmão de Assis Chateaubriand, o jornalista Oswaldo Chateaubriand, que mais tarde assumiria o comando do jornal *O Estado de Minas*, em Belo Horizonte, trabalhou nesta época no *Diário de Pernambuco* como revisor. A incorporação do *Diário de Pernambuco* aos *Diários Associados* foi anunciada em junho de 1931. Segundo o jornalista Fernando Moraes, "o jornal onde ele dera seus primeiros passos na profissão, e cuja redação resistira, de arma na mão, à truculência de Dantas Barreto, agora era seu. No artigo em que tornou pública a notícia de que estava estendendo seus tentáculos ao Nordeste, Chateaubriand festejava 'a alegria de incorporar um jornal cuja contribuição para o êxito da revolução, pelo desinteresse e pela espontaneidade, foi das mais valiosas'. Segundo ele, o jornal não estava sendo comprado, mas 'federado' à sua rede (o jornal estava sendo de fato sendo comprado - o que Chateaubriand pretendia com a brincadeira, era dizer que a sua não era uma mera rede de jornais, mas uma 'federação'). Sim, sublinhava, 'pensar que nós adquirimos pura e simplesmente o Diário seria a mesma coisa que supor que pudéssemos comprar a Faculdade de Direito do Recife ou Convento de São Francisco'". IN MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 365.

100 As teorias da comunicação trabalham com três padrões de imprensa. A libertária, que é norte-americana, a socialista, de influência da extinta União Soviética, e a de responsabilidade social, que é da Europa Ocidental. O estilo do jornalismo norte-americano começa a ser adotado em publicações brasileiras nos anos 1920. Antes desse período, o padrão dos jornais do país era o da imprensa francesa. A consolidação do modelo norte-americano se dá após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Na década de 1920, numa época que as agências de notícia dos Estados Unidos começavam a ter espaço nos jornais brasileiros, o governo norte-americano realizou um congresso pan-americano, em 1926, em Washington, onde seriam lançadas as bases da Sociedade Interamericana de Imprensa. O sociólogo Gilberto Freyre foi um dos poucos brasileiros no encontro. Relata Carlos Eduardo Lins da Silva, "do Primeiro Congresso Panamericano de Jornalistas, em maio de 1926, na cidade de Washington, participaram 14 representantes brasileiros. Entre eles, Gilberto Freyre, que representou o *Diário de Pernambuco*, Edgar Leuenroth, que compareceu por conta própria, Nestor Rangel Pestana, de *O Estado de S. Paulo*. Hebert Moses, de *O Globo*, um dos maiores entusiastas da realização, não pôde tomar parte na sua efetivação, mas enviou um longo telegrama, lido em plenário, no qual propôs um 'programa' para o futuro, no qual o ponto principal era 'a ampla liberdade de imprensa'". IN SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991. p. 76.

101 Em 1925, em sua autobiografia, Gilberto Freyre reclama de jornalistas e escritores contemporâneos em imitar seu estilo. Chamamos atenção, no relato a seguir, que, neste contexto da imprensa do começo do século, havia, sim, uma preocupação maior em dar “forma” ao jornalismo, no

Apesar de não relatar aspectos específicos do processo de produção, a exemplo de como as páginas eram diagramadas, os critérios de noticiabilidade e possíveis reuniões¹⁰² para definir o que seria ou não publicado, o sociólogo faz um alerta sobre as condições de trabalho desses profissionais da imprensa. No *Diário*, Gilberto relata que, em 1924, parte do que recebia no jornal como colaborador, em torno de quinhentos mil-réis, ajuda como fonte de renda, não sendo, porém, a principal. O sociólogo recebia o mesmo valor em outro emprego formal, na Administração das Docas, cuja função era corrigir o português dos principais relatórios do diretor. Esses trabalhos são considerados “humilhantes” pelo escritor, que só conseguiu a consagração no mundo das letras na década de 1930, com a publicação do clássico *Casa Grande & Senzala*. “Pelo meu gosto, não aceitava nunca essa humilhação. Envergonha-me receber esses quinhentos mil-réis ao fim do mês. Mas a verdade é que minha situação na família é quase a de um parasita¹⁰³”.

Mas e as mulheres, ao participar desse processo de produção, também recebiam valores por seus artigos? Uma das colaboradoras do *Magazine*, do *Diário de Pernambuco*, é a escritora Julia Lopes de Almeida, de quem já citamos no primeiro capítulo. Ao que parece, ainda que vivendo sob o “clima literário em casa”, até porque seu marido era o poeta Felinto de Almeida, a autora era de uma família tradicional, com boas condições financeiras, chegando a ter parte de sua formação escolar na Europa. A historiografia a respeito de Julia indica¹⁰⁴, ainda, que o jornalismo – sendo uma prática da escritora – não era sua fonte principal de renda.

sentido de técnicas e estilos. Suspeitamos que J. L. do R. seja o escritor José Lins do Rêgo e A. F. seja o jornalista Aníbal Fernandes. Não identificamos O. M.. “Tanto J. L. do R., como O. M., como A. F., vêm me imitando – eles, dentre vários outros, de menor porte – o estilo, a forma, a própria pontuação. Sei que tenho um estilo ou uma forma e um ritmo que se define em parte pela pontuação. (...) Daí as imitações. Hei de criar um estilo. E dentro desse estilo, desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo”. IN FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). São Paulo: Global Fundação Gilberto Freyre, 2006, p. 248.

102 Na época, não havia “reuniões de pauta” como vem sendo adotado na imprensa brasileira atual, seja no jornalismo impresso, de rádio ou mesmo de televisão ou internet. Usamos reunião de pauta para aproximar o entendimento de nosso leitor a um processo de escolha da notícia, que, na década de 1920, era decida numa banca – uma mesa na redação com editores e chefes de reportagem.

103 FREYRE, Gilberto. op.cit., p. 201.

104 “Na década de 1890, escreveu para jornais de grande circulação, bem como para periódicos produzidos e distribuídos por mulheres, como *Jornal das Senhoras*”. IN SCHUMA, Schmader; BRAZIL, Érico Vidal. **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 305. O *Jornal das Senhoras*, do final do século XIX, é considerado pela historiografia da imprensa como o primeiro jornal editado e produzido exclusivamente por mulheres no Brasil. O seu conteúdo também era dedicado ao público feminino.

Assim como Gilberto Freyre, e os homens que atuavam na imprensa, o exercício do jornalismo para mulheres como ela era uma forma de divulgar seu nome no mundo letrado e, possivelmente, uma segunda fonte de renda. Não a principal.

Julia Lopes nasceu em 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro. Era filha de Antônia Adelina Pereira, natural de Portugal, e do médico português Valentim Lopes. Ainda na juventude colaborou com o jornal *A Gazeta de Campinas*, de São Paulo. Como poucas mulheres de sua época, teve oportunidade de completar seus estudos na Europa, através da influência de seu pai, conhecido como um “liberal”. Em Portugal, lançou o livro *Traços e iluminuras*, coletânea de contos e poemas publicados anteriormente na imprensa. Ainda na década de 1890, escreveu para jornais de grande circulação, como o tradicional *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e para o *Jornal das Senhoras*, publicação de caráter feminino. “Júlia condenava a supremacia masculina, a negação do direito ao voto às mulheres, a exploração no trabalho, a escravidão dos negros e as violências sexuais contra a mulher¹⁰⁵”, diz um dicionário sobre mulheres no Brasil.

Agora o que chama a atenção na produção de Julia Lopes é que, como poucas mulheres de sua época, tinha o jornalismo e a literatura uma atividade e meio de expressão. Um dos livros de Julia, o *Contos Infantis*, publicado em parceria com sua irmã Adelina Amélia Lopes, foi aprovado por autoridades brasileiras e portuguesas para ser adotado em escolas primárias dos dois países. Em 1896, publicou *O livro das noivas*, um manual de preparação para mulheres para o casamento. No começo do século 20, este livro foi distribuído para milhares de moças como presente de suas mães. Em dezembro de 1922, Julia Lopes, a convite de Bertha Luz, participou da Comissão de Relações Internacionais e Paz do I Congresso Internacional Feminista promovido pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Era considerada uma das mulheres de maior prestígio no meio cultural em todo o país.

Contemporânea de Julia Lopes de Almeida, a escritora inglesa Virgínia Woolf, assim como Gilberto Freyre, em Pernambuco, também reclamava da baixa remuneração que os jornais davam a seus colaboradores no início do século 20. No caso de Woolf, quem pagava pouco eram publicações do que se hoje compreende como Reino Unido. A escritora, inclusive, chegou a colaborar em suplementos

105 SCHUMA, Schumader; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 305.

literários, como o clássico *Times Literary Supplement* – para complementar sua renda. “Dos dois – o voto e o dinheiro -, o dinheiro, reconheço, parecia infinitamente mais importante. Antes disso, eu ganhava dinheiro mendigando trabalhos ocasionais nos jornais, escrevendo sobre um espetáculo aqui ou um casamento ali¹⁰⁶”, diz Woolf no seu livro autobiográfico *Um teto todo seu*. Ou seja, a questão do voto feminino ainda não era um consenso para as mulheres que colaboravam com a “grande imprensa”.

A escritora e jornalista inglesa ainda associa a independência feminina à democratização do mercado de trabalho, mas afirma que as mulheres não estavam acostumadas a trabalhar nem ver outras mulheres a desempenharem papéis de destaque na sociedade. O dinheiro, segundo ela, era propriedade masculina. “Todo centavo que eu ganhar, elas podem ter pensado, será tirado de mim e usado conforme a sabedoria do meu marido (...) por isso, ganhar dinheiro, ainda que eu o conseguisse, não é algo que me interesse muito¹⁰⁷”. Dentro das práticas nas relações de gênero da imprensa, a remuneração, talvez, não seria o maior interesse da mulher. Mas, é bom assinalar que, ainda em número quantitativo menor do que os homens nos jornais, essas mulheres também recebiam pouco por seus trabalhos na imprensa. A baixa remuneração era um dos quesitos que, ironicamente, homens e mulheres que colaboravam com os jornais, estavam em “pé de igualdade”. Claro, isso no quesito de produção de artigos. Cargos da administração desses jornais, como de diretores, talvez, recebessem quantias maiores. Mas eram de caráter meramente masculino.

A historiografia ao citar, ainda, a escritora Julia Lopes de Almeida, narra sua aproximação com referências do feminismo brasileiro, como a feminista Bertha Luz. Mas, no *Diário*, a produção de Julia publicada, no período de nossa análise, não fazia referência aos direitos das mulheres. Trabalhamos com a hipótese de que, no processo de escolha e edição, os responsáveis pela indicação dos artigos e textos do suplemento *Magazine* filtrassem as produções femininas que não se adequassem ao padrão editorial do impresso. Ou seja, que de alguma forma contestassem os valores vigentes. Aliás, esses “valores” nada mais eram, em uma simples tradução, as práticas culturais em vigor do século 19 que estavam em xeque com a chegada da “modernidade”. Assim, os suplementos recifenses, “modernos”

106 WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014 p. 57

107 Ibidem, p. 37.

em sua autoimagem, escolhiam os textos que estavam de acordo com seu padrão editorial.

Um desses exemplos de “adequação” na participação de Julia é o texto “O dia do casamento”, veiculado na edição de 1º de junho de 1924. O artigo, publicado em destaque na página, narra a expectativa de uma mulher antes de consumir a união. Duas mulheres são porta-vozes e protagonistas da tensão familiar. A mãe que não pode conter a filha, obrigada a se despedir do lar, e a noiva, que é apresentada como uma pessoa que até então não “pensou em determinadas informações”, e, a partir do casamento, enfrentará uma nova realidade na prática. Quais seriam essas “informações”, nem o nome da noiva e da mãe, são revelados no texto. O pai da família e o noivo estão tranquilos com essa transição e encaram tudo com naturalidade.

Esse é um exemplo recorrente de um texto sobre mulher escrito por uma mulher nos suplementos recifenses analisados em nosso período. O casamento segue um raciocínio de que a união matrimonial é uma verdadeira “missão feminina”. Neste quesito, os homens, ao escreverem também sobre casamento, adotavam a mesma linha de pensamento. Mesmo desigual do ponto de vista quantitativo, com mais homens do que mulheres na redação, havia uma “sintonia editorial” nas relações de gênero na imprensa neste quesito. A autora defende que a mulher precisa se “contentar” com seu destino e aproveitar as felicidades que o lar proporciona. A maternidade é vista como o roteiro final dessa fase da vida. Narra a escritora os conselhos da mãe que se despede:

A vida começa hoje para ti; até agora foi um sonho, nada mais. Limpa essas lágrimas e tranquillízate. Esta casa não deixa de ser tua; nella ficam o teu lugar e o meu coração... Ouve-me bem: Daqui a algumas horas serás de teu marido; o meu egoísmo não bastará para reteu-la entre meus braços... vae, segue-o até onde elle quizer levar-te, é o teu dever... é a minha magua^{108!}

O *Diario de Pernambuco*, com a gestão da família Lyra tinha suas particularidades. Primeiro, o prédio novo da redação da empresa, reformado e de cara “moderna” - com direito a elevadores, uma novidade na época e com quatro pavimentos – tinha em seu último andar a casa do seu diretor responsável. Ou seja, quem decidia a notícia que seria veiculada e administrava toda a redação, incluindo

108 ALMEIDA, Julia Lopes de. O dia do casamento. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 de jun. de 1924. Magasine, p. 7.

parque gráfico, setor comercial e demais estruturas, morava no próprio prédio. A concepção do novo edifício do *Diário*, em forma de “palácio”, talvez esteja atrelada a sua vocação residencial no início do século 20. O seu administrador e morador era Carlos Lyra Filho, filho de Carlos Lyra, usineiro responsável pela nova gestão da empresa na década de 1920. O escritor Gilberto Freyre, colaborador do jornal, era um dos poucos jornalistas que eram recebidos no andar residencial da publicação.

Aliás, nos vestígios de sua autobiografia, o próprio Gilberto Freyre deixa testemunhos sobre sua concepção da personalidade do diretor responsável pela redação do *Diário de Pernambuco*. Carlos Lyra Filho, segundo Freyre, era viúvo, uma pessoa discreta e sem “ vaidades sociais”. Mesmo ocupando o cargo da direção de um jornal importante e tradicional na cidade, não fazia questão de circular em eventos, nem receber personalidades em sua residência localizada no Centro do Recife. O reflexo do conteúdo publicado no suplemento *Magazine*, assim, também estaria ligado à formação dessa personalidade de Carlos Lyra Filho: discreto, de família tradicional e conservadora da produção de açúcar e, sobretudo, pouco aberto a conversas e conhecimentos de novas pessoas, e conseqüentemente, de novas ideias. Diz Gilberto Freyre sobre o chefe,

Trabalho no *Diário de Pernambuco*, na organização de um livro comemorativo do centenário do jornal, no andar nobre: o ocupado pelo diretor Carlos Lira Filho, que o Recife inteiro sabe ser um viúvo esquisitão. Homem inteligentíssimo, vive isolado e conversa com raras pessoas: um ou outro Pedro Paranhos ou Manuel Caetano ou Pedroso Rodrigues. O cônsul de Portugal, Coimbra e Pastor. Temos nossas mesas, no mesmo vasto salão. Noto que ele me observa muito. Convidou-me já para sua casa: o que é um escândalo, pois só recebe em casa pessoas muito íntimas, como o Tavares (antigo censor do seu colégio, do qual fez gerente do *Diário*), os irmãos – o padre e o industrial -, o parente Antônio Vicente. Jantar simples: nenhum luxo. Depois do jantar, bilhar (que não sei jogar). Tavares já me sussurrou: 'o Carlito deseja V. para genro. Nunca o vi distinguir ninguém como lhe distingue¹⁰⁹'.

Além de relatos como esse de Gilberto Freyre, partimos em busca das edições especiais de aniversário dos jornais *Diário da Manhã* e *Diário de Pernambuco*, na década de 1920. No caso do *Diário de Pernambuco* o que chama a atenção é a participação de um artigo de mais de uma página, sendo uma delas inteira e sem anúncios, assinado por Edwiges de Sá Pereira¹¹⁰, na edição de 7 de

109 FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 232.

110 Edwiges de Sá Pereira nasceu em Barreiros, em Pernambuco, em 25 de outubro de 1884. Era filha do advogado José Bonifácio e de Maria Amélia Gonçalves da Rocha Sá Pereira. Foi jornalista, poetisa e educadora. No final do século 19 e início do 20, lutou por questões como a emancipação

novembro de 1925, que comemorava o primeiro centenário do jornal. O artigo da pernambucana é intitulado “A Mulher Pernambucana: sua influência e acção em nosso meio social, litterario e artistico¹¹¹”. O artigo provoca pela opção editorial do jornal em não só abrir espaço para uma escritora mulher numa edição de destaque, cuja maioria dos colaboradores eram homens, mas também por defender a inserção da mulher em episódios marcantes na história do Estado desde o período colonial.

No texto, Edwiges argumenta que os historiadores diziam que a história do Brasil era a história de Pernambuco, ao valorizar episódios locais como decisivos na formação do país. "Penso poder adduzir a este conceito esse outro: que a mulher brasileira da colonia tinha na pernambucana de então o seu melhor padrão, o seu typo mais completo¹¹²". No artigo, a escritora nomeia algumas “personagens guerreiras” do Estado, como Dona Barbara de Alencar, colaboradora da Revolução de 1817, dona Clara Carvalhista, legionária da Revolução de 1824, e dona Anna Aurora de Jesus Ribeiro, da revolução de 1848. Ao contrário de outras escritoras do período, Edwiges dá nome, sobrenome e função a suas personagens. Esse é um aspecto editorial importante.

A organização dessa edição especial, como vimos no último depoimento acima, ficou nas mãos de Gilberto Freyre, que logo a seguir, foi escolhido pelo próprio Carlos Lyra Filho como futuro diretor geral do jornal. Ou seja, a opção de publicar o artigo produzido por Edwiges foi uma escolha masculina. Essa decisão poderia ter sido tomada pelo próprio Gilberto Freyre, e referendada por Carlos Lyra Filho, ou o contrário. Na mesma edição especial, colaboraram nomes como Oliveira Lima, Fidelino, Smikins, Samuel Hardman, Odilon Nestor, Aníbal Fernandes, Manuel Caetano de Albuquerque, Luís Cedro e Manuel Bandeira. Segundo o próprio Freyre,

feminina e o divórcio. Foi fundadora da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (FPPF), de caráter feminista, na década de 1930. Foi a primeira mulher a tornar-se imortal na Academia Pernambucana de Letras. Mesmo sendo feminista, o discurso de Edwiges era mais apaziguador. “Edwiges de Sá em seu discurso de posse na Federação Pernambucana para o Progresso Feminino, mostrou a via pacífica, moderada, que pretendia seguir, além de enfatizar seu apego aos princípios católico-cristãos, em um misto de 'consciência, coragem e fé”. Nesse sentido, ela esclareceu que “o que se pretende não é inovação nem importa em medidas que possam trazer qualquer alteração prejudicial aos bons princípios que norteiam os nossos costumes de família cristã”. IN NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **Por uma igualdade emancipadora da mulher**: Edwiges de Sá e Martha de Hollanda, feministas em luta pela cidadania política em Pernambuco dos anos de 1930. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, 2012. p. 7.

111 PEREIRA, Edwiges de Sá. A Mulher Pernambucana: sua influência e acção em nosso meio social, litterario e artistico. **Diário de Pernambuco**. Recife, 7 de nov. de 1925. p. 17

112 Idem, p 17.

todos colaboraram “quase sem despesas para o *Diario*¹¹³”, demonstrando que, a remuneração não era um atrativo para quem estava disposto escrever na imprensa. Freyre, em sua autobiografia, na qual recorreremos para revelar aspectos dessa edição, não menciona Edwiges entre os “grandes nomes”.

Considerado um caderno especial “primoroso” pelo próprio Freyre, essa edição comemorativa seria responsável por elevá-lo a condição de diretor geral do *Diario de Pernambuco* tempos mais tarde. “Carlos Lira – o moço, mas já homem de seus quarenta e pouco anos (o velho é um rijo velho cuja energia é a dos pernambucanos mais realizadores, rivais dos paulistas no arrojo) – escolheu-me seu sucessor para dirigir o *Diário*. Mas a escolha, sei, por ele próprio, que até choro vem provocando¹¹⁴”, relatou Freyre, que então tinha “20 e poucos anos”. A posição de destaque, vale salientar, era anteriormente ocupada pelo filho do dono da empresa Carlos Lyra Filho. O jornal fica sob o comando de Freyre até 1928, quando ele deixa o jornal para assumir a chefia de redação do concorrente *A Província*. No *Diario*, o sociólogo começa a abordar temas de seu interesse pessoal, inclusive até no suplemento *Magasine*, alvo de nossa pesquisa. Curiosamente, temas como “senhoras inglesas”, “costumes ingleses”, entre outros, que eram uma verdadeira obstinação do autor de *Casa Grande & Senzala*, eram temas frequentes na publicação. Um dos exemplos é o artigo publicado na edição de 10 de agosto de 1924. Intitulado “Mulheres inventoras¹¹⁵”, o texto narra a história de inventoras na Inglaterra, país pioneiro na Revolução Industrial. Ao contrário do texto analisado anteriormente, “O dia do casamento”, de Julia Lopes de Almeida, a reportagem não tem destaque na página. É publicada na margem inferior, como uma curiosidade. A escolha levanta a hipótese de que, na edição, que era uma tarefa essencialmente masculina, havia um privilégio de destacar temas de interesse voltados ao “casamento” para seu público-leitor, isso dentro do processo de produção na empresa. As mulheres inglesas, segundo o *Diario de Pernambuco*, estavam obtendo mais patentes que os homens. As criações seriam em diversos ramos, inclusive, servindo para conflitos armados, a exemplo de guerras. Máquinas a vapor, caldeiras, automóveis e até dirigíveis, estariam saindo de parques de produção com o selo feminino.

113 FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 247.

114 Ibidem, p. 236.

115 Mulheres inventoras. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de agosto de 1924. *Magasine*, p. 7.



Imagem 7 - Além de ter a notícia associada a fatos curiosos, as mulheres inventoras não receberam destaque na edição do Magasine na edição de 10 de agosto de 1924. Reprodução: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press

O curioso é que, dentro do processo de construção do texto – e claro, sendo, mais uma vez uma opção de edição do jornal e do jornalismo da época – nenhuma inventora é apresentada pelo seu nome. Elas são vistas no plural e sem categorização de cidadãs. A

questão da escrita pode ser sentida se compararmos ao texto que o *Diário* publicou de Edwiges Sá Pereira, em sua edição de aniversário. A autora, ao falar das “heroínas” da história de Pernambuco, deu nome e sobrenome a suas personagens. É como se as inventoras inglesas existissem e não existissem ao mesmo tempo por serem figuras distantes, sem nomeação, tratadas no plural. Essa é uma técnica editorial que jornais da “grande imprensa” utilizavam em seus suplementos. Destaca o texto,

O genio inventor das damas inglezas mostra, porem, especial predilecção pelas cousas que interessam a seu sexo. Ainda ha pouco, cinco irmãs obtiveram patente por 'uma novidade em chapéus de senhoras e meninas', enquanto que outras inventoras tiravam patentes por invenção de pelles lavaveis, guarnições para cães, e para outros animaes domesticos, aparelhos para matar aves sem fazel-as soffrer, etc. Outras senhoras inventaram novos systemas de caçarolas, de funis, de tinteiros de porta-pennas e varios objectos de escriptorio. (...) O amor conjugal apparece, tambem, nos inventos femininos da Inglaterra. Muitas senhoras tem obtido parentes por systemas novos e praticos de enfeitiçar¹¹⁶.

116 Mulheres inventoras. *Diário de Pernambuco*. Recife, 10 de agosto de 1924. Magasine, p. 7.

A reportagem, além dos recursos para não identificar as inventoras, afinal seria positivo para as mulheres o fato de algumas, naquela época, assumirem o posto de inventoras, termina debochando e descredenciando o público feminino. Ao citar que o amor conjugal também estaria entre as “invenções” e que as senhoras também estavam conquistando patentes por “enfeitiçar” associa às mulheres ao perigo. Mas é bom sinalizar que essa não é a única forma de representação da mulher na imprensa na Primeira República (1889-1930). Em recente estudo no programa de Pós-Graduação de história da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de Débora Halide Claizoni, podemos afirmar que as mulheres também eram alvo de matérias em diversos campos, inclusive policial. A condição feminina esteve presente no discurso de repórteres e de policiais do período, sendo influenciada pelos debates jurídicos da época, inclusive sobre a influência da produção de acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife.

Um dos casos de estudo da historiadora foi protagonizado pela recifense do bairro da Torre Rosalina do Amor Divino, acusada de matar a mãe. Na história publicada pelo *Jornal Pequeno*, em 30 de março de 1907, a motivação do crime seria justamente uma união matrimonial celebrada por Rosalina. A mãe era contrária e não deixava de criticar a opção tomada pela filha. O então marido indicado pela mãe e que não foi aceito por Rosalina tinha boas condições financeiras. Uma dessas discussões, a filha, que declarou que agiu em legítima defesa num acesso de fúria da mãe, acabou cometendo o crime. No texto, o jornal não economiza nas acusações e destaca no título “A filha que matou a mãe¹¹⁷”. Porém, ao contrário do *Jornal Pequeno*, nem o *Diário de Pernambuco*, nem o *Diário da Manhã*, objeto de nossa pesquisa, davam destaque ao jornalismo policial. No caso do *Diário da Manhã*, a empresa responsável pela publicação criou o *Diário da Tarde* para dar mais enfoque a esse tipo de noticiário¹¹⁸.

Mas é importante assinalar que mulheres também eram produtoras de notícias no período e apresentavam sua visão de mundo através da janela da

117 CLAIZONE, Débora Halide. **A ordem pelo avesso**: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2013, p. 2.

118 A historiadora também faz um paralelo no que estava sendo discutido pelos juristas e sua relação com o então jornalismo policial. Alguns deles, inclusive, homens, defendiam a igualdade de direitos. Juristas como Arthur Orlando e Tobias Barreto inovaram ao tentar construir a partir de seus discursos uma forma diferente de conceber à condição feminina. Para esses autores, a relação entre homens e mulheres em termos sociais e jurídicos deveria ser guiada pela equiparação de direitos”. IN CLAIZONE, Débora Halide. **A ordem pelo avesso**: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2013. p. 117

imprensa em outros jornais da capital pernambucana. Esse foi o caso da escritora e jornalista Alice de Azedo Pimenta, que escreveu no jornal recifense *O Tacape*, publicado entre os anos de 1928 a 1930. Numa pesquisa coordenada pelo professor e jornalista Ricardo Japiassu¹¹⁹ revelou que Alice defendia nas páginas da publicação temas como o divórcio e o comunismo¹²⁰. O voto feminino, segundo estudo, seria uma “consequência”, mas não foi citado pela jornalista. Aos olhos da sociedade recifense, Alice de Azedo Pimenta era um destaque, tanto é que, no seu primeiro romance urbano, *O moleque Ricardo*, o escritor José Lins do Rêgo teria transformado a escritora em uma de suas personagens no livro.

Observamos, no entanto, pelo fato de o jornal *O Tacape* não estar inserido na “grande imprensa”, apesar de ter durado mais de um ano e ter anunciantes. A participação de Alice e sua aparente liberdade de escrever suas ideias na publicação também estava associada à questão familiar. Eram os homens de sua família que editavam e mantinham a publicação. O marido de Alice era o deputado pernambucano Joaquim Pimenta. Já o pai de Alice era o editor responsável, enquanto ela era a secretária do impresso. Embora com a participação feminina, eram eles que financiavam esses jornais e ficavam com a responsabilidade final na edição. A gestão do jornalismo, assim como outras profissões da época, era uma tarefa masculina. O gabinete de reportagem vivia rodeado de ternos e gravatas.

2.3 No gabinete reportagem, eles resistem: “a silhueta não deixa de ter a sua graça”

A alteração da estética do corpo feminino, para a alta costura que então começa a se desenvolver, incomoda a edição do *Diário de Pernambuco*. O jornal, assim como outros artigos do *Magazine* do nosso período analisado, apresenta valores do século passado. Além das roupas mais compostas e de tons sóbrios, a

119 JAPIASSU, Ricardo. Ideias europeias nos trópicos: Alice Azedo Pimenta e o Comunismo. Faculdade Damas – Caderno de Relações Internacionais. V. 3, n. 5, 2012.

120 O historiador Antônio Paulo Rezende, especialista do período, revela que Joaquim Pimenta chegou a ser criticado como “socialista por conveniência” por causa de acordos com diversos grupos políticos (antagônicos) no Estado. Joaquim era ligado a classe operária e ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), na década de 1920. Em virtude da participação política junto ao marido, Alice Pimenta chegou a ser atingida, em maio de 1922, por estilhaço na capital pernambucana, que causou ferimento no seu tornozelo direito. IN REZENDE, Antônio Paulo. A questão da autonomia e a classe trabalhadora (1921/1922). IN REZENDE, Antônio Paulo (org.). **Recife: que História é essa?** Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987, p. 141.

publicação defende, em sua política editorial, os quadris mais generosos no corpo das mulheres. Na reportagem intitulada “Feminina”, publicada na edição de 21 de dezembro de 1924, o jornal atesta: “Ser lisa, chata como taboa de engomar é a suprema expressão do chic, a ultima palavra da alta moda. O certo é que, uma vez vestida, a silhueta não deixa de ter a sua graça, o seu picante de novidade”¹²¹. Os modelos novos incomodam o jornal. Ou melhor, seus editores, que, com frequência, abordam a temática da valorização das curvas femininas.

Era no gabinete de reportagem que matérias como essa eram definidas. Numa reprodução de uma fotografia do livro *História e Jornal de Quinze Décadas*, do jornalista Arnaldo Jambo, podemos notar o ambiente da redação do *Diario* na década de 1920. O “gabinete de reportagem”, local onde eram decididas e pensadas

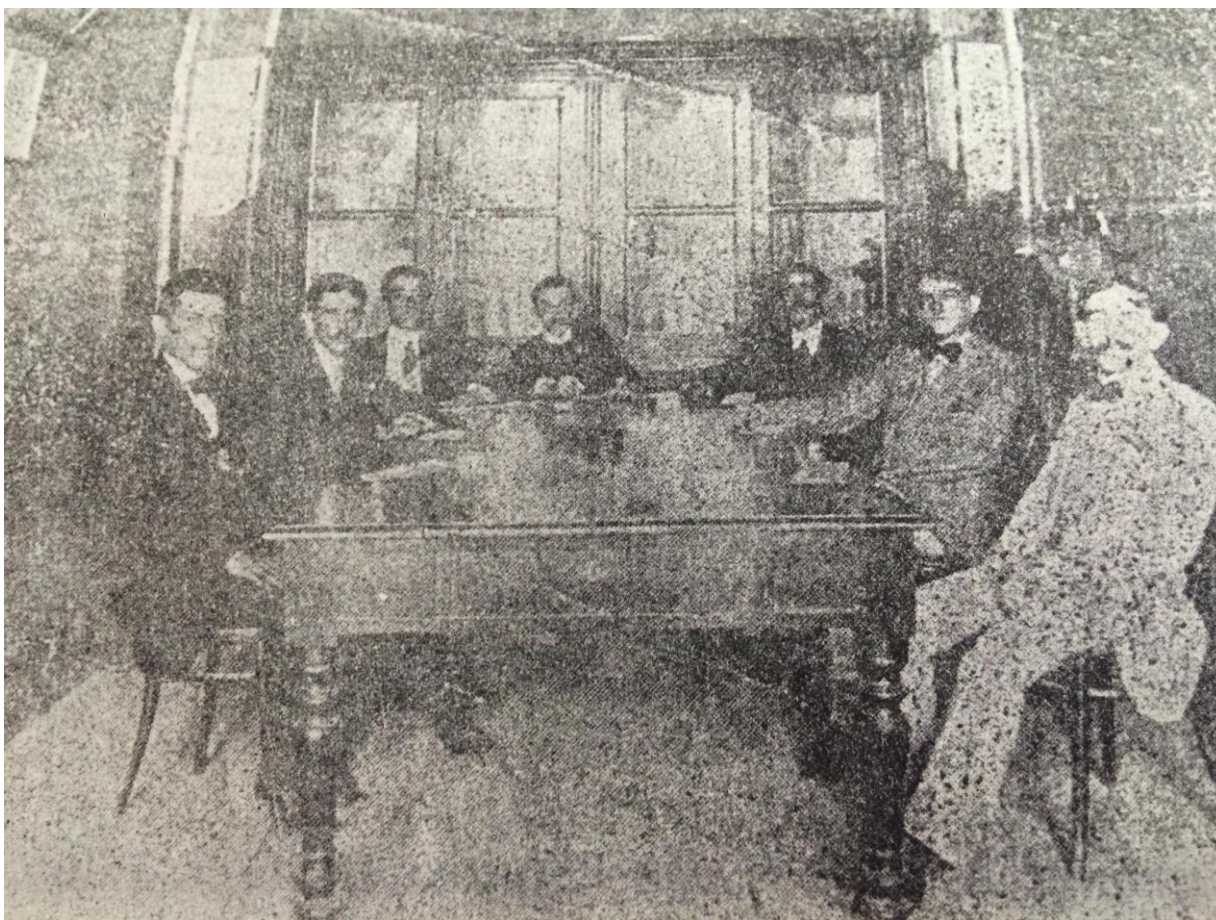


Imagem 8 - Foto reproduzida do livro de Arnaldo Jambo sobre a história do Diario de Pernambuco traz uma fotografia do chamado "gabinete de reportagem", hoje conhecido como redação. O ambiente era pequeno e repleto de figuras masculinas. Reprodução: Arnaldo Jambo/Editora O Cruzeiro

121 Feminina. **Diario de Pernambuco**, Recife, 21 de dezembro de 1924 Magasine., p. 7.

as edições do jornal impresso, estão na mesa nomes como o Coronel Melo Dutra, auxiliar da gerência, tendo à cabeceira o acadêmico João Domingues, os jornalistas Assis Chateaubriand, Alberto de Oliveira e Alexandre Mota, além de dos revisores Benedito Costa e Luís Ribeiro. Repare que o ambiente não remete aos grandes espaços das redações de décadas depois. O espaço é pequeno, modesto e tem em sua cena como testemunha homens que produziam e que decidiam o que seria publicado pelo jornal. Foi de uma mesa como essa que valores como a “silhueta mais generosa” foi defendida.

A historiadora Mary Del Priore, em *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo no Brasil*, relata que, no início do século 1920, as “gorduchinhas” ainda simbolizavam o corpo (ideal) feminino. A estética da magreza ainda não era dominante. “Por meio das revistas, muita coisa vai mudar. No início do século, as fotografias exibiam coristas gordinhas, envoltas em indumentárias farfalhantes, que pipocavam na introdução da peça emoldurando o desempenho de astros e estrelas¹²²”. No nosso caso, especificamente, tratamos de um jornal impresso, cujas fotografias ainda não estavam sendo utilizadas no suplemento feminino com tanta frequência. Aliás, essas imagens até seriam publicadas, mas com pouca associação aos textos. É como se as fotos, ao serem disseminadas, tivessem uma independência como produto de informação. Mas o que se configura nesse quadro é a importância que o jornal direciona ao corpo feminino. Segundo o *Diário*,

Se a leitora porventura tiver um puro e encantador desenho de busto, harminisando-se com o torneto de braço e a escultura cheia dos quadris, possuirá um tesouro que os conhecimentos dos antigos e mais tarde a Renascença reputavam um dom de admirável das graças. Terá, no entanto, para obedecer as regras suppressoras da moda de reduzir, de achatar, de sacrificar tudo isto, sob pena de lesa-chic, só pela fantasia de uma moda vinda não se sabe se onde, uma esdruxula, moda sem 'pedigres', afinal de contas¹²³.

Eram os jornalistas do “gabinete de reportagem” que estavam numa verdadeira “cruzada conservadora”, que mais tarde estariam sob a liderança de Gilberto Freyre, sobre a mudança do corpo feminino. Ao falar que os “quadris” era um verdadeiro tesouro, esses homens de imprensa já tinham noção do poder das palavras das leituras. O próprio suplemento *Magazine* já publicava, em nosso

122 DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p. 110.

123 Feminina. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 de dez. de 1924. *Magazine*, p. 7.

período análise, artigos e textos sobre a importância do poder do jornalismo e seu “modo de produção”. Na verdade, não haviam detalhes do acabamento do jornal até ele ganhar às ruas, mas alguns relatos de como os jornalistas deveriam escrever e em quais condições. Em 12 de abril de 1925, o artigo assinado por J. M. Quiros y Paoma narra como deveria ser exercida a profissão. O texto é intitulado “O código do jornalista¹²⁴” e defende a condução de, pelo menos, 16 pontos. As regras não seriam apenas destinadas às mulheres. Os homens da imprensa, que escreviam sobre elas, também tinham seus compromissos e responsabilidades sociais.

No texto, o autor aconselha que os jornalistas evitem polêmicas desnecessárias, sejam críticos aos governos, mas respeitem o Estado. As orientações ainda versam sobre não copiar produções de outros autores e assinar como próprias, além de outros pontos. Chama a atenção, ainda, a importância que se dá a quem escreve. O texto deixa claro que, para ser jornalista, é preciso ser uma “pessoa experimentada” e que tenha algum tipo de conteúdo pré-adquirido para ser compartilhado entre os leitores. “Completo preparo é exigido para o exercício de todas as profissões, e de jornalismo, a mais universal, complexa e responsável de todas as profissões, requer honra e solido conhecimento de literatura e sciencia¹²⁵”, diz o primeiro ponto do código, que reforça que os jornalistas, velhos ou moços, devem se sujeitar ao aprendizado, sob a direção de professores antes de dar os seus trabalhos ao público. O exercício da profissão, além de tudo, passaria por julgamentos na sociedade. As palavras teriam que ser bem estudadas antes de sua aplicação.

A jornalista e historiadora da comunicação Marialva Carlos Barbosa relata que algumas premissas da profissão serão fundamentadas nesse período, nos anos 1920. Segundo ela, a mítica da vocação, do amor à profissão, dos sacrifícios impostos, da necessidade de informar com isenção e longe das polêmicas políticas, e ao mesmo tempo desempenhando um papel político¹²⁶, formula um “lugar de fala”

124 PAOMA, J. M. Quiros. O código do jornalista. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de abr. de 1925, Magazine, p. 7.

125 Idem.

126 No artigo “Liberdade de imprensa”, Carlos de Campos destaca, em 31 de agosto de 1924, que o jornalista precisa ter senso de responsabilidade pública. O autor defende a crítica permanente aos governos, mas também o respeito ao Estado. O conteúdo foi publicado no Magazine. “Penso que nenhum governo se poderá orientar, com verdade e com acerto, senão em regime de livre exame e ampla discussão dos seus actos. (...) Venho da imprensa, e já fui oposição, conhecendo, por conseguinte, a impressão dessas afirmações na boca de um candidato, embora jornalista, político liberal e com responsabilidade na propaganda da República. (...) Faço-as, porém, de consciência; não para prometter liberdades, mas como quem deseja, pede e espera merecer esse precioso

no mundo do jornalismo que ultrapassa os limites da década. “A memória individual de cada um dos jornalistas que lembrou aqueles longiquos 1920 forja a memória dos jornalistas que conservam, pela lembrança, um passado comum¹²⁷”, diz a comunicadora. Essa discussão quase filosófica da profissão constrói o mito de que, para estarem presentes no mundo da notícia, esses jornalistas estariam fora do mundo comum. Ou seja, o dia a dia do exercício da imprensa era sinônimo de abertura de compromissos da vida pessoal. Os jornalistas tinham uma “missão” profissional de informar.

O jornalista Noraldino Lima, em 22 de junho de 1924, no *Magasine*, resume bem a sensação de “ser repórter” no período. O texto é intitulado “Vida de jornal”. Defende:

O jornalismo é, sem duvida, entre as profissões intellectuais, a de maior absorvencia e a que menos responde, quando exercida com escrupulo e honestidade, ao esforço de quem a ella se dedica.

Nem a vaidade, tão justa, de ser lido e perpetuado, sorri ao jornalista: um aqui, outro ali, entre centenas e milhares delles, attinge á consagração publica.

Em regra, o jornal, de vida ephemera, manuseado, pela manhã, para satisfação do habito, só leva ao leitor a idéa de quem o redigiu, pela noite a dentro, quando ha qualquer cousa a reprovar: a má redacção de uma noticia, feita, ás vezes, sabe deus com que fadiga, a deshoras: o cochilo do revisor, que deixou o trabalho, cabeceando de somno, madrugada alta; o defeito da impressão, sem levar em conta que a machina e a tinta não são infalliveis. O jornalista pode cumprir o anno inteiro, com uma felicidade exemplar, o seu dever: ninguem dá por elle...¹²⁸

Mas, nessa profissão tão sofrida, o que dizer sobre a definição editorial? Os jornalistas que então buscam os primeiros caminhos da profissionalização tinham bem delimitado o que sairia em suas páginas. As produções dos suplementos eram tão bem definidas editorialmente que, se mudassem de assinatura, em alguns casos, não fariam diferença. Isso quando o assunto é a mulher e as relações de gênero. Utilizamos, a seguir, duas poesias publicadas numa mesma edição do suplemento *Magasine*, na edição de 15 de junho de 1924. A primeira é assinada por um homem. *Margarida* é de autoria de Jader de Andrade. E *Amor* é de autoria de Virgínia Victorino. As duas poesias não recebem destaque na publicação e ambas

concurso da opinião”. IN Campos, Carlos de. Liberdade de imprensa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 de ago. de 1924. *Magasine*, p. 7.

127 BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 83.

128 LIMA, Noraldino. Vida de jornal. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de jun. de 1924 *Magasine*, p. 7.

estão num canto inferior da página. Neste exemplo, o tema relacionamento, neste caso, estaria sob duas perspectivas. Uma masculina e outra feminina.

Vale ressaltar que a poesia, enquanto gênero, não faz parte do jornalismo, mas a escolha de sua publicação numa página de jornal faz parte de uma decisão editorial tomada por um editor. Em *Amor*, Virgínia Victorino diz o amor, para ela, não tem definição. “Acaba onde começa”:

Amor
O amor! o amor! Ninguém o definiu
E' sempre o mesmo. Acaba onde começa.
Quem mais o sente menos o confessa.
E quem melhor o diz nunca o sentiu.

Conhece a todos mais ninguém o viu.
Se o procurarmos, fuge-nos depressa.
Se o desprezamos, todo se interessa,
Só está presente quando já fugiu

E' homem feito sendo uma creança.
E quanto mais se quer, menos se alcança.
Ninguém o encontra e em toda parte móra.

Mara a quem elle vive. E' sempre assim.
Só principia quando chega ao fim.
Morreu ha muito e nasce em cada hora¹²⁹.

No caso de Jader de Andrade, o texto faz analogias ao amor e afetividade utilizando termos como “lindo botão”. Sua poesia ainda faz uso de termos como inocência, sonho, estrela. Escreve o autor:

Margarida nasceu pequenina
Como um lindo botão entreaberto
Mae, depressa, eis, encheu toda a sina
De quem tinha, no peito, um deserto.

Conta a historia sagrada que um dia
Mafa estrella, brilhante da luz,
Aos plebeus de Belem annuncia
O advento feliz de Jesus.

No meu sonho de amor, eu não tive
Este aviso do céu.
Mas de um berço o milagre derive
Minha estrella nasceu.

Que neste mundo de paixões e dores
Ella nossa apontar-me a melhor trilha.
Quero viver feliz, como os pastores.

129 VICTORINO, Virgínia. O amor. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de jun. de 1924. Magasine, p. 7.

Adorando e seguindo a minha filha.

Seu clarão de innocencia, 'amplo, me banhe
Para -- forte e gentil -- sempre amparal-a.
Eu só quero viver 'tá que a acompanhe.
Sempre digno, emfim de acompanhá-la¹³⁰.

A poesia de Jader de Andrade possivelmente foi destinada à sua filha. O que nos faz levantar essa hipótese é que, antes da produção, há uma dedicatória que diz “no album da senhorita Maria Antoniette de Queiroz Andrade”. O autor usa o termo senhorita e narra o nascimento de uma criança, provavelmente sua filha. As estruturas das poesias são parecidas. E a forma como trata a afetividade também. Dentro desse processo de edição do suplemento, homens e mulheres poderiam escrever também sobre o amor, mas seu conteúdo era tão similar que nos remete a um processo de “triagem” das poesias que seriam publicadas. Ainda que sem esses relatos que comprovem essa seleção, podemos afirmar que os homens responsáveis pelo gabinete de notícias estavam coordenando uma edição num tempo em que o jornalismo, como condutor de conteúdo, era cada vez mais observado, julgado e lido. Para isso, era preciso ter regras, mesmo quando o assunto era um suplemento, que, em tese, teria a “liberdade literária” mais aguçada. Em tese, porque cada linha do *Magasine* era minimamente pensada.

2.3 As “jornalistas” do *Diario da Manhã* querem a “higienização dos costumes”

Letícia era escritora, talvez, jornalista – mesmo que este termo, na época, não fosse comum para definir as mulheres que escreviam em jornais. Sua aparição no jornal *Diario da Manhã* se dá numa época bastante especial para os fiéis da Igreja Católica: era abril e tempo da Quaresma, período litúrgico que antecede a comemoração da Páscoa. Seu artigo intitulado “As mulheres e a religião” tem uma ressalva logo após a publicação do título. Os editores advertem: escrito por uma “penna feminina”. Dentro de um suplemento literário, a produção faz jus aos conhecimentos intelectuais. A bíblia e algumas passagens do texto cristão são citados e demonstram que quem escreve domina o tema. Letícia, que não tem seu sobrenome revelado, no entanto, tem outro objetivo: combater “um olhar de commiserção para os escandalos procedentes da moda actual” e pede para que

130 ANDRADE, Jader. Margarida. *Diario de Pernambuco*, Recife, 15 de jun. de 1924. *Magasine*, p. 7.

seus leitores sejam “fortes em repellar as suas imposições indecentes”. Até porque, na visão dela, “o mundo parece retroceder á epoca do paganismo¹³¹”.

Ao publicar o artigo em 8 de abril de 1928, o *Diario da Manhã* reforça a estratégia editorial também adotada pelo concorrente *Diario de Pernambuco* em destacar textos publicados por mulheres que debatiam temáticas, na visão dessas empresas, femininas. Afinal, não eram os homens que estavam escrevendo sobre mulheres. Elas mesmas, sem “preconceitos”, defendiam suas bandeiras. Letícia, ao destrinchar seus conhecimentos religiosos, pede uma reação das mulheres cristãs às mudanças na sociedade em fins da década de 1920. “Zelemos a nossa dignidade de mulher christã, cooperando assim para a hygienização dos costumes - para a moralização das famílias e da sociedade¹³²”. A autora foi implacável ao mencionar os braços que se exibiam nus, os ombros e os decotes, que faziam corar as pessoas de pudor, as saias curtas “vergonhosamente subindo acima dos joelhos”, além dos trejeitos de afetação no andar, que, para ela, eram a materialização da imoralidade sob a máscara da elegância.

A defesa da “higienização” dos costumes faz parte da realidade brasileira, em tempos da Primeira República (1889-1930). Letícia não estava sozinha, mas o fato de seu trabalho ser selecionado no jornal, possivelmente por editores homens, demonstra que o tema era de interesse dos jornalistas da época. Essa era, também, uma temática que dialogava com os debates de seu tempo. No período que abrange os anos de 1910 a 1940, a historiadora Susan Besse¹³³ destaca que, entre os intelectuais brasileiros, havia um consenso segundo o qual o triunfo da “civilização” e do progresso estariam na salvação da família tradicional. Neste quesito, havia uma consonância entre o grupo considerado “progressista” com o “conservador”. O primeiro estava na linha de frente para substituir as tradições oligárquicas arcaicas, retrógradas e disfuncionais por padrões “higiênicos modernos”. Já o segundo grupo, ligado à Igreja Católica, tinha a missão de preservar a família tradicional brasileira em face da rápida alteração econômica. Era como que a sociedade estivesse passando uma “modernização conservadora”, sendo beneficiada por novas práticas

131 LETÍCIA. As mulheres e a religião. *Diario da Manhã*, Recife, 8 de abr. de 1928. Literatura, p. 3

132 Idem.

133 BESSE, Susan K. op. cit., p. 63.

tecnológicas, políticas e econômicas, mas matendo velhos valores sociais e culturais arraigados na sociedade desde os tempos do Império do Brasil (1822-1889)¹³⁴.

E a realidade dessa “onda modernizadora” também chegou ao Recife. A capital pernambucana, assim como a capital brasileira, o Rio de Janeiro, já no início da década de 1910, passava por mudanças em sua estrutura urbana. Em *O bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero*, a socióloga Cátia Wanderley Lubambo conta que a cidade passou por transformações, em sua organização física, em virtude dos efeitos da expansão da Revolução Industrial. As alterações nas metrópoles brasileiras foram tardias em relação ao continente europeu, cujas reformas urbanas começaram ainda no final do século 19. Apesar de Londres, na Inglaterra, ser o centro do capitalismo de então, foi Paris, na França, que se converteu num verdadeiro paradigma da vida cosmopolita das cidades. A “tradição francesa” (1853-1869), como defende a autora, foi iniciada com a gestão do então prefeito de Paris, Jorge Eugenio Haussmann, cujo Plano Alphand promoveu a abertura de avenidas nos bairros supercongestionados de edifícios em detrimento de antigas construções, que foram demolidas.

No Brasil, esse período começou com a revolução urbana no Rio de Janeiro iniciada pelo prefeito Pereira Passos, gestor da cidade entre os anos de 1902 a 1906. Nomeado para o cargo pelo presidente Rodrigues Alves, o prefeito iniciou o que a historiografia chama de “bota-abaixo”, isso em referência a profilaxia dos espaços públicos e do corpo. Foi nesta época, também, que foi inserida a cultura do sanitarismo no país, com médicos como Oswaldo Cruz. O Poder Público atuava para “melhorar” os espaços urbanos e a saúde da população, principalmente, a mais carente, que sofria com a perseguição estatal e a transferência de seus domicílios para locais mais afastados da cidade. “Instalou-se um 'bota-abaixo' de cortiços, estalagens, sobrados e casas térreas classificadas como insalubres e indignas, sob a aparência das melhores intenções sociais¹³⁵”, relata o historiador Paulo César Garcez Martins. Este quadro foi sentido no Recife com a reforma e reestruturação do porto da cidade e de seu bairro mais antigo.

134 Sobre as mudanças econômicas, políticas e sociais ver mais em MONTEIRO, Hamilton de Mattos. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. IN LINHARES, Maria Yeda. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: 1990.

135 MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 145.

A reforma do Porto do Recife iniciou esta tradição em Pernambuco. As obras de modernização do cais, a abertura de novas avenidas, inspiradas na estética arquitetônica francesa, começaram ainda em 1909. Os serviços foram executados por um consórcio estrangeiro, a *Societé de Construction de Batignolles*. Na época, além dos serviços de atracagem, foi realizado aterros no bairro, aumentando sua área de 73 hectares, no início dos trabalhos, para 90 hectares, em 1918. Apesar da expansão territorial, houve uma diminuição dos prédios instalados na velha região. Muitos foram demolidos e a população residente, instaladas em acomodações mais modestas, foi transferida para bairros vizinhos e para os subúrbios da cidade. Em 1910, o bairro do Recife possuía 1,880 edificações. O número caiu para 975, em 1913. E esse “clima” de mudanças foi aceito independentemente da ideologia. A alteração profunda do espaço urbano na capital pernambucana foi abraçada por diversas correntes, inclusive, antagônicas e que mediam forças na política local.

Numa época em que o sanitarista Octavio de Freitas, que, entre 1918 a 1919 assumia a Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado, se transformando numa referência da política sanitária de Oswaldo Cruz no Recife, oposição e governo defendiam esses mesmos valores. Pelo menos quando o assunto era a “modernização” da capital. A reforma do Bairro do Recife começou com a gestão de governadores ligados ao Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva, vice-presidente da República no governo Campos Sales, como Estácio Coimbra, mas continuou em gestões posteriores. Em 1911, já com o grupo de Rosa e Silva enfraquecido, o general Dantas Barreto assume o governo de Pernambuco e o plano de reforma do Porto e do Bairro do Recife continua a todo o vapor. Cátia Wanderley, no entanto, pondera que, alguns intelectuais do período, como o Mário Sette, criticam as mudanças e perda de determinados valores com novos padrões sendo adotados na estética da cidade. Em parte, essas críticas são frutos da falta de aderência ao positivismo no Estado. A Escola do Recife, nascida em 1870, cujos valores influenciaram nomes como Gilberto Freyre, vai defender um modernismo com “tradições regionais”¹³⁶. Ressalta a autora,

136 O modernismo foi uma escola literária brasileira, cujo marco inicial foi a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, entre 11 a 18 de fevereiro de 1922. O crítico literário Alfredo Bosi argumenta que, ainda com a resistência do sociólogo Gilberto Freyre e do escritor José Lins do Rêgo, houve um contato de escritores de Pernambuco ao grupo de São Paulo. No Recife, entre os entusiastas estavam o jornalista Joaquim Inojosa, do *Jornal do Commercio*, e o escritor Guilherme de Almeida. "O modernismo do Nordeste foi uma realidade poderosa com o facies próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos de 30 e de 40. Mas não se pode sustentar sem arbítrio que

Em meio toda essa atmosfera cosmopolita parecia difícil abrir-se lugar a uma crítica literária que pusesse em questão o despreço pela cultura nacional e regional. Na verdade a impressão que os críticos manifestaram a respeito deste período, era de se estar atravessando uma profunda crise intelectual (e moral) marcada pela mais grave decadência da cultura¹³⁷

O historiador Flávio Weinstein reforça que as mudanças sociais também eram refletidas nos comportamentos. “As reformas urbanas, em resumo, não deixavam de trazer em seu bojo uma reforma cultural¹³⁸”, destaca Weinstein. “A renovação cultural que passa a se operar na sequência da década de 1920 parece voltada a cumprir uma dupla função. Sua obra é, uma só, de refundação da identidade nacional e de reposicionamento da produção cultural, enquanto forma de expressão¹³⁹”. O Recife vivia um momento particular na produção literária com o nascimento do movimento regionalista, em 1926, liderado por Gilberto Freyre, que defendia valores (do passado) locais como elemento formador da identidade nacional.

O *Diário da Manhã* também absorve esse espírito de “modernidade”, mas defende velhos valores. Afinal, o impresso estava localizado no bairro de Santo Antônio, bairro vizinho ao Bairro do Recife. Sua diagramação “moderna”, as mudanças técnicas que se inserem na imprensa recifense através de sua inserção no mercado de comunicação também são um reflexo dessas transformações. No período de nossa análise, o jornal era dominado, exclusivamente, por homens. O redator-chefe era José de Sá, o redator secretário Cristiano Cordeiro, e os redatores principais tinham nomes como Esmaragdo de Freitas, Racine Guimarães, Domício Borba. O gerente da empresa também era um homem: Antônio Lumachi do Monte. Ou seja, o fato é que o processo de edição era, assim como em outros jornais da grande imprensa, um exercício masculino. Infelizmente, ao contrário do *Diário de Pernambuco*, não temos registros do cotidiano, como revelados por Gilberto Freyre,

haja sido esteticamente autônomo em relação às poéticas pregadas a partir da Semana. Por outro lado, os regionalistas do Recife, que se congregavam por volta de 1925-26, em torno de Gilberto Freyre, então egresso dos Estados Unidos, ainda não tinham centrado as suas preocupações numa revolução literária. A orientação e os gostos do sociólogo pernambucano os levavam, de preferência, ao estudo e ao culto das instituições brasileiras”. IN BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 345

137 LUBAMBO, Cátia Wanderley. op. cit., p. 68

138 TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Recife**: notas em torno da gênese de um campo cultural. Clio – Revista de Pesquisa Histórica, nº 32.2. p. 125

139 Ibidem, p. 118

sobre o cotidiano na redação do *Diário da Manhã*, mas o interessante é notar que, assim como outros, o jornal também gozava de uma “tradição familiar”.

Do mesmo jeito que Carlos Lyra Filho, filho do coronel Carlos Lyra, estava à frente do patrimônio familiar, os irmãos Carlos, Caio, Artur e Fernando de Lima Cavalcanti administravam o *Diário da Manhã*. A direção geral ficava com Carlos Lima Cavalcanti e, seu irmão, Caio, era apresentado como diretor-substituto. Essas informações sobre o quadro de colaboradores do jornal em fins da década de 1920 é registrada pelo jornalista Luiz do Nascimento, que, em seu trabalho da história da imprensa recifense, na década de 1960, ainda não se debruçava sobre as relações de gênero no período¹⁴⁰. Porém, é bom salientar que, através do suplemento literário, esses homens da imprensa, até mulheres, se posicionavam sobre temas das relações sociais (e de gênero) através do jornalismo cultural. Um dos assuntos mais debatidos pelo *Diário da Manhã* é o divórcio, adultério e voto feminino. O jornal e seus colaboradores, contemporâneos dos efeitos da modernidade, não estavam de acordo com essas “novidades”.

Sobre adultério feminino, o jornal tinha uma forma “particular” de julgá-lo como impróprio. Através de artigos e contos literários, o *Diário da Manhã* advertia sobre as implicações sociais para a mulher que cometia traição ao marido. Um dos exemplos da escolha desses colaboradores masculinos, é a publicação do conto chamado “A mulher adúltera¹⁴¹” na edição de 27 de novembro de 1927. O texto é assinado por G. C. Cesario e adverte aos leitores que se trata de uma publicação estrangeira, com “tradução especial” para o impresso pernambucano. O conto traz a história de uma mulher chamada Ercília, que não tem o sobrenome identificado, e que pede autorização a um padre para cometer o “pecado”. Na verdade, seu marido estava internado há anos em um manicômio e não tinha nenhuma perspectiva de melhoras no quadro de loucura. Ou seja, ela estava casada oficialmente, mas não

140 O corpo de colaboradores do jornal, no período, também era formado por, quase exclusivamente, homens. Luiz do Nascimento destaca, entre eles, “Gastão Cruis, Gilberto Amado, Barbosa Lima Sobrinho, Pedro Mota Lima, Agripino Grieco, Luís Cedro, Paulo Guedes, padre Batista Cabral, Raul Azêdo, Joaquim Pimenta, Edgar Teixeira Leite, João Barreto de Meneses, Eduardo de Moraes, Aurino Duarte. Também colaboravam Olegário Mariano, Napoleão de Albuquerque, Ernani de Irajá, Cleto Campelo, Maciel Filho, Renato de Alencar, Da Costa Aguiar, padre Álvaro Negromonte, Jarbas Peixoto, Domício Cabral, Agripino da Silva e Lula (Luís) Cardoso Ayres.” IN NASCIMENTO, Luiz. **História da imprensa de Pernambuco** (v. III). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1967. p. 275

141 CESARIO, G. C. A mulher adúltera. **Diário da Manhã**, Recife, 27 de Nov.de 1927. Litertatura, p. 3.

gozava da companhia do marido e não poderia contar com ele no futuro. O texto relata, ainda, o fato da religião ser, na época, uma reguladora de ações sociais.

Ercilia comenta ao padre, em sua casa, que já teria beijado o seu novo pretendente. Afirma que tinha em torno de 30 anos e não poderia jogar sua vida fora em nome de um relacionamento que não teria mais futuro. Porém, sua intenção era pedir ao padre a “autorização” para consumir uma possível relação mais íntima. A mulher contesta o padre, argumenta que a sociedade é hipócrita, cita que seu “amante” é um militar respeitado e viúvo, que tem uma filha pequena e pode ficar doente caso não prossigam com o relacionamento. O texto é também marcado por contestações sobre valores vigentes: “- A lei de Deus é terminante, minha filha...”, diz o padre, cuja resposta recebe imediatamente: “- Bem sei. Ella também diz: 'Não matarás'. O senhor entretanto como os demais capellães de regimento, não fazia senão pregar aos soldados a guerra de exterminio, a lueta sem treguas¹⁴²”. Ercilia não obtém a autorização, mas segue adiante com o romance. Em um dos trechos, é possível notar o debate:

- Minha filha, e a religião?...
 - Escute, reverendo! O respeito ás convenções sociaes? Primiramente, o mundo é tão hypocrita e vil que eu, com o meu nome, posição e orgulho posso viver e muito bem, sem o seu respeito. A sociedade! Meu caro padre Aleixo, o senhor não é um padre simplorio, nem eu uma menina de collegio. Nós dois sabemos, perfeitamente, que a sociedade nunca deixou de acatar uma senhora porque esta tivesse um amante. O que faz o senhor quando vai jantar à casa da marquiza de Galeani, que tem tido faltas numerosas? Recusa-lhe, por acaso, algum cumprimento? Ah, bom amigo!
 - 'Marquiza... é uma senhora de muitas virtudes... dotes moraes...' Negue-o, se pode!
 - Todavia, jamais vi coisa alguma que...
 - Não faltava mais nada!...
- O rosto do padre Raeli contrahiu-se num mal contido sorriso¹⁴³.

Para justificar as contradições esplanadas por Ercilia, o religioso diz que a mulher tem o vício do paradoxo. O religioso, então, pede para que ela escreva um telegrama rompendo com o relacionamento e reze para Santa Madalena, mas o texto dá a entender que o relacionamento prosseguiu. O desfecho do texto diz que o “redentor” mantém suas mãos e misericórdia para a mulher adúltera. O tema do adultério, em especial, ganha destaque no jornal. Para se ter uma ideia, este conto ocupa as oito colunas na diagramação do *Diario da Manhã*, que preenche toda a

142 Idem.

143 Idem.

página da publicação do suplemento literário com esta história dramática, que envolve religião e traição. Ou seja, era um assunto de interesse dos editores. Ainda com realidades distintas, chamamos a atenção para o fato de que os jornais impressos atuais, por exemplo, trabalham com espaços de seis colunas, em média, em suas publicações. Nesse espaço de seis colunas, na imprensa atual, são publicados, às vezes, mais de uma matéria, com notas e até artigos de opinião.

A historiadora Susan Besse diz que adultério feminino se tornou uma obsessão dos intelectuais na década de 1920. “O adultério feminino tornou-se obsessão de inúmeros críticos machos¹⁴⁴”, diz a autora. Isso reforça a nossa hipótese de que, estes suplementos literários na grande imprensa, ao editarem e produzirem contos como o de Ercília, se portavam contra as mudanças nas relações de gênero no início do século 20. “José Gabriel de Lemos Britto mostrava-se alarmado com o que encarava como a difusão da praga do adultério das classes altas para as classes médias: aquelas que antigamente 'pareciam imunes a esse vírus lamentável¹⁴⁵”, completa a autora. Estes críticos, que estavam presentes, sobretudo nos jornais, também protestavam contra o fato de as “virgens” e as “esposas” estarem aprendendo com o cinema e o teatro a arte de “atraiçoar” o esposo. O curioso é que o *Diário da Manhã* também editava uma página inteira para a crítica de cinema, aos domingos, ao lado do suplemento literário.

Ainda segundo Susan Besse, a fundamentação para se obter a separação legal de cônjuges ainda era bastante restritiva no Brasil na primeira metade do século 20. “A lei do casamento civil de 1890 e o Código Civil de 1916 especificavam que o casamento só poderia ser anulado nos casos em que um dos conjugues tivesse sido coagido ou nos casos de 'erro essencial de pessoa¹⁴⁶”, revela a historiadora. As únicas outras formas de terminar oficialmente o relacionamento era a separação não-oficial (sem registro jurídico) ou o desquite, sendo este permitido em casos de adultério, tentativa de morte, maus-tratos ou ferimentos graves e abandono voluntário do lar por dois anos consecutivos. A mulher desquitada, ao contrário dos homens, era alvo de preconceitos sociais e estava condenada ao celibato ou ao concubinato. Neste período, as mulheres preferiam anular o casamento do que ser desquitada. No caso da anulação, um novo casamento legal

144 BESSE, Susan K.. **Modernizando a Desigualdade**: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 50.

145 Idem.

146 Ibidem, p. 59.

poderia ser autorizado pela justiça. O divórcio, no Brasil, só foi regulamentado no ano de 1977.

Apesar de não ser nosso objetivo nesta pesquisa, é bom assinalar o comportamento político do jornal a temas como divórcio e voto feminino. Esse tipo de opinião não estava explícito no suplemento literário dentro de nosso período de análise. Para isso, selecionamos duas matérias publicadas no “jornalismo factual” do impresso. Ou seja, reportagens que estavam em seções de política e do cotidiano e não na Segunda Secção. Na edição de 15 de novembro de 1925, o jornal publica o artigo “A mulher, o casamento e o divórcio¹⁴⁷”, assinado pelo primeiro-ministro da ultra-direita da Itália Benito Mussolini, e a matéria “O voto feminino no Rio Grande do Norte¹⁴⁸”, sem assinatura.

O primeiro faz um elogio ao fato do primeiro-ministro não aceitar a divórcio em seu país. Para o jornal, este tipo de postura era positiva, tanto é que na edição do dia, o artigo de Mussolini ganhou espaço em duas páginas.

O primeiro-ministro assegurava que “enquanto eu for primeiro ministro

Imagem 9 - Deputado que foi a favor do voto feminino foi ironizado pelo Diário da Manhã na edição de 15 de novembro de 1927. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)



147 MUSSOLINI, Benito. A mulher, o casamento e o divórcio. **Diário da Manhã**. Recife, 15 de nov. de 1927, p. 2.

148 O voto feminino no Rio Grande do Norte. **Diário da Manhã**. Recife, 15 de nov. de 1927. p. 3.

não haverá divórcios na Itália”. Já a matéria sobre o voto feminino ironizava a conquista do Estado do Rio Grande do Norte, o primeiro do país a garantir o voto das mulheres e o direito delas em serem votadas. A legenda sobre a questão do voto destaca que “o deputado mais feio da Camara Federal colloca-se ao lado do direito de voto concedido á mulher brasileira”. O jornal tentou, através da ironia, desconstruir um personagem masculino em favor dos direitos femininos. “O illustre academico não foi totalmente hostilizado pela natureza. A sua phisionomia quasi modesta envolve uma cabeça cheia de fascinações. O voto feminino está, assim, bem amparado, espiritualmente, na Camara Federal¹⁴⁹”, defende o jornal. O deputado em questão é o mineiro Augusto de Lima que, inclusive, ganhou na matéria uma caricatura de Guevara para demonstrar suas possíveis “fragilidades estéticas”. O parlamentar foi criticado pelo *Diario da Manhã* por discursar saudando (positivamente) o Estado potiguar pelo voto feminino.

O reflexo deste tipo de opinião estava no jornalismo cultural praticado pelo *Diario da Manhã*. O seu suplemento, assim como o *Diario de Pernambuco*, tinha um “filtro” específico para temas que abordavam personagens femininas e seus respectivos relacionamentos. Os editores do jornal alertam sobre os perigos que a mulher corria ao manter relações duvidosas, em que homens, assim como nas histórias de cinema, aparecem com o perfil “conquistador”. No conto “A noviça Nathalia”, publicado em 23 de outubro de 1927 e cuja a autoria não é revelada, uma noviça, reclusa na região da Andaluzia, na Espanha, se encanta por um cavalheiro de nome João. Ele teria um perfil “dominador” e o “olhar crepitante”. O conto leva o leitor a praticamente uma história de cinema, pois, João aparece montado a cavalo em busca da amada. Mas a história não tem um final feliz, assim como nos roteiros mais românticos. Nathalia é condenada a voltar ao convento e passa a ser hostilizada pelas colegas. É como se ela tivesse quebrado uma regra. A noviça pede clemência:

Oh, Senhora! eu bem sei que sou indigna de clemencia! Eu não sabia, ao chamamento da voz supplicante e tentadora, a que abandono e opprobio nos destina o amor mortal. Oh! a vergonha com que irei morrer, bandina dentre os meus, banida daqui, desta paz!... Qual de vossas filhas, ó mãe, não me repelliria com horror, apontando-me a estrada?! Oh! - perdi toda esperanza¹⁵⁰!

149 Idem.

150 A noviça Nathalia. *Diario da Manhã*, Recife, 23 de out. de 1927. Literatura, p. 3.

Nathalia e João passaram noites de “festa de amor”, segundo o conto, em cenários como Florença, na Itália, até que, num belo dia, o seu companheiro a abandona e nunca mais é visto. Com a decepção, a relação é apresentada como frustrante por parte da mulher. “Elle alegre, ella muitas vezes pensativa. As caricias ardentes do amante, embora apaixonadas e embriagadoras, não era as que seu coração inocente sonhara¹⁵¹”, relata o conto. Com a volta ao convento, Nathalia recebe o perdão e uma santa faz um milagre: suas companheiras não sentiram sua falta. É como se o milagre consistisse na perda de memória das outras noviças, que não recordariam do “desvio” da colega. O benefício, no entanto, não foi conquistado sem sofrimento. Ao fim do relacionamento, Nathalia percorre ruas, doa suas joias e caminha, quase como uma mendicante, de volta ao recinto religioso. O sofrimento que passou seria uma força de purificação da alma.

Dentro do processo de produção do suplemento, ou seja, na escolha de artigos, contos e poesias que seriam publicados, os jornalistas homens pensavam com a lógica dominante. Segundo as historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, neste período, a “engrenagem fundamental dessa lógica, as mulheres, entre outras obrigações, arcaram com a tarefa de apaziguar a sensualidade do casal¹⁵²”. O aceito e o desejável, como o culto à beleza, deveriam estar associados aos princípios médicos e higiênicos, nunca com a sedução. A página de literatura do *Diário da Manhã* queria manter o status da família tradicional brasileira. E para isso, sublinhava, ao seu modo, textos de autores consagrados como Oscar Wilde. No texto do escritor inglês intitulado “Pensamentos de Oscar Wilde”, publicado em 22 de maio de 1927, o jornal demonstra o que entende, através de seus editores, o que seria a vida a dois. Dos cinco pensamentos, três são sobre relacionamentos.

O primeiro é sobre a vida conjugal. O segundo sobre casamento. E o terceiro sobre o amor. Nos três exemplos que tratam sobre a temática dos relacionamentos, não há menção a felicidade. Na verdade, como diz o autor, a vida conjugal, que tanto o suplemento faz questão de abordar, é um “hábito”. Ou seja, tanto homens como mulheres deveriam aceitar esses padrões sociais. “O amor e uma hostia que nos deveríamos aceitar de joelhos, com essas palavras de humildade no coração e nos lábios. Senhor: não sou digno”, diz o escritor com ironia. O último “pensamento”,

151 Idem.

152 MOTT, Maria Lucia; MALUF, Marina. Recônditos do mundo feminino. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 392.

no entanto, é mais forte. Trata sobre comportamento: “Nenhum crime é vulgar, mais toda vulgaridade é um crime¹⁵³”. Essa linguagem normativa também era reforçada em imagens. Ao lado desses textos e contos publicados, os suplementos literários também apostavam em imagens como forma de comunicação com seu público-leitor. E é justamente essa nova ferramenta de comunicação que vamos analisar no próximo capítulo.

153 WILDE, Oscar. Os pensamentos de Oscar Wilde. **Diário da Manhã**, Recife, 22 de mai. de 1927, Literatura.

*“ÉS TÃO BELA E ELEGANTE!
TEUS PASSOS LEVES E DELICADOS
ENCHEM A AVENIDA DE ALEGRIA.
TUA CARINHA REDONDA E COLORIDA
PROVOCA OS OLHARES
DOS QUE A TUA ESPERA
PASSAM A TARDE DE PE
POR QUE ÉS TÃO INGRATA
E NÃO DÁS A TODOS
AQUELE SORRISO
QUE SÓ TÚ SABES DAR?
CARIOCA? (...)*

(AYRES, Lula Cardoso.
Carioca. **Diário da Manhã**,
Recife, 11 de set. de 1927.
Literatura e Arte, p. 3.)

3



**O gênero sob o olhar da "câmera inocente":
imagens, movimento e reações**

O beijo é sutil. No seu rosto a expressão é de delicadeza. Mas são nos “movimentos” que a imagem sugere que a personalidade da “Carioca” é revelada. É sobre essa mulher nascida na cidade do Rio de Janeiro que a ilustração e, ao mesmo tempo, poesia do artista plástico pernambucano Lula Cardoso Ayres, publicada em 11 de setembro de 1927, no suplemento *Literatura & Arte*, do *Diário da Manhã*, se dirige. O vestido já não é mais tão longo como os modelos do século passado. Adeus, espartilho, mangas e babados. Os braços, agora, estão à mostra. E as, pernas, estas, parecem que flutuam na imagem, tendo um sapato de bico fino uma testemunha ocular da “modernidade”. Os pés dão uma sensação de movimento, assim como os braços, que acenam. Essa era a imagem de uma nova

representação do corpo feminino, que foi registrada através de fotografias e ilustrações nos suplementos literários em fins da década de 1920.

A carioca não está mais em casa. Ganha as ruas. Enche a avenida de alegria e, claro, provoca os olhares mais atentos do público, que a espera, passando uma tarde inteira para contemplar um rosto sublime, um leve sorriso. Exemplo para o Rio de Janeiro e para outras cidades brasileiras. Atento a um novo recurso dos suplementos literários, a imagem, sobretudo as fotografias e ilustrações, estas últimas sendo desenhos realizados por profissionais especializados, os jornais impressos no Recife começam a sofisticar a notícia, até então exclusivamente ligada ao texto. Essas reproduções, no final do século 19, eram mais utilizadas em

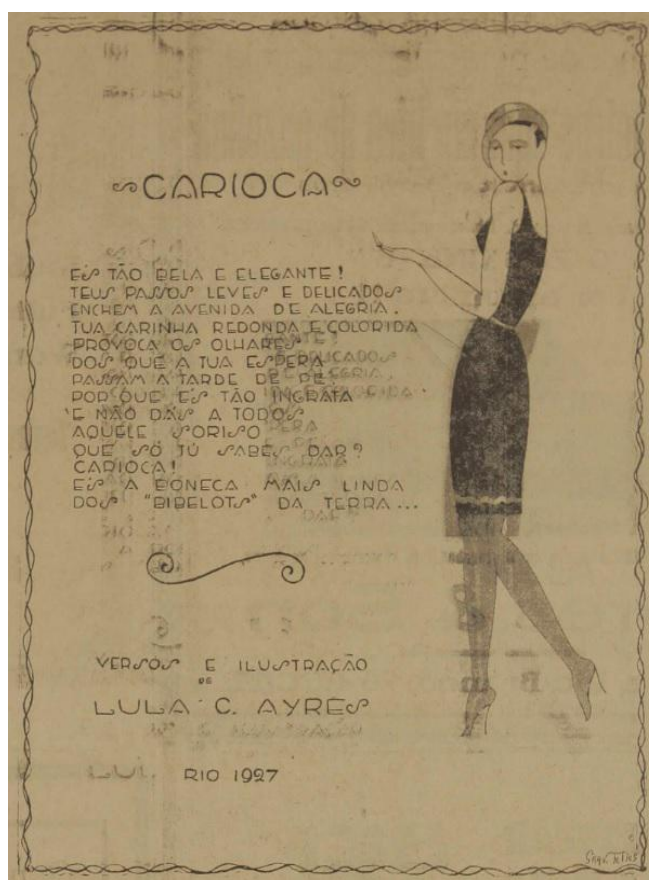


Imagem 10 - A Carioca, com ilustração e versos de Lula Cardoso Ayres. O conteúdo foi publicado em 11 de setembro de 1927. Esse é um dos exemplo em que imagem e texto dialogavam com sintonia no suplemento do Diário da Manhã. Reprodução: (Cepe)

publicações que não estavam relacionadas com a produção de notícias factuais, como as revistas ilustradas. No entanto, os jornais impressos, seja através das novas técnicas disponíveis ou mesmo pela influência da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) acabaram se rendendo ao recurso imortalizado pela frase do jornalista alemão Kurt Tucholsky (1890-1935): “uma imagem vale mais que mil palavras”.

O *Diário da Manhã* investiu nas imagens, dentro da *Segunda Secção*, segundo caderno (onde a página de Literatura era publicada), desde o primeiro exemplar do jornal, em 16 de abril de 1927. Mulheres e seus vestidos. Musas do teatro e do cinema. Os escritores e os homens que arriscavam suas vidas pela conquista do desconhecido. Tudo isso foi registrado pelo jornal que se orgulhava de manter articulistas e ilustradores capazes de “chocar” a sociedade. Essas imagens reforçavam textos. Ou, na maioria das vezes, não faziam parte de texto algum. Explicação: as imagens, algumas delas, eram colocadas nas páginas sem qualquer ligação com qualquer matéria, poesia ou artigo do jornal. Fotografias e desenhos – recurso de muitas palavras utilizado para descrever a imagem –, muitas vezes, eram publicadas apenas com uma pequena legenda. As imagens eram a própria notícia, se convertiam em informação pura.

É bom assinalar, no entanto, que os jornalistas e editores que atuavam no *Diário da Manhã* mantinham, sob suas respectivas chefias, uma linha editorial muito clara na publicação. Quando o assunto era mulher, ou melhor, quando elas eram personagens, muitas vezes eram apenas utilizadas como imagens. Por exemplo, quando alguma atriz se apresentava no Teatro de Santa Isabel, no Centro do Recife, elas tinham seu nome e algum tipo de elogio (curto) publicados. Essas mulheres não eram alvo de entrevistas e não davam depoimentos aos jornais com frequência. As falas eram negadas. Apresentavam apenas imagens. A participação no noticiário se resumia a uma “foto-legenda”, termo usado pelos jornalistas para esse tipo de recurso na imprensa. Este posicionamento, por outro lado, não isentava as mulheres – enquanto sexo e não como as personagens das imagens – serem alvo de matérias sobre comportamento, estética, moda, entre outros temas. Isso dentro da página de literatura do impresso.

Já os homens, ao contrário, tinham suas fotografias publicadas ao lado de artigos, textos científicos que, muitas vezes, eram de sua autoria. Eram imagem e porta-voz de “verdades”, de teorias, de pontos de vistas e críticas literárias. Os retratos masculinos eram muito parecidos. Ao contrário das mulheres, eles se

posicionavam nas fotos como se encarassem o fotógrafo ou o leitor. Essa maneira, porém, não era uma regra. Em alguns desenhos realizados por ilustradores, os homens se posicionam de lado, como as mulheres. Mas esses registros são mais escassos dentro da documentação que abrange um ano, desde o início do jornal até o mês de março de 1928. E quando as mulheres estavam inseridas no “mundo das letras”, seja como escritoras com trabalhos reconhecidos pela crítica literária ou público, as imagens se transformavam. As mulheres eram “masculinizadas”. Quando a mulher era alvo de fotos e textos simultaneamente, vestiam terninhos, e não vestidos.

O uso das imagens também estava em alta no *Diario de Pernambuco*. Ao contrário do *Diario da Manhã*, que reservava uma página específica para a literatura, o suplemento do *Diario de Pernambuco* era mais “enxuto”. A publicação mais antiga em circulação em língua portuguesa no mundo tinha apenas uma página para seu suplemento de variedades, no final de semana. O *Magasine* tinha em seu cabeçalho as seguintes palavras: *Sciencias - Letras - Artes - Mundanismo – Variedades*. Pois bem, eram esses temas que os jornalistas traziam, aos domingos, para o público leitor. Os lançamentos do mundo literário, poesias, estreias no cinema, entre outros temas, figuravam na página recheada, em todas edições reproduções de fotografias ou ilustrações. E ainda a título de comparação com o jornal concorrente, o *Diario de Pernambuco* também apostou nas imagens desde o primeiro exemplar em circulação do seu suplemento, em 1º de junho de 1924.

Mas as semelhanças entre os dois jornais terminam por aí. Apesar de o *Diario de Pernambuco* ter a mesma linha editorial no quesito gênero – publicando fotos de mulheres sem entrevistas das mesmas e dando destaque aos homens em áreas ligadas ao mundo científico -. o *Magasine* tinha um senso de estética muito claro. O *Diario de Pernambuco* não valorizava o movimento do corpo das mulheres. Vendia às suas leitoras dicas para compra de vestidos com cores sóbrias, discretos, e, alguns, ainda, com muitos babados. O *Diario*, também, em nossa análise, durante um ano, de 1924 até junho de 1925, tomava posição sobre a questão estética do corpo feminino. Defendia que as mulheres valorizassem seus cabelos brancos, não fossem tão vaidosas. A beleza, também, era associada neste jornal a valores de família, a formas de comportamento social, e não apenas a elementos estéticos.

O impresso recifense também deixava, claramente, a existência de duas mulheres na sociedade. Enquanto as artistas de teatro que se apresentavam no

Recife, ou mesmo alguma celebridade feminina no cinema, tinham o direito de usar joias, adotarem novos penteados, as mulheres recifenses teriam outro comportamento, defendido pelo jornal. A “mulher mundana” usava joias, sorria com mais frequência e encantava a sociedade, quase como um objeto. As leitoras do *Diario*, não. Nada de muitos adereços. Simplicidade e descrição era a regra. É bom salientar, no entanto, que o *Magasine* não estava preocupado com as vestimentas ou comportamento dos homens. Nenhuma matéria ou artigo questiona, por exemplo, o uso de roupas masculinas ou as formas que os homens deveriam tratar as mulheres. Esses valores, na época, escritos e transmitidos pelo jornal pernambucano – ainda hoje em circulação – eram exclusivos ao público feminino.

Em fins da década de 1920, o *Diario de Pernambuco* fazia o uso da “câmera inocente¹⁵⁴” - termo cunhado na década de 1920 para demonstrar a imagem fotográfica como elemento isento de ideologia, e sim, apenas como um registro de transmissão do real. O conceito, claro, não condiz com a realidade. Essas imagens, assim como os textos, defendiam valores, questionaram “comportamentos duvidosos”, e além disso, eram fonte de informação para os leitores dos jornais. Esses registros através de imagens, assim como alguns dos textos analisados em nossa pesquisa, ficaram anônimos na história. Algumas fotografias, deduzimos, faziam parte de material de divulgação de companhias de teatro que circulavam pelo país e eram reproduzidos nos jornais. Não havia a assinatura ou o crédito do fotógrafo, comum nos jornais atuais, apenas a assinatura da “estrela” alvo do registro fotográfico.

Por fim, dentro do campo das ciências da comunicação, o uso dessas imagens está inserido no que o jornalista português e doutor em comunicação Jorge Pedro Sousa¹⁵⁵ nomeia de “Primeira Revolução no Fotojornalismo”, quando as fotografias começam a se tornar fonte documental para as publicações influenciadas, sobretudo, pela imprensa norte-americana. Utilizadas com mais frequência em revistas ilustradas e em jornais em fins de semana no final do século 19, essas imagens tornam-se “necessárias” em tempos de Primeira Guerra Mundial

154 Apesar de divulgar o termo da “câmara inocente”, o historiador Peter Burke alerta que “seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um ‘olhar inocente’ no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo. Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram ‘um ponto de vista’”. BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, pp. 24 e 29.

155 SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

(1914-1919) como parte do jogo de poder dos países envolvidos no conflito. O autor, destaca ainda que, esses jornais começam a ser influenciados pela “cultura visual” do cinema. Era uma época que fotógrafos e agências iniciam sua organização pelo mundo, consolidando as imagens como *news medium*.

3.1 Vingança, moralidade e movimento nas representações do *Diário da Manhã*

Uma mulher visivelmente acima do peso. A cintura lembrava mais as suas contemporâneas no século anterior. No seu primeiro exemplar e, por consequência, no seu primeiro suplemento literário publicado, o *Diário da Manhã* noticia e comemora a vingança da sociedade carioca contra o pintor e desenhista recifense Emilio Cardoso Ayres (1890-1916), falecido, em Marselha, na França. O jornal



Imagem 11 - A "grande sociedade" do Rio se vinga das sátiras de Emilio Ayres. A autoria é de Lula Cardoso Ayres. O conteúdo demonstra a insatisfação da sociedade a partir da representação de uma mulher. O conteúdo é de 16 de abril de 1927, do *Diário da Manhã*. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

defende o profissional com uma matéria e, claro, um desenho¹⁵⁶. A publicação nomeia o caricaturista como um dos grandes profissionais pernambucanos no segmento. “Emilio Cardoso Ayres pouco viveu em Pernambuco. De uma família intellectualmente acima da linha horizontal e commum, elle foi, desde o início dos seus estudos, uma vocação authentica de chronista satyrico do lapis”, diz o texto¹⁵⁷.

Nascido no Recife, Emílio Cardoso Ayres estudou pintura na capital pernambucana com o paisagista Teles Júnior, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde frequentou o atelier de Henrique Bernadelli, em 1908. Estudou, posteriormente, na Europa, regressando, novamente, ao Rio de Janeiro. O ilustrador teve presença marcante em jornais como a *Gazette du Bon Ton*, conhecida como uma publicação aristocrática em Paris. No Rio, ainda em 1910, colaborou como desenhista na revista *Fon-Fon*, publicando uma ilustração do político e escritor pernambucano Olegário Mariano. A vida de Emilio foi curta, mas seu legado, não. Crítico da miséria e dos costumes em voga, o pintor, segundo o jornal, emocionava o público com suas produções. O que chama atenção, de fato, não é a defesa em torno do nome do artista já falecido. Mas a forma como o jornal recifense endossa sua crítica contra a “sociedade carioca”: uma ilustração representada por uma mulher de cintura larga, com feições grosseiras no rosto e cabelo volumoso. Tudo nela era exagerado. Essa mulher “cospe” um homem que mais lembra um jornalista (seria um crítico de um jornal carioca?), de paletó, chapéu e caderno nas mãos. Seria o próprio Emílio? Defende o jornal:

A caricatura de Cardoso Ayres sera comprehensivel em qualquer parte e por quem fale a lingua mais complicada e sutil. A elegancia, os habitos da vida despreocupada não imprimiram á sua arte a feição de um Gavarni nos 'Tropos' de Thomaz Vireloque de um Barbardo Naudin nas séries dos 'Afflictos' ou de um Afonso Castelar nos typos populares do 'Nós'. Estes trabalham a caricatura da miseria que é, na sua amarga profundidade, um grito commovente de defeza pelos humildes e violentados, contra os vaidosos e prepotentes. Não fazem rir, mas chorar¹⁵⁸.

156 Na dissertação de mestrado defendida no programa de pós-graduação em design, no Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Rafael Leite Efrem de Lima revela que Lula Cardoso Ayres, assíduo colaborador com ilustrações para o Diário da Manhã, em fins da década de 1920, começou a fazer ilustrações como forma de homenagear o primo Emílio Cardoso Ayres, que se matou em Marselha, na França. IN LIMA. Rafael Leite Efrem. **Estética moderna no design pernambucano**: Lula Cardoso Ayres. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, CAC, Design, 2011, p. 70.

157 Caricaturista pernambucano. **Diário da Manhã**, Recife, 16 de abr. de 1927. Literatura e Arte, p. 1.

158 Idem.

O *Diário da Manhã* deixava claro que estava representando uma nova estética, sobretudo aquela produzida por Lula Cardoso Ayres, autor do desenho e um dos grandes colaboradores da publicação. O padrão preconizado para a mulher de fins da década de 1920 era bem diferente da retratada naquela ilustração. Tinha o corpo mais fino, roupas que davam mais movimento, não se preocupava em esconder o braço e até “ousava” com um cabelo mais curto. O sociólogo Gilberto Freyre destaca que, nas duas primeiras décadas do século 20, houve uma espécie de “masculinização” da mulher que, influenciou, sobretudo, nos modos e na moda do período. Essa “masculinização” teve como o ápice, segundo ele, o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) e a construção do “mito do soldado”, tendo nessa figura masculina um exemplo de modos e valores. O mestre de Apipucos reitera, ainda, que a consolidação dessas novas formas de se vestir contribuiu para que os hábitos, até mesmo o andar das mulheres, fossem modificados. Com menos roupas, os deslocamentos seriam mais leves, com mais movimentos.

Essas modificações, ainda segundo Freyre, nos estilos de traje, dos sapatos, do penteado, de adorno, tanto quanto de andar, de sorrir, de beijar e de comportamento da mulher Ocidental, neste período, fez com que tanto elas como eles convivessem com “novas formas modernizadas” de relações no viver doméstico ou privado com o público. “Todas essas modernizações vêm exigindo do traje, do calçado e do próprio penteado e do próprio adorno da mulher adaptações a esses ritmos de andar, a essas noções de tempo, a essas comunicações, todas tendentes a acelerações, a velocidades, a agilizações¹⁵⁹”, comenta o autor, advertindo, porém, que, uma coisa eram as mulheres utilizarem adornos, a exemplo de meias e chapéus, ou copiarem os modos e modas masculinas. Outra coisa eram os direitos. Essa “masculinização” não significou a “igualdade de direitos” de gênero. Esse assunto, de caráter jurídico e político, representado pelo movimento feminista, não estava em discussão no suplemento.

Como destaca a historiadora Mary Del Priore, esse período era “o começo do fim da excitação” provocada pela mão na luva, pelo uso de véus nos chapéus, e por pés recobertos por sapatos finos. Era a vez dos vestidos com poucos tecidos e o

159 FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009, p. 36-37.

nascimento do decote, que deixavam os seios, antes escondidos, à mostra. Destaca Mary,

Tudo isso ficava para trás... Pois, desde o início do século XX, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de medicina que chamavam atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. O trabalho nas ruas, o motor a explosão, o movimento das cidades exigia velocidade e agilidade. O corpo deixou de ter um papel secundário e ganhou em animação, em movimento. O lazer, graças aos teatros, festas públicas, feriados com sol e mar, incentivou outros jeitos de exhibir as formas¹⁶⁰.

Um dos exemplos desse “novo corpo” feminino em voga é a ilustração assinada pelo pintor Lula Cardoso Ayres, direto do Rio de Janeiro, em 29 de maio de 1927. Ao título de *Black – Bottom*, o trabalho ganhou meia página do jornal. Na ilustração, estão três mulheres seminuas, todas com os seios à mostra. O autor, claro, é uma voz dissonante na imprensa e provoca os leitores com seus desenhos. Das três mulheres, as duas que estão posicionadas nas pontas possuem cabelos curtos e ainda estão com chapéus com formato masculino. A do meio, ainda usa os cabelos longos. E o mais importante: além de um corpo esbelto, liberto de babados e tecidos, elas demonstram movimento. Os pés e as mãos dão a ideia que todas elas se mexem e provocam com sua sensualidade reforçada com a pintura dos olhos. Estão todas maquiadas. Essas três mulheres nada lembram a “sociedade carioca” representada pela ilustração analisada anteriormente.

Lula Cardoso Ayres, aliás, foi um dos artistas que orbitaram em torno do trabalho do sociólogo Gilberto Freyre. Sua arte e sua estética estavam estreitamente ligadas ao Movimento Regionalista, da década de 1920, liderado pelo intelectual de Apipucos. Além dos seus trabalhos na imprensa, Lula Cardoso Ayres se devotou regularmente à atividade do design. Segundo estudos na área¹⁶¹, o pintor recifense esteve presente na indústria gráfica brasileira por 30 anos, ajudando a fornecer uma “estética moderna” do design pernambucano. Se não havia igualdade entre os gêneros, pelo menos, em suas obras havia a defesa da “igualdade das raças”, como no discurso adotado, de forma pioneira, por Gilberto Freyre. Além de amigos, os dois foram parceiros em diversos momentos. Lula foi ilustrador do livro *Sobrados &*

160 DEL PRIORE, Mary. op. cit., p. 105.

161 Rafael Leite Efrem. **Estética moderna no design pernambucano**: Lula Cardoso Ayres. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, CAC, Design, 2011, p. 59.

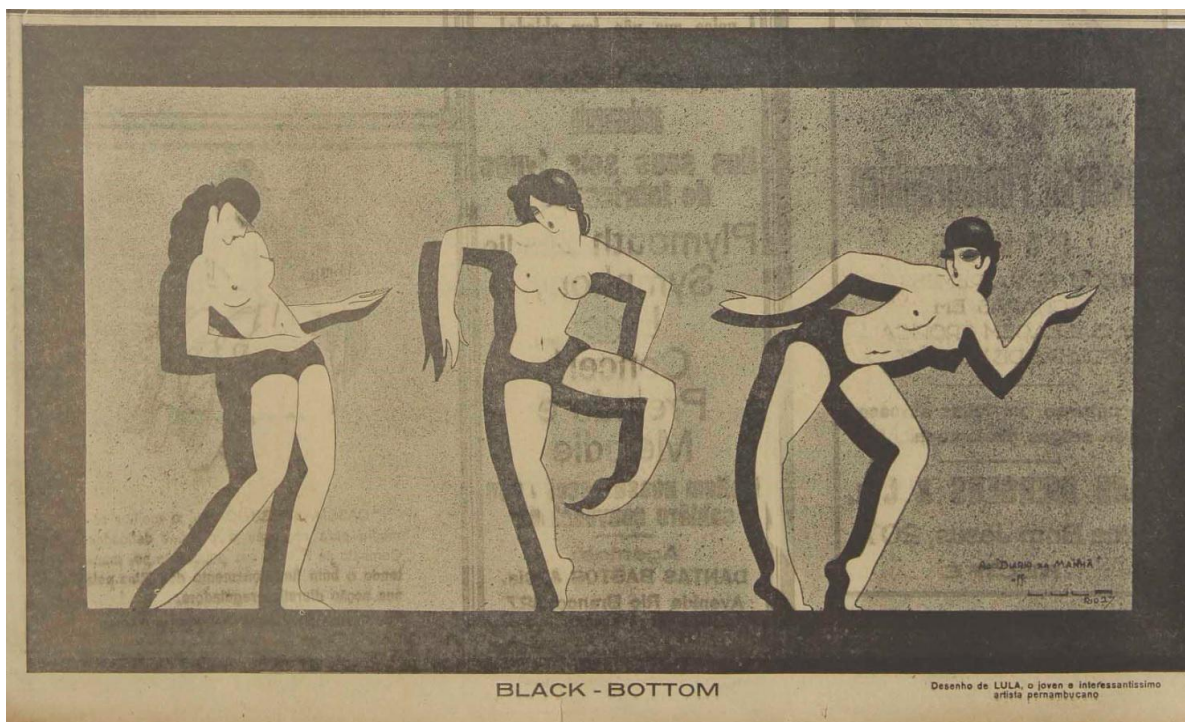


Imagem 12 - Em *Black - Bottom*, Lula Cardoso Ayres representa o movimento da mulher na década de 1920. Seios exibidos, roupas curtas e chapéus masculinos estão na ilustração publicada na edição de 29 de maio de 1927 do *Diário da Manhã*. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

Mucambos, em 1936, de *Assombrações do Recife Velho*, em 1955, e da segunda edição do livro *Nordeste*, em 1950.

Para a região Nordeste, Gilberto Freyre sugere uma estética que rompa com a “subserviência” colonial dos pintores e de mitos gregos e romanos. Chegava o momento de pintar mulheres negras, caboclas, em vez da nudez “cor-de-rosa dos modelos europeus”. Esse estilo tinha como característica a pintura do nu em movimento, destacado na ilustração de Lula Cardoso Ayres. Também existe a fixação de colagens e a influência do expressionismo. Em *A invenção do Nordeste e outras artes*¹⁶², o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. revela que, influenciado por essa escola, Lula Cardoso Ayres “se fixa na abordagem de relação entre homem e natureza, bem como no ‘desvirtuamento’ que a civilização impõe nesta relação”. O pintor, no entanto, em fins da década de 1920, no suplemento do *Diário da Manhã*, não trará elementos da paisagem e da cultura nordestina, como ficou conhecido, tempos depois, em suas telas desfrutadas pela elite conservadora

162 ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 169.

brasileira. No suplemento, os temas eram mais retratos de homens e mulheres. Eles sendo retratados como intelectuais, reproduzindo o rosto de escritores em caricaturas. Elas, modernas, com o corpo em movimento, ainda sem nomes.

Outro bom exemplo da influência do “movimento” no trabalho de Lula Cardoso Ayres é a ilustração assinada por ele denominada *Vaga*. O autor fez esse trabalho em parceria com o sociólogo recifense e ex-deputado de Pernambuco Josué de Castro (1908-1973), que assinou uma poesia com o mesmo nome. Neste trabalho, especificamente, Lula Cardoso volta a reproduzir a mulher com os seios à mostra, completamente nua. Neste caso, o mar entra como um cenário. As ondas, que ficam atrás da mulher. O tema na imagem está ligado ao cenário litorâneo nordestino, terra do pintor e do escritor. O trabalho foi assinado pelos dois em 25 de setembro de 1927, no mesmo dia que o *Diário da Manhã* publica um conto também denominado *A vaga*, do escritor espanhol Manoel Linares Rivas. Note-se que a publicação do poema de Josué de Castro se dá antes do seu livro mais famoso, *Geografia da fome*, editado em 1946, reforçando a tese de que os jornais eram utilizados pelos intelectuais como forma de angariar prestígio social.

Conta os versos de Josué de Castro,

A VAGA

EU VI A VAGA
SE ERGUER SONORA
ESLASTECER TODOS OS SEUS MUSCULOS VERDES
DEPOIS ARREDONDAR AS SUAS FORMAS
E EMFIM ESFARELLAR-SE NA AREIA!

ELLA ERA VIRGEM, ELLA ERA NOIVA
ERA TÃO PUDICA...
ELLA NUNCA NA VIDA DERA UM BEIJO!

ERA TÃO PUDICA
QUE QUANDO A AREIA
ROUBANDO-LHE UM BEIJO
A ENVOLVEU NOS BRAÇOS

ELLA TREMEU, SOLUÇOU, ENVERGONHADA
RASGOU SEU MANTO DE ESPUMAS BRANCAS
E ASSASSINOU-SE NOS CALHAOS DA PRAIA!¹⁶³

163 CASTRO, Josué de. A VAGA. *Diário da Manhã*, Recife, 25 de set. de 1927. Literatura, p. 3.

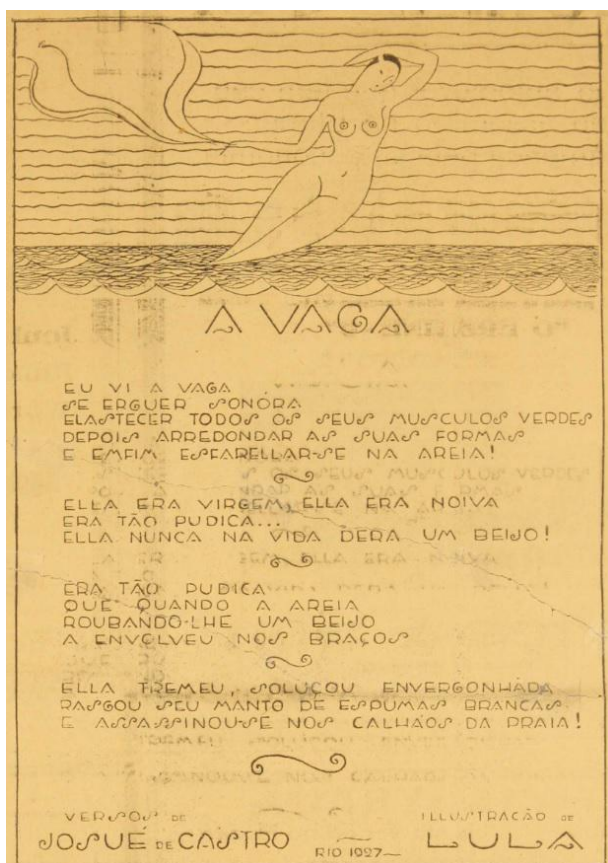


Imagem 13 - A Vaga tem ilustração de Lula Cardoso Ayres e texto de Josué de Castro. Artistas e literatos ainda tinham nos jornais impressos uma segunda profissão e um espaço de divulgação de seus trabalhos. O conteúdo foi publicado no Diário da Manhã em 25 de setembro de 1927. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe).

Na poesia, se fala em movimento de músculos, em formas. No trabalho de Lula, podemos observar o seu estilo de dar movimento aos braços, que estão para cima, reforçado por um lenço que voa com a força do vento. As ondas do mar dão ao trabalho dos dois um cenário tipicamente de litoral. Segundo a historiadora Sylvia Couceiro, a praia naquele momento agora era um local de divertimento, que, no dicionário da época, significava “meio de divertir, distração, recreação”. A praia, na década de 1920, ganha uma nova forma e se transforma num novo espaço de sociabilidade. Espaços como esse, no século 19, no entanto, ficaram conhecidos como áreas para o despejo de esgotos e até mesmo depósito de cadáveres de escravos negros.

Apesar de tímido, a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo relata que o processo de “enobrecimento” das águas salgadas surge em meados de

1870. Esse quadro muda com o “aburguesamento” cultural das elites brasileiras e à evolução do conhecimento médico-científico. “A recomendação profilática dos usos de banhos salgados derivava das teorias científicas, das experiências e dos resultados obtidos com a aplicação do método hidroterapêutico sobre os fracos e doentes”¹⁶⁴. Ainda no Império, durante a administração de Francisco do Rego Barros (1837-1844), foi inaugurada, em junho de 1844, uma barca de banhos salgados no Recife. As “famílias respeitáveis” da capital que podiam e queriam

164 ARAÚJO, Rita de Cássia de. **A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940.** XXIX Congresso Alas Chile, 2013. p. 3.

pagar pelos banhos na foz do Rio Capibaribe, em encontro com o mar, poderiam usufruir dos serviços do negócio do inglês José da Maya.

Por exemplo, no Recife, as famílias começaram a trocar a cidade e os banhos de rio em bairros como Poço da Panela, Monteiro e Caxangá, por uma temporada nas praias entre os meses de setembro e fevereiro. Neste período, o “banho de mar” passa a ter um novo significado. No fim do século 19, esse contato com a beira-mar, areia e sol era recomendado pelos médicos como técnica terapêutica, no início das duas primeiras décadas do século 20, era bem diferente. “(Os banhos de mar) começavam a representar não apenas saúde, mas também uma prática ligada à diversão e ao descanso da vida urbana, que, com as transformações técnicas e a aceleração dos ritmos, passava a ser considerada atribulada e confusa¹⁶⁵”. Relatos de revistas da capital pernambucana do período demonstram que, no mês de dezembro, a cidade estava morta. “Todos” iam às praias.

Além desta parceria entre texto e ilustração, o *Diário da Manhã* apostou neste tipo de formato – no qual o desenho dialogava com o texto publicado – a exemplo da edição de 19 de fevereiro de 1928. O jornal dedicou, no período do carnaval, “Da poesia das mulheres”, com desenho e textos sem autores revelados. A edição reproduziu uma caricatura da atriz e cantora portuguesa, que fez a carreira e consolidou seu nome no Brasil, Carmen Miranda (1909-1955). Em época de carnaval, o impresso recifense apostou no “exagero”. Todos os traços do rosto da artista foram desenhados de forma caricata. Era carnaval. Festa e tempos para sair, teoricamente, da rotina. A mulher, no caso, Carmen, é descrita no texto, por outro lado, com características antagônicas. A mesma mulher que tem gestos brandos tem “traços de guerra”. As mãos são “coruscantes” como uma serpente. Destaca o texto:

Carmen:

Tens o 'donnaire' das hespanholas. E a gentileza acre e a subita altivez das hespanholas.

Teus gestos mais brandos levam traços de guerra. A tua gargalhada sôa-me nos ouvidos como os timbres do clarim. A côr dos teus lábios diz da carnificina e do sangue. A viveza e o resplendor das castelhanas fremem nas tuas mãos radiantes brigam nos teus olhos luminosos, ardem nas tuas palavras.

165 COUCEIRO, Sylvania. Entre festas, passeios e esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 91.

Quando, ao mesmo tempo, ris e falas e desticulas e me beijas e abraças - resplandecente e morosa - tenho a impressão de que livro uma batalha.

(...)

As tuas mãos são esquivas e coruscantes como as serpentes. Em cada um do dedos afilados ha intenções de fuga, ansias de vôo, incoerciveis e transcendentales agilidades.

São esquivas e coruscantes como as serpentes. E deixam no corpo quando pousam, um langor venenoso que exalta a imaginação e apodrece a vontade¹⁶⁶.

Ao ler os trechos da poesia, Carmen, sorridente, parece que é um perigo iminente. A técnica de casar texto e imagem tem efeitos diferentes. Funciona no quesito técnico, mas não no editorial. Isso porque a Carmen do texto não dialoga, em termos de comportamento, com a Carmen da ilustração. Como uma mulher sorridente poderia lançar um “langor venenoso que exalta a imaginação”, mas “apodrece a vontade”. Vontade de quem? Por que os homens poderiam perder a “vontade” com Carmen? Os historiadores Juliana Dias Palmeira e Ricardo de Aguiar Pacheco advertem, no entanto, que o carnaval para as mulheres recifenses era um terreno muitas vezes hostil. A formação de blocos mistos e líricos – que permitiam a presença das mulheres - no carnaval da capital pernambucana, na década de 1920, estava associada a uma “noção de moderno”.

Essa nada mais era que a adequação e adaptação da festa para as mulheres que estariam saindo dos lares e tendo nestas festividades um espaço de sociabilidade, assim como fizeram conquistando o direito de ir às praças e ruas para diversões. A possibilidade de as mulheres brincarem em blocos de tradição familiar, com parentes e amigos, como era da configuração desses blocos, traziam a “ordem” e o “respeito” que estavam então em vigor nos seus lares. Também revelava a organização de ter um carnaval sob controle, se opondo às manifestações de caráter popular, ligadas às troças, maracatus e caboclinhos. As advertências que existem no texto de Carmen, reforçadas pela mulher na imagem, não eram por acaso. Relatam os autores,

Essa manifestação carnavalesca é moderna também no que diz respeito à participação da mulher no carnaval de rua do Recife. A participação feminina nas ruas tornou-se possível graças a higienização que promoveu. Não que mulheres fossem proibidas de brincar carnaval de rua, mas as que ousavam eram qualificadas como mulheres imorais e despudoradas, e em sua maioria era pertencentes às camadas mais pobres da sociedade.

166 Da poesia das mulheres. **Diário da Manhã**, Recife, 19 de fev. de 1928. Literatura, p. 3

Então, no Bloco Misto o espaço foi aberto não simplesmente as mulheres, mas sim as damas da sociedade, as mães e senhoras do lar¹⁶⁷.

Mas não eram só de caricaturas e ilustrações que viviam as imagens reproduzidas pelo suplemento literário do *Diário da Manhã*. Na edição de 22 de maio de 1927, o jornal recifense traz três reproduções. Uma caricatura de um personagem desconhecido pela pesquisa produzida, de autoria de Lula Cardoso Ayres e duas fotografias. A primeira é de um parque alemão, utilizada para reforçar um artigo sobre a urbanização do Recife. Já a segunda imagem trata de uma fotografia de uma modelo francesa, a *Miss France*, selecionada pelo seu país para participar de um concurso de beleza no Estado do Texas, nos Estados Unidos. É dessa imagem que chamamos a atenção. O retrato da candidata passa serenidade. A pele é extremamente branca, sendo arrematada pela edição “solene” da moldura escolhida para circular a imagem escolhida pelos jornalistas da publicação.



Imagem 14 - O suplemento de literatura do Diário da Manhã faz uma homenagem a Carmen Miranda na edição de 19 de fevereiro de 1928. A mulher no carnaval era encantadora, mas também “perigosa”. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

167 PALMEIRA, Juliana Dias; PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Bloco misto**: a presença das mulheres no carnaval de rua do Recife/PE na década de vinte do século XX. Dimensões, vol. 33, 2014, p. 11.

A legenda na foto informa: “Mlle. Roberto Cusey, escolhida dentre mil candidatas para representar a beleza franceza num torneio internacional organizado nos Estados Unidos”. Desta vez, num exemplo raro, a fotografia e o texto dialogam sobre uma mulher. Não estão isoladas. Porém, a legenda do texto é clara: a mulher é tratada pelo nome do pai, ou de algum parente masculino. “Mademoiselle Roberto Cusey”, o costume é francês, mas produz o efeito de sentido de, talvez, reforçar a origem “honrada” da família da moça. A matéria, por outro lado, destaca que “da mesma forma que existe campeão de box, haverá uma campeã de beleza oficialmente reconhecida”. Observe: o boxe, até então, era um esporte masculino. Para elas, não era permitido. A elas, “apenas” um concurso de beleza.

A matéria, no entanto, defende que esse concurso de beleza em



Imagem 15 - Beleza feminina e qualidades morais caminhavam juntas no suplemento literário do Diário da Manhã. Na edição de 22 de maio de 1927, o jornal chama a atenção para a Miss France. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

questão é diferenciado, mesmo o tratando inicialmente como “bizarro torneio”. Mas por que? Porque é uma competição de “louvável restrição de moralidade”. Para participar, “as candidatas deviam ser senhoras ou moças honestas e que vivessem com suas famílias ou seu próprio trabalho. Cada uma dessas campeãs nacionais vai com uma pessoa que a acompanhasse, a convidada do comitê americano¹⁶⁸”. Talvez, a justificativa de, no nome da candidata francesa selecionada, ser identificada pelo nome de sua família, balizado pelo parente masculino. A eleição, na França, envolveu mais de mil candidatas em 18 de março naquele ano.

168 Miss France. **Diário da Manhã**, Recife, 22 de mai. de 1927. Literatura e Arte.

Apesar de digitalizado, o texto do jornal está em poucas condições de leitura. Mas, o jornal, no final da matéria, lamenta pelo fato de o Brasil não ter representantes escolhidas para essa competição:

Da nossa parte temos a lamentar que ao interessante torneio não se apresente também 'miss Brasil'. Isso porque não nos consta que do Rio de Janeiro tenha ido concorrente para o sensacional 'match'. Somos, entretanto, capazes de apostar que essa 'miss' sul-americana não faria figura feia. Pelo contrário. Essa terra é de tal maneira graciosa¹⁶⁹.

O uso de imagens era tratado de forma “séria” no jornal pernambucano, sobretudo as que faziam referência ao mundo *masculino*. Num levantamento quantitativo, entre os meses de abril de 1927 e abril de 1928, analisamos 47 páginas do suplemento literário. Dessas, 71% das imagens (incluindo fotografias e ilustrações) foram sobre representações masculinas. Fotos de escritores ou artistas homens. Em segundo lugar, estão as representações de imagens femininas, de mulheres, sendo elas artistas de cinema ou mesmo escritoras, com 8,77%. Por último estão as representações de caráter “misto”, ou seja, que envolviam, nas fotografias, imagens que continham, na mesma cena, homens e mulheres, 8,77%. Por esse quadro, podemos dizer que o *Diário da Manhã*, além de ser escrito e editado por homens, em sua maioria, valorizava a imagem masculina como produtora de conteúdo. Esses números reforçam a tese de que, mesmo valorizando os movimentos femininos das produções de Lula Cardoso Ayres, as mulheres estavam mesmo em segundo plano em termos editoriais, até mesmo quando eram “masculinizadas”.

Algumas notícias, com fotografias, a exemplo da misse francesa, revelam a vontade dos jornalistas em refazerem as relações sociais e de gênero na cidade, em tempos de mudanças no “novo século”. Ao associar a beleza aos bons costumes, o suplemento deixava claro que a questão estética era relacionada a valores de ordem moral. Ou seja, que estariam sujeitos a julgamento da sociedade (e por que não da imprensa?). Pelo menos para as moças que tinham “sobrenome”, como a *Miss France*. A imprensa dos anos 1920, como define a historiadora Natália Conceição Silva Barros, “não apenas registrou esses projetos, como foi uma importante

169 Miss France. *Diário da Manhã*, Recife, 22 de mai de 1927, Literatura e Arte.

promotora na redefinição dos lugares dos gêneros¹⁷⁰. Ainda de acordo com ela, ao selecionar e publicar esse tipo de conteúdo, propagando determinados discursos, os jornais e revistas recifenses acabaram cristalizando algumas imagens do feminino e do masculino, algumas delas reproduzidas pela própria historiografia.

3.2 Reproduções “masculinas” para homens e mulheres no *Diário da Manhã*

Os homens também eram alvo das caricaturas do suplemento literário do *Diário*. A representação do masculino era associada às artes, ciências e à literatura. Eles, de paletó, de casaco e óculos representavam o “saber”. Muitas dessas imagens masculinas estavam publicadas ao lado dos textos em que eles mesmos eram os autores. Os homens, geralmente, encaravam a câmera com um “olhar diferente”. Intimavam o leitor e o fotógrafo. O rosto, sério, sem riso, era quase uma regra nesse período em que analisamos as imagens no jornal recifense. Mas, o que chama a atenção, era que as mulheres quando estavam associadas aos mesmos valores da “intelectualidade”, acabavam se “masculinizando”. Elas, quando eram “ouvidas” e tinham suas imagens reproduzidas, ganhavam um certo “ar” masculino. Terninhos e outros acessórios que compunham as cenas reforçam essa tese. É como que, para ser “reconhecida”, elas perdessem a feminilidade tão valorizada por esses autores masculinos.

Um dos exemplos dessa “padronização” da representação masculina está na edição de 12 de junho de 1927 do suplemento. Na ocasião, o Recife recebia a visita do ilustrador e caricaturista paraguaio Andrés Guevara (1904-1963). O profissional iniciou sua carreira no Paraguai, mas também trabalhou em publicações como ilustrador nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, no final da década de 1920, no Rio de Janeiro. Neste período, também colaborou para a revista *O Cruzeiro*, dos *Diários Associados*. Na matéria que propaga a visita do ilustrador, são selecionadas quatro imagens, uma sendo a reprodução de uma fotografia de Guevara, e três caricaturas produzidas pelo paraguaio de escritores e intelectuais brasileiros, como Augusto de Lima, e os pernambucanos Manoel Bandeira e Olegário Mariano. Essas quatro

170 BARROS, Natália Conceição Silva. Os arriscados voos da vida: práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 50.

imagens demonstram como os homens que editavam e escreviam os suplementos viam o sexo masculino (ou eles próprios).

No caso de Guevara, é bom observar como o homem se portava perante os fotógrafos. O ilustrador olha para a câmara atravessado. A imagem foi produzida como se fosse para ele encarar quem a observasse. De fato, a maior parte das imagens masculinas era assim ou frontais. O paletó e a gravata também fazem parte da composição de um vestuário masculino. Esses acessórios eram quase um uniforme, principalmente quando os personagens eram escritores ou estavam ligados a algum ramo de produção do conhecimento. Diferentemente das imagens produzidas sobre as mulheres. Elas quase nunca reproduziam essa postura. A



Imagem 16 - O ilustrador Andrés Guevara ganha uma matéria especial, com diversos elogios sobre seu trabalho, no suplemento do Diário da Manhã. A edição de 12 de junho de 1927 convida os leitores para uma exposição do artista no Recife. Intelectuais pernambucanos foram retratados por Guevara. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

fotografia de Guevara foi enviada por ele ao jornal recifense. Na foto, é possível ver uma pequena mensagem dedicatória ao veículo impresso e sua assinatura. O registro foi produzido, provavelmente, por algum fotógrafo carioca, onde a imagem foi enviada para o Recife.

Já os desenhos/reproduções dos três intelectuais feitas por Guevara, não ficam distantes da perspectiva fotográfica, mas se diferenciam pela postura dos caricaturados. A boca de Augusto Lima, por exemplo, passa despercebida. Os cabelos saem dos “padrões”, estão mais volumosos. Os dois pernambucanos, logo em seguida, são reproduzidos com certo humor por Guevara. Manoel Bandeira está com seus óculos e paletó, mas o tamanho do seu nariz é destacado e pintado na imagem. No caso de Olegário Mariano, o ilustrador opta por dar um leve sorriso, deixando o caricaturado com os olhos fechados na cena. Mesmo mantendo alguns padrões, no caso das ilustrações, as figuras masculinas saíam do “modelo rígido” ditado pelo retrato fotográfico masculino da época. Destacou a publicação sobre a visita,

O 'Diario da Manhã' dá às elites de inteligencia e cultura de Pernambuco esta nova magnifica. Andrés Guevara visitará Recife dentro de dois mezes. Vem o grande artista paraguayo, o jovem príncipe do humorismo na imprensa carioca, realizar aqui uma exposição. Não precisamos nos estender em apreciações sobre a arte moderna, irradiante, personalissima de Guevara - tão familiar já é ao publico pernambucano esse aguçado e fascinante estylisador de bellezas e de ridículos¹⁷¹.

O local da exposição não foi divulgado na matéria. A finalidade de Andrés Guevara no Recife era uma só: intelectual. O artista pretendia conhecer novas paisagens e figuras para compor temas em seus trabalhos. Aliás, essa era a “tônica” do jornalismo da década de 1920: a circulação de jornalistas entre as diversas regiões do país. Parte da historiografia clássica da imprensa, representada pelo historiador marxista Nelson Werneck Sodré, no entanto, defende que, neste período, “apenas o jornalismo do Sul consagra”. A participação desses intelectuais em atividades no Recife, como o caso de Guevara, e as próprias produções de Lula Cardoso Ayres, diretamente do Rio de Janeiro ao *Diario da Manhã*, no Recife, demonstram justamente o contrário. Havia um “intercâmbio” desses profissionais que, ainda, tinham no jornalismo uma segunda profissão. Ou como defende Juarez

171 Andrés Guevara vira ao Recife. *Diario da Manhã*, Recife, 12 de jun. de 1927, p 3.

Bahia, “um bico¹⁷²”, ao se referir à baixa remuneração desses produtores de notícia – sejam jornalistas ou ilustradores – que tinham no jornalismo uma segunda profissão.

Numa matéria sem assinatura publicada em 18 de dezembro de 1927, o *Diario* faz outra divulgação, desta vez sobre uma exposição do pintor Carlos Chambelland, que aconteceria no Gabinete Português de Leitura, até hoje em atividade no Centro do Recife. A reportagem defende que os leitores visitem a exposição argumentando que “a vida intellectual e artistica do Recife - mero entreposto de productos tropicaes - é quase nulla”. Repare no diminutivo: um mero entreposto. Mas o texto demonstra, por outro lado, o destaque que a estética e as imagens reproduzidas no jornalismo eram importantes para o processo de “civilização”, termo usado no jornal como sinônimo de referência. “As preocupações estheticas são, entretanto, as que melhor affirmam uma civilização¹⁷³”. O jornal defende as imagens que publica como *referências*.

E eram as imagens masculinas que dominavam esse cenário civilizador.



Numa época marcada pela baixa gratificação e pela presença, sobretudo, de homens na função de jornalistas e chefes de redação, eram as imagens sobre “eles” e as quais “eles” escolhiam que

Imagem 17 - Intelectuais masculinos eram retratados de forma diferenciada nas ilustrações dos suplementos literários. Esse foi o caso de Humberto de Campos, desenhado por Lula Cardoso Ayres, na edição de 5 de junho de 1927 do suplemento do Diario da Manhã. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

172 BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica**: história da imprensa brasileira (v. I). Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 143.

173 A exposição do pintor Carlos Chambelland. **Diario da Manhã**, Recife, 18 de dez. de 1927. *Literatura e Arte*, p. 3.

deveriam ser absorvidas pelos leitores como notícias. No caso das imagens sobre os intelectuais homens, essas imagens mostram, de alguma forma, como esses jornalistas viam a si próprios. Uma espécie de expressão do “espelho do real”. Neste quesito, chamamos a atenção para o trabalho do recifense Lula Cardoso Ayres. E diferentemente do público feminino, ele não trazia o movimento comum nas suas produções masculinas. Os homens permaneciam estáticos. Será que o século mudou, mas os homens não acompanharam essas mudanças? Por que eles não acompanharam os movimentos das mulheres?

Por exemplo, mostramos a caricatura de um personagem masculino não identificado, publicada na edição de 5 de junho de 1927 no suplemento literário. Seriedade e formalidade dominam a cena. O olhar do seu personagem é compenetrado. Como o homem da década de 1920. Outra opção bastante usual da edição da página de literatura é a presença dos homens em seus próprios artigos ou textos. Ou seja, ao escrever, eram publicadas fotografias ou ilustrações para reforçar sua “imagem” no jornalismo e entre o público-leitor. Enquanto as mulheres tinham um papel secundário em termos de falas e entrevistas, eles eram porta-vozes do conhecimento, dos assuntos que estavam ditando nas artes, ciências humanas e até nos modos e comportamentos. Um dos exemplos é “Folklore nordestino”¹⁷⁴, de Leonardo Motta, que assina versos e ganha uma foto própria no meio da página.

Imagem 18 - Em determinadas edições, os homens tinham o privilégio de ter fotografias publicadas ao lado dos seus artigos nos suplementos. Esse foi o caso de Leonardo Motta, que assinou, na edição de 2 de outubro de 1927, no Diário da Manhã, um artigo sobre o folclore nordestino. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)



174 MOTTA, Leonardo. Folklore nordestino. **Diário da Manhã**, Recife, 2 de out. de 1927.

Aliás, o suplemento quase inteiro foi dedicado a ele e à sua produção.

Mas e as mulheres quando eram escritoras como Leonardo Motta? Não tinham o mesmo espaço na página, mas estavam lá, de forma bem diferente. Os “movimentos” de Lula Cardoso Ayres sumiam. Por vezes, quando bem-sucedidas, elas se pareciam mais com eles. Isso mesmo, quando eram alvo de matérias sobre literatura, as imagens femininas se assemelhavam, em alguns casos, a dos homens. Em 15 de janeiro de 1928, a matéria “Os prêmios francêses de literatura” dá o tom dessa representação, ou melhor, “mutação de gênero”. A reportagem fala da distribuição de três importantes prêmios literários do ano, na cidade Paris, na França. O primeiro a ser nomeado é o escritor Mauricio Bedel com o livro “Jerôme, 60° latitude Nord”, com o prêmio Goncourt. Já o prêmio “Femina – Vie Heureuse” fica com uma mulher, a escritora inglesa que mora então no Domínio do Canadá (hoje país independente) Marie Le Franc. O terceiro e último prêmio, intitulado “Renaudot”, fica com o escritor Bernard Nabonne pelo romance “Maiténa”.

A reportagem traz a reprodução de fotografias, neste caso, desenhos a partir de retratos, dos três personagens. A mulher fica entre os dois homens, mas seu olhar e roupas são “masculinos”. Ao invés de colares, pescoço “limpo”. Nada de jóias e outros adereços. No lugar de um decote, um blazer sério. Além disso, seu cabelo é curto, “como os dos homens”. O enquadramento também mais parece com os dos dois homens que estavam na mesma reportagem. A própria matéria diz que, para ter um livro publicado, Marie Le Franc, teve dificuldades de encontrar editoras. Apresentada como filha de pescadores e educadora da Escola Normal de Vanes, a escritora é descrita como uma “figura feminina irradiante e melancholica sympathia”. Seu livro premiado foi o “Grand-Louis, l'innocent”, cujo roteiro o jornal apresenta:

No seu romance, Maria Le Franc apresenta uma mulher solitária, que se deixa tomar de um lento amor, por uma especie de desherdado, de innocente, seu visinho num trecho da lande bretã. Por ambiente o mar e a lande. 'Grand-Louis', cuja origem é ignorada e que perdera a memoria, transforma-se á luz desse amor que elle inconscientemente partilha. Idillio dois mais singulares sybolico em summa: o homem renasce pelo amor, um pouco como esse 'Grand-Louis' e, deante da mulher, é sempre um innocente, um selvagem que recobra, graças a ella, a razão. O livro é de uma impresssionante e suave melancolia, reflectindo a vida e o semblante da autora¹⁷⁵.

175 Os premios francêses de literatura. **Diario da Manhã**, Recife, 15 de jan. de 1928. Literatura.



Imagem 19 - Ao ser retratada numa reportagem em mundo dominado pelos homens, ou seja, a literatura, a escritora Marie Le Franc ganha características masculinas na ilustração do *Diario da Manhã*. O conteúdo foi publicado em 15 de janeiro de 1928. Reprodução: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)

A transitoriedade de gênero e, conseqüentemente, a masculinização de Marc Le Franc, alvo do suplemento literário, se insere na teoria da feminista e filósofa norte-americana Judith Butler. Para ela, existe uma premissa de que o sexo é biológico e o gênero é construído culturalmente. Essa premissa era a base, até então, do movimento feminista. A autora defende que optar por essa dualidade imposta pelo gênero e sexo esconde a aproximação entre gênero e essência. Ou seja, negando a existência de *performances* do masculino no feminino, ou vice-versa. É como se aceitássemos o sexo como “algo natural”, imposto pelo nascimento, e o gênero um mero reflexo desse dado, construído a partir de bases culturais e de formação. A autora nega esse quadro e diz que o sexo não determina gênero. Essa tese, defendida nos Estados Unidos nos anos 1990, chegou ao Brasil em 2008 sob a forma do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicado pela Editora Civilização Brasileira.

Segundo ela, essa hipótese binária dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação “mimética entre gênero e sexo”. Butler argumenta que o gênero, que não deveria existir porque foi construído para manter uma ordem social, pode reescrever o sexo. Podemos usar

como exemplo a escritora Marc Le Franc. Sua representação e seu *status* de escritora foi teorizado a partir da masculinização que este tipo de atividade estava associado na época pela imprensa recifense. O gênero, neste caso, torna-se um artifício flutuante. O masculino, ou seja, o homem, pode dar significado, ao mesmo tempo, de um corpo masculino e feminino. Ou o contrário, dependendo da *performance* social. Destaca a autora,

Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém 'é'; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da 'pessoa' transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida¹⁷⁶.

Mas, se no *Diário da Manhã* a *performance* de gênero poderia transitar como uma realidade em suas páginas, esse contexto era bem diferente no *Diário de Pernambuco*, seu concorrente ao longo da segunda metade do século 20. O jornal recifense ainda em circulação tinha na representação de gênero um dos seus maiores “alicerces editoriais”. Homens eram escritores, literatos, políticos. Todos bem representados em cenários discretos. Mulheres, havia duas, numa representação clássica já balizada pela historiografia contemporânea: a mulher “dona de casa” e a mulher da “rua”, essa última representada pelas artistas que circulavam pela cidade ou pelas artistas de cinema. O *Diário de Pernambuco* parecia não acreditar em mudanças, nem ser a favor delas. Os vestidos indicados para suas leitoras não tinham muito movimento, eram mais fechados. Sob uma capa conservadora, o suplemento *Magazine* resistia ao tempo. O que chama a atenção é que jornal se posicionava contra essas mudanças, associando imagem a texto para defender seu ponto de vista.

3.3 No *Diário de Pernambuco*, a “perfeição” é impossível

Mulheres que não podem sorrir. Mulheres que devem valorizar seus cabelos brancos. Nada de cores ou pinturas nos cabelos e nos tecidos. Valores como

176 BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 20.

respeito e moral estavam associados à imagem feminina, um dos temas mais debatidos nas edições do suplemento *Magazine*, do *Diário de Pernambuco*, entre junho de 1924 e junho de 1925, período de nossa análise. O jornal pernambucano, em suas páginas, trazia claramente dois tipos de mulheres. Numa ponta, as ligadas ao mundo da moda, as chamadas “estrelas do cinema”, e, em outra, as donas de casa e suas leitoras, alvos das matérias sobre modas e comportamentos. Vale salientar que, ao contrário do *Diário da Manhã*, que tinha uma página dedicada exclusivamente à literatura, o suplemento do *Diário de Pernambuco* trazia temas como moda, comportamento, cinema, e claro, literatura, numa única página. Era, além de literário, um espaço de variedades.

A estética feminina dialogava muito mais com o lado “reacionário” do movimento regionalista, liderado pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. No caso do *Diário da Manhã*, que tinha uma forte participação de Lula Cardoso Ayres, também da escola freyriana, ainda havia algum tipo de movimento e estética “moderna” ligadas aos modos femininos. Esse jornal tentava trazer polêmicas sobre esses novos tempos. Porém, no caso do *Diário de Pernambuco*, a linguagem visual era mais conservadora. Era como se o jornal da pracinha, como ficou conhecido, não quisesse a passagem do tempo, negasse a virada do século 19 para o 20. É importante sinalizar, no entanto, que o *Diário de Pernambuco*, tinha uma influência muito maior que o seu concorrente. O impresso foi responsável pela difusão e criação do conceito da região Nordeste, até então inexistente culturalmente e geograficamente no Brasil.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A invenção do Nordeste*, relata que o próprio Gilberto Freyre, ao pesquisar sobre os anúncios publicados no *Diário de Pernambuco* entre os séculos 19 e início do 20, identificou que o raio de influência do jornal abrangia uma região que ia dos Estados de Alagoas e até o Maranhão. O sociólogo utilizou, então, esse raio geográfico como veículo de disseminação da nova região que “surgia” política e culturalmente no país. Esse movimento foi iniciado com o Congresso Regionalista de 1926, denominado então como “regionalista e tradicionalista”. Era preciso preservar as “tradições” e os “costumes” que estavam se perdendo. O impresso e suas imagens – que foram lidas e interpretadas por seus leitores na década de 1920 – se transformaram num canal dessas reivindicações, que também eram de ordem política.

Afirma Durval Albuquerque Júnior,

O medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaír, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste. Essa tradição procura ser uma baliza que oriente a atuação dos homens numa sociedade em transformação e impeça o máximo possível a descontinuidade histórica. Ao optar pela tradição, pela defesa de um passado em crise, este discurso regionalista nordestino fez a opção pela miséria, pela paralisia, mantendo parte dos privilégios dos grupos ligados ao latifúndio tradicional, à custa de um processo de retardamento cada vez maior de seu espaço, seja em que aspecto nos detenhamos¹⁷⁷.



Em termos editoriais, assim como ocorria no *Diario da Manhã*, o *Diario de Pernambuco* apresentava a estética feminina através de textos e imagens. Em alguns casos, utilizando os dois recursos jornalísticos simultaneamente. As cores mais escuras, os vestidos em tons sóbrios, o

Imagem 20 - O suplemento Magasine, do Diario de Pernambuco, sugere tons sóbrios para os vestidos de suas leitoras, a exemplo da seção Modas de 1º de janeiro de 1924. Reprodução: Centro de Documentação do Diario de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press

uso de babados, as roupas mais compostas e a definição da “mulher de família” estavam muito mais claras no jornal influenciado, diretamente, por

Gilberto Freyre. Numa matéria intitulada *As rugas e o poder da massagem*, publicada em 7 de dezembro de 1924, podemos notar alguns aspectos dessa reação do jornal aos novos tempos. O texto argumenta questões curiosas, por exemplo, que no século 19 as mulheres deixavam de sorrir para não criar rugas. A matéria, no entanto, sugere que o público feminino lave bastante o rosto e faça

177 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 90.

algumas massagens na pele para diminuir os efeitos da passagem no tempo em uma das pautas favoritas dos jornalistas na época: a vaidade. “Nada mais respeitável do que uma senhora idosa, ostentando nobremente os seus cabelos brancos; as rugas que sulcam um velho rosto, devem inspirar a nossa veneração¹⁷⁸”, defendia o jornal num texto sem assinatura.

As imagens sobre as mulheres, e tendo como ponto de partida que a suposição que a escolha dessas ilustrações eram feitas por jornalistas homens, era um reflexo de textos como esse. Na edição de 1 de junho de 1924, o *Diário de Pernambuco* sugere, por exemplo, dois modelos femininos. O primeiro é um desenho, com a ilustração de uma mulher em ambos, para jantar. O segundo, era para um fardamento colegial para meninas. No primeiro caso, a legenda crava: “Em setim negro, de linhas severas, mas de uma elegancia distincta”. Observe que a linguagem normativa para esse tipo de sugestão valoriza o uso de roupas de tons sóbrios, sem cores, além de vestidos que não provoquem a valorização do corpo e das curvas femininas. O segundo caso, segue o mesmo parâmetro, porém, para as moças em fase de crescimento: “Toilette leve, para a vida escolar. Modelo singelo, porém gracioso¹⁷⁹”.

No caso do VESTIDO COLLEGIAL, como diz a legenda no jornal, a publicação chama a atenção para duas práticas não tão comuns no século 19, de onde vem parte da inspiração do movimento regionalista freyriano: a inserção de mulheres em espaços públicos para novas práticas de sociabilidade, no caso, jantares, e a prática da educação feminina, que começava a ganhar as escolas da cidade de forma mais “democrática”. O que

Imagem 21 - Atrizes de cinema costumavam ser retratadas com adereços, como colares de pérolas, a exemplo de Claire Adams, na edição de 15 de junho de 1924 do Magazine. Reprodução: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press



178 Anicia de perfeição. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 de dez. de 1924. Magazine, p. 7.

179 Modas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1 de jun. de 1924. Magazine, p. 7.

esses jornalistas defendiam, no entanto, era que essas mulheres mantivessem determinada postura de discricção do gênero feminino. É como se a mulher tivesse que manter uma capa, ou melhor, na própria linguagem de Gilberto Freyre, uma “capota velha” - termo usado para mulheres que, para disfarçar a idade avançada, colocavam sobre o corpo uma grande capa¹⁸⁰.

Essas mulheres de vestidos recatados e tons sóbrios se inseriam no grupo das “mulheres de família”. Leitoras que o jornal dirigia atenção especial na sugestão de modos a ser adotados na sociedade pernambucana. O outro tipo de mulher, a ligada a atividades teatrais e culturais, tinha outro perfil. Um dos exemplos é a foto-legenda publicada sobre a atriz canadense Claire Adams na edição de 15 de junho de 1924. O texto é curtíssimo: “Claire Adams, pouco conhecida da nossa platéa cinematographica, mas uma das predilectas do grande publico nos Estados Unidos¹⁸¹”. Observe a fotografia da atriz “estrangeira”: ela utiliza jóias, possui uma roupa decotada e é descrita como uma “estrella do cinema” pela publicação. Apesar de ser um símbolo de elegância – sobretudo de *status* para o marido que estivesse ao lado – as jóias não estavam, comumente, nas fotografias das personagens pernambucanas no suplemento.

É bom sinalizar que, no caso da atriz, o recurso utilizado pelo jornal é a fotografia. No caso das dicas de cortes e vestidos dadas a suas leitoras, o recurso é da ilustração. O primeiro tem a assinatura da atriz com dedicatória ao jornal pernambucano. Não há referências – como boa parte da documentação analisada – sobre a autoria desses dois tipos de imagens. As fotografias, muitas vezes, possuem uma rubrica como forma de identificar a autoria. O jornalista e doutor em comunicação Jorge Pedro Sousa esclarece que, no caso das fotografias que atrizes eram representadas, as poses das mulheres estavam atreladas a uma tradição da fotografia em fins do século 19 que foi mantida no início do século 20. Esses registros eram quase “desenhos”.

De acordo com o pesquisador, esses primeiros fotógrafos “foram pintores”, pois, as grandes referências que os primeiros fotógrafos de imprensa tiveram foram as da pintura. Os editores resistiram, por muito tempo, em adotar a fotografia com o texto, porque, para época, a imagem desvalorizava a “seriedade da informação”. Esse quadro, ainda, só vem se modificar com a adoção da fotografia na cobertura da

180 FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009. p. 44.

181 Modas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1 de junho de 1924. Magasine, p. 7.

Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Para os países envolvidos no conflito, era uma forma de demonstrar – a partir de uma guerra simbólica de imagens – que estavam avançando contra seus respectivos inimigos no conflito. Foi só a partir desse período que as imagens começaram a sair das revistas ilustradas e ganharam uma atenção especial nos jornais impressos, que se acostumaram ao novo recurso. Reitera o pesquisador,

Provavelmente, a associação da fotografia à pintura e, portanto, à arte, terá sido também uma das razões que levou ao enquadramento das imagens fotográficas publicadas na imprensa por filetes floreados e outros motivos, como se tratasse da representação de uma moldura¹⁸².

Mas por que razão, por exemplo, explicar a grande diferença entre as mulheres do cinema das que eram reproduzidas pelas ilustrações? Um das justificativas é a técnica. No início do século 20, os fotojornalistas ainda operavam com *flashes* de magnésio e as máquinas menores continuavam enormes. O “fumo” do *flash* só permitia a realização de uma fotografia por assunto. Esse problema de ordem técnica também afastava o fotógrafo do personagem retratado. O cheiro do magnésio causava mal-estar. Foi nesse período, segundo Jorge Pedro Sousa, que apareceu um dos mitos da fotografia ocidental: o cultivo da foto única. Esta convenção levou os fotojornalistas a fotografarem diversos elementos para inserir numa única imagem. Era a forma de que a fotografia fosse “lida” facilmente pelo espectador. Por isso que boa parte dessas fotos produzidas na década de 1920, eram mais valorizadas pela nitidez e pela possibilidade de reprodução do que pelo seu valor “noticioso intrínseco”.

Por isso, talvez, a fotografia de Claire Adms esteja “recheada” de motivos femininos: como jóias, decotes... Em 5 de outubro de 1924, na matéria sem assinatura intitulada “A mulher na política”, o suplemento *Magasine* demonstra como a mulher deveria se portar nas instâncias de representação pública: como coadjuvante dos homens. “Mrs. Gordon Norris, presidente do Comité de Acção Política Progressista, recentemente fundado nos Estados Unidos para sustentar a candidatura La Follette á presidencia da Republica¹⁸³”, diz a legenda. A forma como a mulher é representada no jornal também reflete na diagramação – que a forma

182 SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005, p. 17.

183 A mulher na política. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de out. de 1924, *Magasine*, p. 7.

como os jornais impressos direcionam a localização na página de determinados assuntos. A reprodução de Mrs. Gordon Norris, por exemplo, está no canto inferior da página, sem nenhum destaque. As mulheres quase nunca estavam no centro da página. Sempre numa margem ou outra da página, diferentemente dos homens.

Num levantamento quantitativo entre as edições do suplemento *Magasine*, entre junho de 1924 e junho de 1925, podemos notar que, diferentemente da página de literatura do *Diario de Manhã*, o *Diario de Pernambuco* tinha como alvo principal as imagens e fotografias sobre as mulheres. Das 39 páginas analisadas, 57% delas têm reproduções de imagens e ilustrações femininas. As imagens de caráter “misto”, ou seja, que envolviam na mesma cena homens e mulheres, ficam com 22,45%. Por fim, as reproduções masculinas, com imagens e ilustrações exclusivamente sobre homens, ficam por último, com 20,41%. Os números do *Diario de Pernambuco*, revelados neste levantamento, podem sinalizar que o jornal mantinha como estratégia, ao utilizar essas imagens, dar um caráter normativo ao gênero feminino como forma de lidar com as mudanças da década de 1920. A maioria das representações femininas do *Magasine*, que envolvia além de literatura, temas como moda e cinema, estava ligada à forma como essas mulheres e adolescentes deveriam se vestir em público.

Para essas mulheres, quase sempre, eram utilizadas as legendas (pequenos textos abaixo de imagens). Tempos, ainda, como bem definiu Jorge Pedro Sousa,

quando textos e imagens nem sempre dialogavam na imprensa na década de 1920. Na fotografia titulada “O EXOTISMO NA BELLEZA”¹⁸⁴, podemos observar algumas opções editoriais e técnicas do jornal



Imagem 22 - A nudez era motivo de constrangimento. A reprodução de uma nota do *Magasine*, na edição de 11 de janeiro de 1925, demonstra uma índia com olhar triste por ser “selvagem”. Reprodução: Centro de Documentação do *Diario de Pernambuco* (Cedoc), D.A. Press

184 O exotismo na beleza. *Diario de Pernambuco*, Recife, 11 de jan. de 1925. *Magasine*, p. 7.

pernambucano. A escolhida para representar esse “exotismo” foi uma índia nua, com as mãos nos pés. “Como os civilizados, os selvagens teem também a preocupação da beleza pessoal, mas a sua mentalidade inferior os conduz a extravagancias horríveis, conforme documenta o cliché acima”, diz a legenda da fotografia. A índia estava com a cabeça baixa e com olhos fechados, passando a sensação de tristeza e vergonha. Na imagem, um alerta: extravagância poderia ser sinônimo de “selvageria”, “ridículo”, como a índia que estava ali representada na página.

Mas a nota do suplemento também demonstra outro recurso editorial. O uso ostensivo das legendas adjetivadas para reforçar as imagens como um “aprendizado”. Basta reparar, por exemplo, em palavras “beleza pessoal” e “extravagancias horríveis”. O reforço dessas imagens para informar o leitor está dentro do que o sociólogo e linguista Eliseo Verón¹⁸⁵ chama de “fragmento da realidade” dentro da *imprensa testemunhal*¹⁸⁶, nascida com a cobertura das duas grandes guerras mundiais e cujo valor “repousa inteiramente na singularidade irreduzível, única, daquilo que ela consegue mostrar¹⁸⁷”. Diz o sociólogo que, a imagem da imprensa testemunhal está estreitamente ligada a um discurso informativo que constrói o “real” (a atualidade) como nitidamente separado do discurso em si. Em outras palavras, é como se a imagem funcionasse como uma “realidade paralela” para reforçar posicionamentos e ideias dos jornais. Em nosso exemplo, a *beleza selvagem*: representada por uma mulher nua, indígena e triste, fora dos padrões para o gênero defendidos pelo suplemento.

O sociólogo também defende, na análise das imagens, a definição da *visualização de um conceito*. No caso da índia reproduzida pelo suplemento do *Diário de Pernambuco*, não existe um fato a ser explorado como um testemunho de um acontecimento factual. A imagem é utilizada para fins pedagógicos. É

185 O linguista e sociólogo Eliseo Vero, em seu *Fragmentos de um tecido*, defende, ainda, a conexão do estudo de imagens e textos, pois, segundo ele, na “análise do discurso, quando se trata de composições texto/imagem, a imagem nunca pode ser analisada em si mesma; ela não é separável dos elementos linguísticos que a acompanham, que a comentam”. IN VERON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004. p. 169

186 Nas ciências da comunicação, o conceito de imprensa testemunhal nasceu, sobretudo, em temas ligados ao jornalismo factual. Por exemplo, a queda de uma árvore que atrapalha o trânsito. Ao mostrar essa imagem, o veículo de comunicação justifica a matéria com a imagem associada ao texto. É a prova que o jornal estava na hora que aconteceu a notícia. Porém, a imprensa testemunhal no fotojornalismo está associada a outros temas, cuja intenção é o discurso informativo, que pode ser conferido, também, em temas ligados ao jornalismo cultural. No nosso caso, os suplementos literários.

187 VERON, Eliseo. *Ibidem*, 169

inexistente, por parte do jornal, a tentativa de justificar se a mulher retratada, de fato, é uma índia de verdade e qual o contexto em que a fotografia foi realizada. Ela é uma personagem imprecisa, sem nome e sem a identificação de sua tribo. “Texto e imagem remetem um ao outro em um equilíbrio semântico fechado. Circular, porque, na medida em que a natureza testemunhal da imagem foi completamente apagada¹⁸⁸”, diz o autor, que continua, “a visualização de um conceito, e não o testemunho do acontecimento singular, a possível imprecisão de certas imagens é automaticamente anuladas. (...) Ela é por definição, a partir do momento em que certo tema aparece associado a certa imagem¹⁸⁹”.

É o que acontece com a índia. A representação da mulher sem roupa, associada à falta de “civilização” não tem sua publicação por falta de elementos factuais. Informações da própria fazem dela um “espelho da realidade”. O olhar, os gestos e a falta de roupas estariam ligadas ao universo indígena. Esse tipo de recurso permite aos jornais, por exemplo, utilizarem “imagens genéricas” sobre determinados temas para assuntos variados. “A noção de fundo semântico justifica-se por este carácter abstrato das imagens, tiradas com maior ou menor precisão do repertório de fantasias icônicas dos meios de comunicação de massa, no limite da decoração¹⁹⁰”, diz Verón. “É por isso que o texto pode ser inscrito sobre a imagem. É por isso que os casos decorativos puros não nos parecem depender de uma outra modalidade; eles são, ao contrário, o caso-limite desse processo do fundo semântico¹⁹¹”. O autor conclui que a imagem testemunhal é muito mais que uma simples criação do “real”. É como se o leitor, graças a ela, também estivesse lá.

Essa é uma imprensa que também vai explorar esses usos das imagens como ferramenta de leitura. Ao analisar essas mudanças técnicas na década de 1920, a jornalista e historiadora da imprensa Marialva Carlos Barbosa trabalha a “função do leitor”. Acostumado com uma imprensa mais combativa no século 19, isso em termos de política, os leitores dos jornais impressos começam a ter contato com as primeiras narrativas jornalísticas fora dos textos convencionais nos suplementos literários. Mas, afinal, o que essa mudança implica? É que essas e outras imagens, associadas a textos, integraram esse pensamento do “mundo do relato” ao “mundo real”. Define a historiadora,

188 VERON, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004 p. 173

189 Idem.

190 VERON, Eliseo. Ibidem, p. 174

191 Idem.

A narrativa dos acontecimentos implica uma integração do leitor àquele mundo. Ao se identificar, sai de seu lugar natural (o de leitor) e se integra ao mundo do relato, para depois voltar novamente ao seu lugar natural. Ao voltar é uma outra pessoa: cada narrativa produz uma mutação naquele que a realiza. Evidentemente, quando evocamos essas premissas não nos referimos a um leitor particular ou específico, mas a uma 'função' de leitor, implícita no texto, da mesma maneira que implícita também está a função do narrador¹⁹².

Em tempos em que mulheres começaram a frequentar teatros, recitais, enfim, ganhar as ruas, seja para divertimentos, para se educar ou mesmo trabalhar, o *Diario* queria mesmo que seus corpos estivessem, de fato, cobertos e com poucas cores. A leitura dessas narrativas, em imagens, reforçadas em textos, registravam como o passar dos tempos era visto pela publicação, e, claro, pelos seus jornalistas. Em modelos sugeridos pelo jornal às recifenses, podemos notar como os vestidos eram longos. Em uma seção de moda de 22 de junho de 1924¹⁹³, por exemplo, os tecidos iam até os tornozelos das mulheres. Os braços, um deles, era coberto com



babados. Em outros, os braços ficavam escondidos por mangas compridas. Na “toilette para jantar” era composto por seda lavável, ricamente padroada, com flores em três cores e debruado com vendas de seda. Não muito diferente era a outra peça, denominada de “capa para teatro”. Era simples, com duvetina preta e babados de taffeté azul escuro. O forro era de setim (na regra atual da língua

Imagem 23 - O Magasine preferia indicar os vestidos mais longos, a exemplo da seção de modas publicada na edição de 22 de junho de 1924. Reprodução: Centro de Documentação do Diario de Pernambuco (Cedoc), D. A. Press

192 BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro, Mauad, 2007, p. 55.

193 Modas. **Diario de Pernambuco**, Recife, 22 de junho de 1924. Magasine. p. 7.

portuguesa, cetim).

Os jornalistas do *Diario* queriam mulheres mais cobertas. Sem movimento. Eles também diferenciavam as roupas para “mulheres adultas” e para as chamadas “mocinhas”, as adolescentes. As meninas mais novas eram cópias das mulheres mais velhas. O que mudava, na teoria, eram as estampas. Enquanto as mais velhas eram condenadas a tons mais sóbrios em tonalidades mais escuras, as mais jovens apostavam em tonalidades como o azul claro e em tecidos como setim. Aplicações de ouro fosco também eram permitidas. Mas, claro, a tonalidade do ouro não era das mais reluzentes. A mocinha tinha as pernas cobertas, mas não como os vestidos longos, na altura dos pés, como os das mulheres mais velhas. Ela usava um acessório: as meias de algodão. Esses vestidos eram mesmo para as “mocinhas¹⁹⁴” ...

E como essas imagens de caráter normativo dialogavam na página do jornal? Em textos de caráter anti-feminista, como aconteceu em 10 de agosto de 1924, com um artigo assinado por uma mulher, Maria Amalla de Vaz Carvalho. Era algo raro uma mulher na publicação de textos nesses jornais, que se posicionava contra a própria autonomia das mulheres. Eram aliadas a um tempo em que não poderiam trabalhar, andar sozinhas na rua e tinham que se dedicar, exclusivamente, ao lar, ao marido e, claro, aos filhos. Maria Amalla critica a postura de legisladores – deputados e vereadores – em propor a abertura e popularização do ensino para mulheres. Mesmo aceitando esses novos tempos, ela acreditava que as escolas fossem destinadas para que as meninas aprendessem a ser submissas às leis incompatíveis com a natureza, que as criou para serem mães e esposas.

Na sua 'Sociologia', Herbert Spencer diz estas palavras profundamente sentidas: 'Se as mulheres compreendessem bem tudo que abraça a esphera da vida domestica, nunca reclamariam para fazer parte de outra. Se ellas soubessem tudo que importa e inclue a boa educação dos filhos, da qual o circuito completo, ellas não ambicionariam funcção mais elevada e mais nobre'. O que eu sonho, embora saiba que é um sonho irrealizavel, é um lyceu onde ellas aprendessem isto mesmo, onde um methodo são, vivificador, (palavra incompreensível), um daquelles methodos de que Froebel teve a intuição genial de todos os deveres da sua condição complexa, que requer tanta força e tanta humildade, tanta energia e tanto amor, tamanha presciencia e tão inesgotavel dedicação¹⁹⁵.

194 Modas. **Diario de Pernambuco**, Recife, 3 de ago. de 1924. Magasine, p. 7.

195 CARVALHO, Maria Amalla. Educação e instrução. **Diario de Pernambuco**, Recife, 10 de ago. de 1924. Magasine, p. 7.

Na mesma edição que o artigo foi publicado, imagens de um figurino ideal de uma mulher: cheio de tecidos e meias grossas de algodão para cobrir as pernas. A historiadora Natália Conceição Silva Barros reforça que, além de casos como esse de uma mulher ser contra a própria mulher, existiam na cidade toda uma rede de intelectualidade masculina pensando a “mundinidade feminina”, destacando a importância desse tipo de pensamento no imaginário coletivo da época. “Porque as narrativas são instituidoras de espaços e sensibilidades. Não são nuvens que se desfazem ao sabor dos ventos. Elas possuem densidade e criam efeitos nos leitores¹⁹⁶”, reforça a historiadora, ao destacar que, após a leitura de um filme, a leitura de um jornal e de uma revista, ficamos ruminando ideias e imagens, recriando-as, inclusive, para o mundo real, de forma despercebida.

É nesta época que o *Diario* e a imprensa pernambucana contavam com o pensamento de intelectuais como Mario Sette, que, em tom saudosista, conta as práticas de relações de gênero com o retrovisor (apontado para o passado). Para reforçar seu estranhamento, expressões como “antigamente, naqueles tempos, outrora”... Semanalmente, o jornal também se posicionava contra o feminismo em matérias de caráter factual, e não como as do suplemento que nós analisamos, que eram publicadas, aos fins de semana. Para a publicação, o feminismo não era apenas um movimento ou conjunto de reivindicações políticas para um gênero historicamente reprimido. Era, antes de tudo, um arcabouço de valores que poderia tirar da mulher seu caráter original, desvinculando-a do lar e até a “masculizando”. Elas poderiam ser iguais aos homens? Mas essas imagens e textos também ganharam tons de agressão física. As mulheres, além de pertencer ao lar, poderiam ser alvos da violência masculina no *Magasine*.

3.3 No *Magasine*, homens podem “agredir” as mulheres

Ela bem tenta se proteger. Seu olhar já demonstra sofrimento. Será ela uma vítima de agressões constantes? A atriz Laura Windashop figura a seção *Estrelas do cinema*, do *Magasine*, do *Diario de Pernambuco*, de uma forma desconfortável aos olhos de hoje. O jornal chama a atenção para ela e o ator Georges Fawcett. A atriz é

196 BARROS, Natália Conceição Silva. Os arriscados voos da vida: práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 53.

descrita como “galante”, mas as suas expressões não vão de acordo com o texto. Na reprodução da fotografia, que não tem autoria identificada, Georges, possivelmente num estúdio de gravação, simula uma agressão física contra a personagem. Seu braço pode atingir o rosto da colega, que, mesmo levantando o cotovelo na tentativa de se proteger, dá a entender que aceita a agressão. A reação da artista não é de revide. É de aceitação. Ela está com medo. A imagem demonstra como esse conteúdo anti-feminista do jornal dialoga com imagens. Muitas delas fortes, simulando situações que poderiam ser aceitas fora das páginas da imprensa em fins da década de 1920.

A imagem tem um tratamento especial, usa moldura, na tentativa de valorizar o mito da “foto única”, como já sinalizou Jorge Pedro Sousa. O aparato técnico segue o roteiro do uso de imagens no período: uma legenda, como se imagens já fossem suficientes para transmitir opiniões e valores. “O notável actor Georges Fawcett e a galante actriz Laure Windashop¹⁹⁷”, informa a publicação. Dele, são



Imagem 24 - A simulação de agressões físicas contra mulheres também estavam entre as representações do Magazine, no Diário de Pernambuco. Na seção das estrelas de cinema do dia 5 de abril de 1925, uma mulher parece aceitar a agressão masculina. Reprodução: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco (Cedoc), D.A. Press

valorizadas as questões profissionais. É apresentado como notável. Ela, apenas aspectos físicos, “galante”. Não existe a indicação do filme que os dois atores estavam estrelando na época. Mas, pela imagem, parte do enredo pode ser decifrado pelo leitor: as roupas do ator demonstram certa autoridade. Ele ostenta algumas estrelas ou comandas em seu paletó. Seria chefe ou

197 Estrelas do cinema. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de abr. de 1925. Magazine, p. 7.

uma pessoa reconhecida perante a sociedade? Ela, com trajes que lembram os de uma camponesa ou funcionária do lar, veste uma camisa longa, de cor branca, que tem sob proteção uma jardineira de cor preta. O que essa mulher representa na produção cinematográfica em questão? Seria a mulher do personagem ou sua empregada?

As historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott enfatizam que a submissão da mulher, sobretudo na década de 1920, era sacramentada pela jurisprudência vigente no Brasil. Por exemplo, no Código Civil de 1916, o homem, chefe da família, era o representante legal do casal, administrador dos bens comuns, inclusive, os herdados pela mulher. Era do homem, ainda, a responsabilidade de fixar ou mudar de domicílio à família. Para as historiadoras, a “nova ordem” jurídica no começo do século 20 incorporava e legalizava o modelo que concebia a mulher como dependente e subordinada ao homem. A mulher, inclusive, era inabilitada para o exercício de determinados atos civis, comparada aos menores de idade e aos índios. O direito da mulher casada de trabalhar iria depender da autorização do marido. Declaram as historiadoras,

Usos e costumes, porém, revelam que o âmbito do poder do marido ia mais longe do que o previsto pela lei. A ele cabia deliberar sobre as questões mais importantes que envolviam o núcleo familiar: a apropriação e a distribuição dos recursos materiais e simbólicos no interior da família, o uso da violência considerada 'legítima', cujos limites eram debilmente contornados por aquilo que se considerava excessivo, e o controle sobre aspectos fundamentais da vida dos familiares, como as decisões sobre a escolha do tipo e local da formação educacional e profissional dos filhos¹⁹⁸.

Bem diferente é a representação do masculino no *Magasine*, lá, além de serem apresentados enquanto produtores de conteúdos e teses científicas, os homens eram os aventureiros, os desbravadores. Na matéria “Raid Recife... São Paulo¹⁹⁹”, publicada em 24 de agosto de 1924, o jornal sai do modelo em que fotos e textos não combinam. Para eles, é dedicada uma reprodução de uma fotografia, no meio da página do jornal, em destaque, diferente das mulheres, que sempre estavam na “ponta” da escolha da diagramação. Além da imagem, uma legenda generosa para explicar as aventuras de seis homens envolvidos numa trilha, por terra, entre as cidades de Recife e São Paulo. Novamente, diferente delas, eles são

198 MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recôndidos do mundo feminino. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 376.

199 Raid Recife... São Paulo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 de ago. de 1924, *Magasine*, p. 7.

nomeados. Têm nome e sobrenome. A publicação faz questão que todos sejam reconhecidos. No cenário, para reforçar a imagem masculina, lanças e armas. Os personagens estão representados na foto simetricamente, três por três.

“Os intrepidos escoteiros pernambucanos que acabam de vencer com a maior galherdia o arriscado raid pedestre Recife-São Paulo”, destacava a legenda da imagem, que completava: “Da esquerda para a direita: de pé, José Alves Pedrosa, Manoel Luiz da Silva (chefe) e Jason Falcão; ajoelhados: Affonso Soares, Abelardo Pereira (monitor) e Domingos José Fialho²⁰⁰”. Eram esses personagens que não poderiam passar anônimos para os leitores do suplemento de variedades do *Diário de Pernambuco*. Sobre a imagem, outras observações. Todos olham de frente para câmara, encaram o fotógrafo, o olhar também é altivo. José Alves Pedrosa, por exemplo, aparece na imagem dando a impressão que poderia fazer um movimento a qualquer momento com sua lança. Quem não tinha movimento nas páginas do jornal eram as mulheres. Eles, por sua vez, estavam associados à bravura, nem que essa estivesse associada à violência física.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *Nordestino: a invenção do 'falo'*, revela que esse “novo conceito de masculinidade” nasce com o Golpe da República, em 1889. O movimento republicano, que pôs fim ao regime monárquico constitucional, “seria um movimento de machos em busca da mulher ideal”. Essa era a representação política analisada pelo sociólogo Gilberto Freyre, em *Ordem e progresso*, publicado originalmente em 1957, quando associada à figura do imperador D. Pedro II como um “velho sem ação”. Os primeiros presidentes republicanos representavam a “ordem e o domínio, quando não o autoritarismo e o conservadorismo; o feminino representava a desordem e a passividade, quando não a mudança e o fim das hierarquias²⁰¹”.

Porém, atesta Durval, esse sentimento de renovação com a política republicana entra em crise, sobretudo no governo de Epitácio Pessoa, entre os anos de 1919 a 1922. Setores militares não se sentiam representados pelo poder político ser tomado por civis. Da elite republicana inicial, houve os primeiros afastamentos. Era como se a República, numa outra analogia, continuasse a ser uma mulher ideal, mas difícil de lidar, assim como as novas demandas da sociedade da década de

200 Raid Recife... São Paulo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 de ago. de 1924, Magasine, p. 7.

201 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: a invenção do 'falo'** – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013. p. 85.

1920. O antigo Norte agrário, onde estava localizado o *Diário de Pernambuco*, então, optou por radicalizar num discurso contra as características de “feminização e desvirilização da política”. Como trocar militares por civis? O jornal conviveu com o discurso de que atribuíam “o declínio da região à desvirilização das novas gerações de bacharéis urbanizados, civilizados à européia, delicados em suas vestimentas de punho, de renda, com seus discursos melífluos e retórica aprendidas nas academias²⁰²”. Era preciso “reagir” a perda desses valores.

O jornal enxergava essas relações de gênero como a representação de um verdadeiro “jogo social”. Numa matéria do *Magasine* intitulada “A mulher e o jogo”, o impresso faz uma reflexão de uma “queda” que o gênero feminino tem pelas apostas de azar. Os jornalistas evocam textos bíblicos, como a história de Eva, que seduziu num jogo Adão, com uma maçã. A nudez de Eva, analisada no texto ao lado de imagens com vestidos longos, sugeridos pelo próprio jornal, seria responsável pelo nascimento de várias “rapozas”. Mas quem seguraria essas mudanças nos modos e nas vestimentas das mulheres? O texto conclui que era um caso de polícia. “O certo, porém, é que, se não fosse a polícia, entidade que amedronta a muita gente que se proclama honesta, as casas que vendem tecidos para a roupagem femininas veriam permanecer os stooks nas prateleiras e bem diminuídos seus vultosos proventos²⁰³”. A violência contra essas mudanças sociais estava em uma via de mão dupla. Tanto pela imprensa, como pelas autoridades competentes, no caso a polícia, evocada pelo jornal recifense.

“Seja o tempo quando for é

Imagem 25 - No Magasine, os homens são identificados por suas aventuras, a exemplo da matéria de 24 de agosto de 1924. Em pé, eles olham diretamente para a câmera. Reprodução: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco (Cedoc), D. A. Press



202 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: a invenção do 'falo' – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013, p. 89.

203 A mulher e o jogo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 de mai. de 1925. *Magasine*, p. 5.

sempre novo”
Mauro Mota



de Lima Amaral

Considerações finais

Os jornais *Diario de Pernambuco* e *Diario da Manhã* fizeram parte de uma nova realidade do jornalismo brasileiro que começou no Rio de Janeiro, em fins do século 19, e em Pernambuco, mais precisamente, no início do século 20²⁰⁴. As duas publicações são frutos do começo da profissionalização do jornal enquanto produto industrial. Esse foi o momento em que a circulação, a tiragem, os aspectos gráficos e linguísticos ganhavam mais importância para os produtores de conteúdo. Tanto é que, para atrair novos/as leitores/as e manter os literatos que gozavam de uma parceria desde o século 19, os jornais começaram a publicar os suplementos literários em suas edições. Os suplementos, neste sentido, se transformaram em umas das primeiras experiências do jornalismo cultural brasileiro. Sua publicação fez parte da “modernização” da imprensa e da sociedade, termo tão valorizado na época.

Com homens dirigindo essas empresas jornalísticas, tanto na questão administrativa como do ponto de vista da redação, a exemplo da gestão de Carlos Lyra Filho e de Gilberto Freyre no *Diario*, as mulheres se tornaram alvos fáceis de suas discussões. Sob o olhar da imprensa dos suplementos, a mulher era uma espécie de objeto masculino. Objeto não no sentido apenas sexual, mas objetos editorial e analítico. Esse jornalismo cultural do período estava preocupado de forma excessiva com o gênero feminino. Demonstramos isso do ponto de vista da produção dos textos, na análise dos artigos, contos e poesias, além das imagens. Elas estavam no centro da discussão de um mundo que estava se transformando. Essas mudanças, no entanto, precisavam ser “controladas” e seu embate era na imprensa, cuja leitura era praticada por homens e mulheres. Ao ler determinadas informações, por exemplo, as mulheres poderiam ser instruídas a respeito dos “riscos” que as alterações na vida do mundo moderno representavam para si e suas respectivas famílias.

Como destacamos no começo deste trabalho, não poderíamos realizar um estudo de recepção. Ou seja, de como os/as leitores/as liam esses jornais por conta da distância temporal de nosso objeto de estudo. Mas, ao analisar os anúncios que eram publicados tanto diretamente no suplemento como no *Diario da Manhã* e no *Diario de Pernambuco*, podemos afirmar que essas mulheres, além de serem tema de discussão masculina, faziam parte desse mundo das letras. Muitos dos anúncios

204 BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 117.

publicados eram dirigidos diretamente a elas, a exemplo de lojas de chapéus, de roupas ou em propagandas para que as mães tivessem melhores cuidados com a saúde de seus filhos, isso comprando determinados medicamentos em farmácias espalhadas pela cidade.

Quando não estavam na figura de leitoras ou possíveis compradoras de produtos, essas mulheres também escreviam. Os suplementos também nos dão pistas do mundo dos sentimentos das mulheres nesta sociedade desigual, do ponto de vista das relações de gênero, em fins da década de 1920. Poesias como “Alguns dos meus silêncios²⁰⁵”, publicadas por Debóra de Rêgo Monteiro no *Diário de Pernambuco*, remetendo a condição feminina à tristeza, à aceitação e à solidão reforçam o pensamento de que a imprensa que se vendia como “moderna” não tinha mudado em termos editoriais, mas apenas em questões técnicas. A concepção gráfica do jornal, suas novas sedes e a maior frequência no uso de agências internacionais de notícia não mudaram o quadro e a forma de conceber a vida em sociedade nas páginas dessas publicações tradicionais. No século 19, ou seja, num período anterior, as mulheres mantinham a mesma forma e a temática na maioria de suas poesias e escrita. O jeito “doce”, a forma “amena” de reivindicar direitos ou de demonstrar sofrimento permaneceram como herança do Império do Brasil (1822-1889) para meados da Primeira República (1889-1930) nesses suplementos.

Para isso, mesmo com a virada do século, os jornalistas e editores destes suplementos utilizavam, ironicamente, técnicas “modernas” de seu tempo para manter os velhos padrões de pensamento. Era um diálogo do novo com o velho na resistência dessas mudanças. Um dos exemplos é o uso das legendas para resumir a participação das mulheres nos suplementos. Muitas vezes, elas estavam apenas como uma mera fotografia ou ilustração. Não tinham sobrenome, e, quando não eram atrizes, geralmente eram identificadas sem profissão ou ocupação. Em contraposição a esse quadro, estão os homens. Esses, sim, além de muitas vezes terem o privilégio de ter suas fotografias exibidas ao lado de seus artigos, eram devidamente registrados enquanto produtores de conteúdo. Os textos sobre o universo masculino nos suplementos literários eram completos. O leitor não deixava de ter informações mais precisas de fatos quando os homens eram os protagonistas.

205 MONTEIRO, Débora do Rêgo. Alguns dos meus silêncios. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 de set. de 1924. Magasine, p. 7.

Aliás, as imagens publicadas nestes jornais, e em seus suplementos literários, faziam parte de outra novidade “moderna”. Apesar de ser usada em jornais deste o século 19, de forma mais tímida, as fotografias e ilustrações ganham força nestes suplementos na década de 1920 como algo mais rotineiro. As imagens também fazem o diálogo do novo, do ponto de vista técnico, com o velho, no campo editorial. Nas fotografias e ilustrações, os suplementos tinham nas mulheres um instrumento de transmissão de conteúdo sem palavras numa sociedade ainda pouco alfabetizada. Com dois padrões distintos, as mulheres ficavam na dicotomia das estrelas do cinema e da mulher comum. A primeira era mais ousada, mas não deveria ser copiada pela segunda. Sobre donas de casa, os conselhos eram muitos: cores sóbrias, vestidos planejados para ocasiões específicas e muito cuidado na hora de usar acessórios impróprios para determinadas ocasiões. As imagens também estavam sendo usadas como instrumento pedagógico.

Um dos casos de exceção neste quadro fica para a produção do artista plástico e ilustrador Lula Cardoso Ayres no *Diário da Manhã*. Suas mulheres já demonstravam que tinham algum movimento e, melhor, aparentemente não se sentiam constrangidas por estarem vivendo em tempos de mudança. O quadro mudava em relação ao *Diário de Pernambuco* que, sem qualquer cerimônia, reproduzia imagens de filmes nas quais as mulheres eram alvo de agressões físicas, levando a considerarmos que a violência contra a mulher no período era algo considerado “normal”, ou mesmo do cotidiano. Claro, isso se as regras, algumas delas expostas no suplemento, como a fidelidade conjugal, fossem infringidas. Existia um mundo de normas e atitudes que eram esperadas das mulheres e dos homens neste jogo social no início do século 20.

O ambiente das redações também contribuía para que os suplementos adotassem esse perfil de resistência em relação tanto às mudanças sociais como seus efeitos nas relações de gênero. O próprio Gilberto Freyre, que no período estava à frente da redação do *Diário de Pernambuco*, demonstrava que mulher estava no segundo plano. No cruzamento das informações de seu livro de memórias com as edições dos suplementos, notamos que em pequenos gestos de tratamento no discurso faziam e ainda fazem diferença. Ao citar, por exemplo, a edição dos 100º do jornal, na qual foi o organizador, Freyre destaca entre os grandes nomes apenas os intelectuais masculinos em sua biografia. Mesmo conquistando mais de

uma página com um artigo sobre a participação da mulher na história de Pernambuco, a escritora e professora Edwiges de Sá Pereira não foi mencionada.

A geografia da predominância masculina também estava na redação no *Diário da Manhã*. Lá, apesar do reconhecimento dos aspectos gráficos considerados avançados para a época²⁰⁶, a empresa era gerida por um grupo com interesses políticos no Estado: a família de Lima Cavalcanti, que, posteriormente ao período em que analisamos nesta pesquisa, governou o Estado de Pernambuco com o então diretor e proprietário da publicação: Carlos de Lima Cavalcanti. O dono do jornal foi interventor, entre os anos de 1930 a 1935, e governador eleito pela Assembleia Legislativa, de 1935 a 1937. Em nenhum dos momentos, Carlos de Lima Cavalcanti foi eleito pelo voto direto. No seu jornal, fora do suplemento, era comum artigos elogiando formas de governo autoritárias e destacando o pensamento de figuras como o jornalista do Partido Fascista Italiano e também ditador, Benito Mussolini. Era desse jornal que conviviam o moderno Lula Cardoso Ayres, sua diagramação inovadora, mas, em contraposição, a resistência a temas de interesse feminino numa estrutura editorial de um clã político.

Também avaliamos a importância desse trabalho atualmente em um contexto no qual uma “nova onda conservadora” na política, sobretudo à ligada ao segmento evangélico, tenta barrar o ensino, sob a influência da teoria de gênero, em escolas públicas e particulares. Mencionamos, paralelamente a isso, mesmo estando em períodos históricos distintos, a continuidade da imprensa em reforçar velhas representações de imagens do masculino e do feminino em seus jornais impressos. Passados quase 100 anos, ainda é comum ler em nossas publicações a exploração da mulher enquanto objeto de desejo masculino e a preponderância do homem na representação (e seu poder) em diversos cadernos desses jornais, como os de política, de economia e de cultura. Como estão representadas essas mulheres do século 21? São perguntas que, ao elucidar o ambiente dos suplementos literários recifenses na década de 1920, teremos algumas respostas.

Por fim, destacamos que a tradição dos suplementos literários foi mantida e chegou no seu auge nas décadas 1940 e 1950, tanto na imprensa brasileira como na pernambucana. Em 17 de agosto de 1947, o *Diário de Pernambuco* inicia a publicação de seu mais famoso suplemento. Editado pelo jornalista e poeta Mauro

206 NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol. III. Recife: Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 1967, p. 275.

Mota – pernambucano imortal da Academia Brasileira de Letras –, o caderno literário foi um dos responsáveis por aglutinar tardiamente a chamada “Geração de 45”, conhecida como a segunda fase do Modernismo no Brasil, entre os anos de 1930 a 1945. As atividades do suplemento, que era denominado *Quatro Páginas*, agregavam nomes nacionais e locais, como Ariano Suassuna, Carlos Pena Filho, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, Osman Lins, Samuel Wainer, Vinícius de Moraes, entre outros.

Curiosamente, o ex-presidente da República, José Sarney, colaborava com o suplemento. Na época, Sarney era dirigente do suplemento literário do jornal *O Imparcial*, dos *Diários Associados*, no Estado do Maranhão. O suplemento de Mauro Mota era publicado como um segundo caderno do jornal recifense. A literatura abria a publicação, mas assuntos voltados ao mundo da moda, ao cinema e ao teatro também estavam na pauta. Poesias, críticas literárias e anúncios de novos livros eram um dos principais assuntos. “Em pouco tempo ganhou densidade, projetou-se e passou a oito, a 10, a 12, a 16 páginas. Nem tudo era literatura, é verdade, mas ela deu substância ao Suplemento e parecia ser seu carro-chefe”, diz o jornalista Jodeval Duarte no estudo sobre o suplemento do *Diário*²⁰⁷.

Nos 12 anos de atividade, o jornalista Tadeu Rocha, chegou a defender que o suplemento de Mauro Mota foi capaz de criar um segundo movimento regionalista na região Nordeste. Se a avaliação literária é ousada, não podemos negar que, enquanto produto jornalístico, o suplemento *Quatro Páginas* representou uma evolução do que a imprensa brasileira começou a ensaiar na década de 1920. Alterações que, apesar do tempo, não mudaram radicalmente a cena do jornalismo. O próprio Mauro Mota teve aspectos profissionais que lembram os seus antepassados na redação do *Diário* no início do século 20. O jornalista não tinha a imprensa como sua única atividade profissional, trabalhando na mesma época como superintendente da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Uma receita fruto da falta de profissionalização do jornalismo e sua ligação estreita com o mundo literário em meados do século 20²⁰⁸.

Nos dias atuais, por conta da redução do número de jornalistas nas redações e do enxugamento dos impressos, os suplementos literários, com este formato, não

207 DUARTE, Jodeval. **Agitação cultural**: o suplemento e Mauro Mota. Recife: Comunigraf, 2001. p. 26.

208 PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987, p. 119.

são mais publicados na imprensa brasileira. Durante a semana, os cadernos culturais atendem essa demanda com reportagens que mesclam desde a literatura até resenhas de telenovelas. Outra realidade do jornalismo brasileiro. Essas páginas dos suplementos na imprensa, distantes de nosso tempo, continuam atuais na tentativa de entender como homens e mulheres se relacionam na sociedade e até mesmo dentro dos meios de comunicação. Pois, o passado continua vivo e cabe a nós, a partir de discussões, avançarmos no tema de extrema necessidade: a igualdade de gênero. Afinal, como já advertia Mauro Mota: “Seja o tempo quando for é sempre novo²⁰⁹”.

209 FERREIRA, Luzilá. **O tempo sem remédio na farmácia**: uma leitura da obra de Mauro Mota. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1982, p. 51.



Referencial

1.1 Documental:

Diário de Pernambuco (edições entre os anos de 1924 – 1925)

O acesso à documentação do Diário de Pernambuco foi por meio de páginas digitalizadas fornecidas pela *D.A. Press*, empresa do grupo Diários Associados, proprietário do jornal.

Diário da Manhã – (edições entre os anos de 1927 – 1928)

Acessados por meio da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), que realizou a digitalização de todos os exemplares do jornal que estavam sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje)

1.2 Bibliográfico:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: a invenção do 'falo' – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

ARAÚJO, Rita de Cássia de. **A cultura da praia**: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940. XXIX Congresso Alas Chile, 2013.

BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica**: história da imprensa brasileira (v. I). Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Operários do Pensamento**: Visões de Mundo dos Tipógrafos do Rio de Janeiro (1880-1920). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro: 1992.

BARROS, Natália Conceição Silva. Os arriscados voos da vida: práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BESSE, Susan K. **Modernizando a Desigualdade**: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro** – História dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: 2006.

CLAIZONE, Débora Halide. **A ordem pelo avesso**: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

COUCEIRO, Sylvia. Entre festas, passeios e esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920. IN BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

DUARTE, Jodeval. **Agitação cultural**: o suplemento e Mauro Mota. Recife: Comunigraf, 2001.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; ALVES, Ilva; FONTES, Nancy Rita. **Suaves amazonas**: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

FERREIRA, Luzilá. **O tempo sem remédio na farmácia**: uma leitura da obra de Mauro Mota. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1982.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). São Paulo: Global.

JAPIASSU, Ricardo. **Ideias europeias nos trópicos**: Alice Pimenta e o Comunismo. Faculdade Damas – Caderno de Relações Internacionais. V. 3, n. 5, 2012.

JAMBO, Arnaldo. Diário de Pernambuco: **História e Jornal de Quinze Décadas**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1975.

LEITÃO, Ricardo. **Manual de redação**. Diário de Pernambuco, o seu Líder Diário. Recife: Edição dos Diários Associados no Nordeste, 1991.

LIMA, Rafael Leite Efrem. **Estética moderna no design pernambucano**: Lula Cardoso Ayres. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, CAC, Design, 2011.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O bairro do Recife**: entre o Corpo Santo e Marco Zero. Recife: Cepe/Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. IN LUCA, Tania Maria Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **O debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870-1920)**. Cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELO, Alexandre Vieira da Silva. **Do flirt, do footing, da Rua Nova**: Melindrosas e almofadinhas no Recife na década de 1920. Dissertação de mestrado em história. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), 2015.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo** – identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. IN LINHARES, Maria Yeda. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: 1990.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTT, Maria Lucia; MALUF, Marina. Recôndidos do mundo feminino. IN SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **Por uma igualdade emancipadora da mulher**: Edwiges Sá e Martha de Hollanda, feministas em luta pela cidadania política em Pernambuco dos anos 30. XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, V. I. Recife: Editora Universidade Federal de Pernambuco, 1968, p. 39.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (v. III). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1967.

PALMEIRA, Juliana Dias; PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Bloco misto**: a presença das mulheres no carnaval de rua do Recife/PE na década de vinte do século XX. Dimensões, vol. 33, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Antônio Paulo. A questão da autonomia e a classe trabalhadora (1921/1922). IN REZENDE, Antônio Paulo (org.). **Recife: que História é essa?** Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987.

SCHUMA, Schmader; BRAZIL, Érico Vidal. **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Antropologia e história**: embates em região de fronteira. IN SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n.2, jul-dez, 1995.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SIQUEIRA, Elizabeth Santos (Org.). **Um discurso feminino possível**: pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Recife**: notas em torno da gênese de um campo cultural. *Clio. Revista de Pesquisa Histórica*. Nº 32.2.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê, 2001.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio: Biblioteca do Exército Ed., 1995.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

VIZEU, Alfredo. **Gilberto Freyre e os manuais de redação**. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Pós Com-Metodista, a. 29, n. 50, p. 163-177, 2. sem. 2008.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.